

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOSÉ AIRTON ALBUQUERQUE TORRES

**PRESSUPOSTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL E MASSIFICAÇÃO DA
JUVENTUDE, NUMA PERSPECTIVA DE ADORNO E HORKHEIMER**

Recife

2019

JOSÉ AIRTON ALBUQUERQUE TORRES

**PRESSUPOSTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL E MASSIFICAÇÃO DA
JUVENTUDE, NUMA PERSPECTIVA DE ADORNO E HORKHEIMER**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima.

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

T693p Torres, José Airton Albuquerque.
Pressupostos da indústria cultural e massificação da juventude, numa perspectiva de Adorno e Horkheimer / José Airton Albuquerque Torres. – 2019.
134 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Walter Matias Lima.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em Filosofia, Recife, 2019.
Inclui referências e apêndice.

1. Filosofia. 2. Juventude. 3. Educação. 4. Aprendizagem. 5. Comunicação de massa. 6. Indústria cultural. I. Lima, Walter Matias (Orientador). II. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-110)

JOSÉ AIRTON ALBUQUERQUE TORRES

**PRESSUPOSTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL E MASSIFICAÇÃO DA
JUVENTUDE, NUMA PERSPECTIVA DE ADORNO E HORKHEIMER**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: 27 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Matias Lima (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Alagoas (Campus Arapiraca)

Dedico esse trabalho às minhas filhas Márcia, Stherfanny, Camila, Lavynia e Clara Grazyelle, como motivação. Para as minhas netas Nicholle, Yasmin e Sarah, como legado. Para a minha esposa Sandra, meus enteados Ariane e Thiago e toda a família pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, os irmãos Aparecido Lima e Anderson Lima pela persistência nesta conquista.

Ao professor Junot Matos, pelo carisma e afeto, e em especial, ao meu orientador professor Walter Matias, pelo profissionalismo e amizade.

A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com mestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno onipresente. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.122).

RESUMO

Esta dissertação se propôs ao estudo da juventude, especificamente aquela localizada nos anos finais do ensino médio das escolas públicas, tomando como referência desse universo de pesquisa, uma escola modelo do estado de Alagoas. Nosso objetivo foi relacionar o nível de aprendizado dos jovens, a medida do comprometimento do seu tempo livre, com o uso indiscriminado das mídias tecnológicas de comunicação de massa e de entretenimento. Para tanto, se fez necessário à estruturação dos conceitos basilares da indústria cultural, da ideologia, da alienação e da categoria trabalho, relacionando-os com os princípios norteadores de uma educação para a emancipação e esclarecimento, se valendo para tal, dos ensinamentos de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Também foram importantes na formulação deste trabalho, os aspectos comparativos entre a qualidade do ensino das escolas públicas, com aquele ofertado pela rede particular de ensino, principalmente no tocante a ascensão aos cursos universitários e na qualificação profissional para o mercado de trabalho. Para tanto, materializamos nosso estudo em uma pesquisa de campo, em formato de questionário, com perguntas objetivas e subjetivas, analisadas, a partir da metodologia da Análise de Conteúdo, fornecida pelas obras de Laurence Bardin e Maria Laura Franco, onde os critérios quantitativos e qualitativos, correspondentes às respostas fornecidas foram suficientes para as conclusões desse estudo.

Palavras-chave: Juventude. Indústria Cultural. Educação. Emancipação.

ABSTRACT

The aim of this dissertation was to study the youth, specifically the final years of students in public high schools using a school in the State of Alagoas, Brazil as a reference. We proposed to evaluate the correlation between the learning level of high school youth, the vulnerability of their free time, and the indiscriminate use of social media and entertainment technologies. To do so, it was necessary to structure the basic concepts of cultural industry, ideology, alienation, and category of work, and relate them to the guiding principles of education for emancipation and enlightenment based on contributions of Theodor Adorno and Max Horkheimer. This study also considered the comparative aspects between the quality of education provided by the public-school network and the private-school network, especially regarding students' admissions to college and university courses and post-secondary professional qualification to enter the labor market. A field survey was performed through the application of a structured questionnaire with objective and subjective questions and results were analyzed using Content Analysis Methodology according to Laurence Bardin and Maria Laura Franco. Quantitative and qualitative criteria abstracted from the questionnaire results were enough to provide conclusions to this study.

Keywords: Cultural Industry. Education. Emancipation. Youth.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	INDÚSTRIA CULTURAL E CULTURA DE MASSA	14
3	EDUCAÇÃO E JUVENTUDE	45
4	JUVENTUDE E EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO CONCRETO	76
5	CONCLUSÃO	124
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA	128

1 INTRODUÇÃO

A juventude tem se mostrado cada vez mais complexa ao longo do tempo. Nesse sentido, já não se pode mais falar dela no singular, temos que adotar seu aspecto de pluralidade para poder compreendê-la e, assim, talvez lhe conhecer melhor. Além disso, também já não podemos caracterizá-la como algo determinado pela faixa etária, há muito, isso deixou de ser um referencial para identificá-la. E como diz MELUCCI, “a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica” (MELUCCI *In*: FÁVERO (org.), 2007, p.42), desta forma, não poderemos aqui, neste trabalho de pesquisa, querer ir além dos nossos limites para tentar compreendê-la em sua inteireza, por isso, situaremos esse estudo no âmbito de uma dessas juventudes, aquela pertencente ao nível do ensino médio, inserida nas escolas públicas estaduais, que estão próximas à conclusão dessa etapa da educação básica.

Mesmo assim, se delimitássemos nosso estudo ao universo dessa juventude, ele também seria por demais, causticante, pois, tornaria essa pesquisa inviável, visto a dimensão totalizante de todas as escolas públicas localizadas no país. Desta forma, buscando ainda mais especificar o nosso campo de estudo, firmamos como projeto piloto desse estudo maior, uma, dentre todas as escolas públicas existentes, uma que possa representar essa juventude em especial, e os demais aspectos inerentes a esta pesquisa. Ou seja, a conscientização dessa juventude a respeito da educação para a autonomia do sujeito esclarecido e crítico, senhor do seu destino e liberdade. No dizer de Adorno e Horkheimer, “O esclarecimento é mais que esclarecimento: natureza que se torna perceptível em sua alienação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.44), para esses pensadores, os quais serão basilares para esse trabalho, o processo do esclarecimento e da autonomia, também se dá pela educação, mas apenas numa educação para o esclarecimento.

Nesse sentido, alguns aspectos do processo formativo dessa juventude, pelas escolas públicas, passaram a servir de objeto de estudo para averiguação de algumas hipóteses aqui levantadas. Assim, nos valeremos de uma escola específica, no caso; a Escola Estadual Moreira e Silva, situada no Centro de Estudos e Pesquisas Acadêmicas – CEPA, localizada em Maceió, Alagoas, que irá nos possibilitar um perfil parcial daquilo que os jovens almejam com a educação pública,

saber o caráter sistêmico da educação recebida e o que tem sido feito para a formação dessa juventude, principalmente com relação à consolidação de suas conquistas e anseios, no que concerne a ascensão ao ensino superior e ao mercado de trabalho como mão de obra qualificada, e não simplesmente, como reposição da classe trabalhadora nos diversos segmentos dessa sociedade industrial. Que no dizer de Adorno e Horkheimer: “A indústria só se interessa pelos homens como clientes e empregados e, de fato, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva” (*Idem.*, p.121).

Deste modo, também pretendemos com esse estudo, analisar o comportamento dessa juventude específica, com relação ao uso do seu tempo livre para a qualificação da sua formação. No sentido que, através dela, seus propósitos de conquistas futuras no campo acadêmico e profissional sejam mais prováveis de se realizar. Assim, entra em questão um tema por demais controverso, o uso das novas tecnologias, e com elas, as mídias digitais e os jogos virtuais, estes que servirão de pilares para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. E paralelo a esta problemática, nos debruçaremos sobre um segmento da sociedade capitalista que vem sendo estudado desde os tempos da escola de *Frankfurt*, não apenas por Adorno e Horkheimer, mas por outros tantos depois deles, ou seja, a indústria cultural. “Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público” (*Ibidem.*, p.100).

Fazer com que essa juventude, palco de nossa pesquisa, compreenda o poder que reside na indústria cultural, desde a consolidação da sociedade capitalista, passa a ser nosso objetivo geral, assim, transitar pela história do desenvolvimento do capitalismo, nos valendo desse ponto específico que são os meios de comunicação de massa e a indústria que se forma a partir deles, será o ponto de partida desse trabalho, e que estará sendo desenvolvido em seu primeiro capítulo. Ao passo que, consolidando-se a esses temas, outros também terão caráter complementar, nesse sentido, se fará necessário compor aos temas principais o estudo sobre: ideologia, alienação, capitalismo além da categoria trabalho. O que nos leva aos nossos objetivos específicos; que é promover a inserção desses jovens, num grau de conscientização sobre suas responsabilidades enquanto sujeitos autônomos e esclarecidos. E em sentido disso, fica a questão em

volta ao problema do esclarecimento, a isso, nos valeremos de Adorno, para compreender melhor a dificuldade de alcançá-lo:

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em suas consciências. É claro que isto chega até as instituições, até à dimensão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais – pode enfrenta-lo (ADORNO, 2012, p.181).

Assim, não poderemos escapar na pesquisa, a questão que envolve as diferenças sociais envolvidas no processo formativo da educação, neste aspecto, no segundo capítulo, buscaremos a partir do olhar da teoria crítica, verificar a existência de diferenças quanto ao tipo de ensino desenvolvido na educação básica, o que é ofertado aos alunos da rede pública e aquele dado na rede particular de ensino. Ou seja, averiguar a partir de estudo direcionado, a existência de fatores que indiquem a desqualificação do ensino pelas escolas públicas com relação ao que se acredita existir nas escolas da rede privada. E em contrapartida a essa constatação, compreender a postura desses jovens quanto aos fatores sociais que estão relacionados a essa diferença de ensino e sua possível consequência futura. Nesse sentido, averiguar também, a que ponto essa ideia da existência de uma qualidade inferiorizada do ensino público pode comprometer o aprendizado desses alunos, e, por conseguinte, seus projetos com a educação para o futuro. No dizer de Miguel Arroyo, “o discurso tão repetitivo da baixa qualidade da escola pública tem levado a destacar que os poucos que chegam ao Ensino Médio apresentam sérias lacunas até de habilidades básicas de letramento, de interpretação de textos, de noções básicas de ciências e de matemática” (ARROYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.174).

Por fim, consolidaremos a esse trabalho de pesquisa, um estudo de campo, onde, a partir dos princípios norteadores da Análise de Conteúdo, verificaremos o olhar desses jovens, fruto de nossos estudos, quanto à realidade específica do ensino médio na escola pública, da sua qualidade, e dos seus pros e seus contras, na formação da juventude para a conquista das suas aspirações futuras.

Além disso, também traçaremos no terceiro capítulo, uma análise quanto ao nível de desvirtuamento do uso das mídias digitais e dos jogos virtuais, mecanismos

modernos de uma indústria cultural a serviço de um sistema, que prega a desigualdade social como princípio de sua evolução. No dizer de Zygmunt Bauman:

A cultura de hoje é feita de *ofertas*, não de *normas*. Como observou Pierre Bourdieu, a cultura vive da sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; da criação de novas necessidades/ desejos/ exigências, não de coerção. Esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores (BAUMAN, 2010, p.33).

Uma sociedade de consumidores, que vem sendo formada mesmo antes de sua ascensão ao mercado de trabalho. Uma indústria que se utiliza de mecanismos de controle para impor sua ideologia e sua hegemonia. É uma sociedade onde o poder do capital se consolida não apenas pelo fator econômico, mas também, e muito mais agravante, pelo poder das desigualdades entre as classes economicamente ativas.

Por isso, trilhar uma educação para o esclarecimento, como pleiteada por Adorno e Horkheimer ainda se faz necessário.

2 INDÚSTRIA CULTURAL E CULTURA DE MASSA

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.35).

O mundo está se tornando cada vez mais capitalista, irremediavelmente, capitalista. E a tendência é que isso se torne ainda mais globalizado. Por isso, compreender essa dinâmica se faz necessário. A cultura do lucro desenfreado é marca registrada dessa sociedade, não apenas nos setores produtivos como já fora bastante alertado por Marx e Engels nas relações de produção entre capital e trabalho. Porém, aqui, iremos analisar alguns aspectos inerentes a este capitalismo, seu contexto de obtenção do lucro pela indústria do entretenimento, principalmente no cerne das mídias digitais e dos jogos virtuais, amplamente disseminados na sociedade, e que traz como consequência um consumismo alienante, carregado de intencionalidades.

Seguiremos as problematizações de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em sua obra *Dialética do esclarecimento*, na qual abordam especificamente o tema da indústria cultural, e com ele, visam desmistificar os elementos utilizados pelos detentores dos setores de produção cultural e de entretenimento. Que produzem a massificação dos indivíduos, tratados então como consumidores.

E, longe de produzir algo que seja vinculado à formação emancipatória e esclarecedora, essa indústria do lazer, visa, primeiramente, o lucro. E sobre aqueles que a manipulam, Adorno e Horkheimer, dizem: “O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia a legitimar o lixo que propositalmente produzem” (*Idem.*, p.100). É verdade, entretanto, que, de lá para cá houve mudanças nos setores que produzem a arte, a cultura e o entretenimento. Mas, o que não houve foi uma mudança da sistemática de obtenção do lucro com esses setores. Assim, é perfeitamente identificável o quanto existe desse capitalismo, inserido nos diversos meios que compõem essa indústria da cultura.

Seus padrões utilizados foram se aperfeiçoando e com eles também foram criadas as necessidades para satisfazer as vontades dos seus usuários, tendo, no entanto, a manipulação sempre como parte presente em todo o processo. É o que nos falam Adorno e Horkheimer:

De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade (*Ibidem.*, 1985, p.100).

Como visto, o poder do capital absorve de maneira tal o processo de produção cultural, desvirtuando-o, daquilo que seria sua função – produzir conhecimento. E nessa dinâmica vão se consolidando gerações por gerações num carrossel encantado de ilusões e fantasias. Por isso, se torna urgente retomar os alertas dados pelos *frankfurtianos* a respeito dos requisitos que compõem esse segmento do lazer. Não que ele seja de todo um mal, mas que seja analisado em sua inteireza, nas suas entrelinhas, nas sutilezas, que, muitas vezes, se tornam imperceptíveis para aqueles que são seu público alvo, os jovens, que, por serem mais suscetíveis a essa sujeição, criada pela indústria do lazer, são facilmente manipuláveis no tocante ao consumo incessante daquilo que é novo – o filme novo, a série nova, o jogo novo –, e o novo passa a se tornar estimulante e conseqüentemente tende a ser substituído frequentemente, ou seja, sempre se terá algo novo que irá surgir dos antigos novos já superados. E, nesse dinamismo de renovação constante, perde-se o sentido de construção cognitiva que poderia se esperar desse universo fascinante envolto nas mídias digitais e nos jogos virtuais.

Assim, o tempo dedicado pelos jovens na construção do seu efetivo saber em seu tempo livre, fica seriamente comprometido. Eles estão se tornando pouco a pouco como afirma Marcuse; “indivíduos administrados” (MARCUSE, 1973, p.28).

A sociedade como um todo, vive à margem desse mecanismo capitalista, restando-nos apenas compreendê-lo, e tentar fugir das suas armadilhas. Pois, a forma como essa sociedade tem se tornado industrial e de como tem feito uso da tecnologia, visa exclusivamente ao controle de um sobre o outro. E aquilo que se propunha como ideal da modernidade, ou seja, uma sociedade livre, econômica e, política, intelectualmente se vê severamente impossibilitada.

A técnica alterou o modo de vida das pessoas, e paulatinamente as tornou acomodadas, sua capacidade intelectual está ficando cada vez mais comprometida, principalmente a partir do momento em que foi se dando valor à automação e ao uso das inteligências artificiais. O que requer de nós ainda mais alertas sobre as conseqüências dessas transformações, e a indústria cultural também indo neste caminho, trabalha para a continuidade da manutenção de indivíduos alienados e

massificados como um todo homogêneo, dependentes da sua fábrica de necessidades. Ou seja;

O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz ‘vendem’ ou impõem o sistema social como um todo. Os meios de transportes e comunicação em massa, às mercadorias casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor do que antes – e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de *pensamento e comportamento unidimensionais* no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo (MARCUSE, 1973, p.32).

Portanto, é sobre esse aspecto do comodismo que devemos nos ater com relação à juventude. O poder de manipulação e de alienação da indústria cultural supera em muito aquilo que tem sido feito através da educação, ou seja, é preocupante que o tempo destinado ao processo de construção do conhecimento tenha se tornado ínfimo, com pouca dedicação pelos jovens ao seu processo de emancipação e esclarecimento, em comparação ao tempo destinado por eles no tocante ao uso das redes digitais e dos jogos virtuais. A esse respeito, pesquisas e alertas feitos pela comunidade médica da organização mundial de saúde – O.M.S. já vêm sinalizando para um quadro de potencial risco, até mesmo de saúde mental desses jovens e adolescentes viciados nas mídias e nos jogos virtuais.

É nesse sentido que a teoria crítica de Adorno e Horkheimer ainda se faz atual como ferramenta de resistência ao poderio da indústria cultural¹, uma vez que

¹ O termo Indústria cultural utilizado por Adorno e Horkheimer deve ser diferenciado do termo cultura de massa, os quais, por vezes são erroneamente colocados como sinônimos. O próprio Adorno na *Dialética do Esclarecimento* já esclarece tal distinção:

Assim, cultura de massa é o produto da chamada **Indústria Cultural**, consistindo em todos os tipos de **expressões culturais produzidos para atingir a maioria da população**, com objetivo essencialmente comercial, ou seja, de gerar produtos para o consumo. Os **meios de comunicação de massas** (rádio, televisão, jornais, revistas e, principalmente, a *internet*) são os principais aliados da Indústria Cultural para a disseminação da cultura de massa, ajudando no processo de homogeneização cultural e na alienação dos consumidores.

E Indústria cultural é um termo desenvolvido para denominar o **modo de produzir cultura no período industrial capitalista**. Ele designa principalmente a situação da arte na sociedade capitalista industrial, marcado por modos de produção que visavam, sobretudo, ao lucro. Este termo foi criado por **Max Horkheimer** (1895-1973) e **Theodor Adorno** (1903-1969), ambos intelectuais da Escola de Frankfurt, Alemanha. Ele surgiu na década de 40, no livro *“Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos”*, publicado posteriormente em 1947. O objetivo principal da indústria cultural é o lucro, além da idealização de produtos voltados para o consumo excessivo das massas. Este

ela, pelo uso dos meios de dominação de massa, a exemplo da televisão, do rádio e da internet, dificulta a formação de indivíduos autônomos e independentes, tornando-os, muitas vezes, incapazes de serem críticos e de tomarem decisões conscientemente livres.

Ao tratarmos do termo indústria cultural, no aspecto típico do setor que produz uma fatia de produtos e serviços especificamente voltados a um consumo de massa, os quais são minuciosamente fabricados de forma deliberada para atender uma demanda dessa própria massa, que acha que se sente atendida, contudo, ao ser observado atentamente, o que existe é uma inversão dessa realidade, pois não há uma valorização da cultura de massa, como dizem Adorno e Horkheimer, que surja de “baixo para cima”, mas sim, uma exploração de uma cultura que é transformada e então retornada às massas “de cima para baixo”, submetendo os indivíduos a um controle rigoroso do capitalismo que manipula e transforma o gosto popular em consumo de massas. Tal como foi dito pelos filósofos:

O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricados para seu tipo. Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.102).

É nesse esquematismo que a indústria cultural vai então transformar coisas diferentes em algo similarmente igual, não importando mais a fundamentação do juízo de gosto sobre esse ou aquele produto, apenas que tal ou qual produto seja consumido pelo indivíduo, que, passo a passo, deixa de ter escolhas autônomas e passa a ser uniformizado pelas técnicas da indústria cultural, que faz com que seus gostos sejam caracterizados ao espelho de certo grupo de consumidores.

Assim, é no lazer que se tem visto mais fortemente o poderio dessa fabricação do gosto, a exemplo da televisão fechada, comercialmente paga, onde o consumidor tem a “liberdade” de escolher seus programas e séries prediletos, os quais são distribuídos pelos gêneros que melhor lhe satisfaz: *reality show*, *talk show*, ficção, *western*, documentário, entrevista, telejornal, musical, esporte, desenhos

objetivo também reproduz o real interesse das classes dominantes, tornando-as legítimas e com elevado status social (www.significados.com.br).

*Nível. (N.T.)

animados, religião, ação, sexo e numerosas outras opções ao seu dispor. Portanto, o consumidor considera que se apodera do poder do controle remoto, mas, não sabe que, na verdade, está sendo apoderado pela Indústria que, por trás dessa ideia de “liberdade”, – lhe aliena e mantém fiel ao consumo do que lhe é ofertado ao estilo que mais se assemelha a seu gosto – e na música, assim como nos filmes, existe também esse apoderamento do jeito de sentir prazer. “Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção” (*Idem.*, p.105). As rádios tocam sempre as mesmas músicas, mesmo que em horários diferentes, em programas diferentes, os programas televisivos também estimulam o gosto com a divulgação de lançamentos ou de *remix* de bandas ou artistas populares, e os aplicativos de músicas, esses sim, encantam ainda mais com a facilidade de você montar a sua própria *play list*, muitas vezes cativando pela gratuidade dos seus serviços, mesmo que isso seja temporariamente estabelecido. Porque, no final, o consumidor tenderá a adquiri-lo para que se sinta atendido nas suas necessidades.

Ora, tudo isso já havia sido perfeitamente ilustrado por Adorno e Horkheimer na sua análise sobre os malefícios da indústria cultural, que manipula e aliena com fins exclusivamente de obtenção do lucro. Vejamos:

Os detalhes tornam-se fungíveis. A breve sequência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como *good sport*² que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema. Confirmá-lo, compondo-o, eis aí sua razão de ser. Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. O número médio de palavras da *short story* é algo em que não se pode mexer. Até mesmo os *gags*, efeitos e piadas são calculados, assim como o quadro em que se inserem. Sua produção é administrada por especialistas, e sua pequena diversidade permite reparti-las facilmente no escritório. A indústria cultural desenvolveu-se com o predomínio que o efeito, a performance tangível e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra, que era outrora o veículo da ideia com essa foi liquidada (*Ibidem.*, p.103-104).

Se todos esses meios manipuláveis contidos pela indústria cultural, nos vários segmentos da cultura de massa, já identificados por Adorno e Horkheimer e por outros frankfurtianos, tivessem sido combatidos em seu tempo, talvez as formas de

² Bom perdedor. (N.T.)

conduzir o tempo livre dos cidadãos, também teriam sofrido mudanças, se produtivas ou não, pouco sabemos, mas, a única certeza que temos é a manifesta apropriação do tempo livre pela indústria que promove o consumismo em todos os setores da sociedade. E como vivemos numa sociedade desigual, a parte mais afetada é aquela menos esclarecida.

E quando observamos o acelerado desenvolvimento dos jogos eletrônicos, que gradativamente foram tomando lugar das atividades de lazer utilizadas pelos jovens, percebemos também, como essa rapidez foi diretamente proporcional aos custos altos dos equipamentos, requerendo investimentos cada vez maiores para que possam suprir as necessidades desse mercado de consumo. Assim, pela ótica da indústria cultural, se um filme teve aceitação espetacular, se um livro se tornou *best-seller* ou se algum acontecimento extraordinário invadiu o imaginário de algum criador, está aí uma ótima oportunidade para se criar um jogo para o entretenimento de seu público consumidor. Dessa forma, o universo dos jogos virtuais foi sendo introduzido no cotidiano das pessoas, tornando-se parte delas, incorporando o mundo real e indo além dele, transformando sonhos em realidade virtual.

É um processo natural do nosso tempo, inegavelmente o mundo está se transformando e criando novos modos de coexistência dessas duas dimensões existenciais. Como nos diz Lévy; “A virtualização pode ser definida como movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação à potência’ da entidade considerada” (LÉVY, 1996, p.17). O perigo de tudo isso, é quando nos deixamos levar por esse fascinante mundo onde tudo é possível, e não percebemos que estamos nos afastando de forma irremediável do mundo da vida, onde as particularidades do real são vivenciadas e testadas segundo erros e acertos que possibilitam o crescimento individual e coletivo do indivíduo na sociedade. Em contrapartida, ao nos deslocarmos pouco a pouco pra esse mundo do encanto, deixamos de atender uma necessidade intrínseca do ser humano – a de evoluir em conhecimento.

A indústria cultural busca, considerando essa evolução tecnológica, assim como o próprio capitalismo, desestruturar o mundo físico, criando em seu lugar, um campo de necessidades que vão além dele, não num formato ofensivo, mas, sim, num modo de vida que acople essas duas dimensões, tendo uma mais importância do que a outra. E isso vai se tornando evidente em todos os setores da economia. No dizer de LÉVY:

O setor da desterritorialização física, cumpre evidentemente acrescentar as telecomunicações, a informática, os meios de comunicação, que são outros setores ascendentes da economia virtual. O ensino e a formação, bem como as indústrias da diversão, trabalhando para a heterogênesse dos espíritos, não produzem outra coisa senão o virtual (*Idem.*, p.51).

São as novas formas de estruturar a convivência da sociedade numa era da cibercultura. As relações desencadeadas no dia a dia são cada vez mais dependentes desses dispositivos informacionais, e ainda, de acordo com Lévy; “escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada” (LÉVY, 1993, p.7). E, dessa forma, reconhecidamente só uma pequena parcela da sociedade é efetivamente beneficiada por esse avanço espantoso das técnicas associadas à informatização, enquanto a outra, que é a parte maior, fica refém dela. E como forma de amenizar essa absurda desigualdade, a indústria do entretenimento busca minimizar esses anseios com o advento das realidades virtuais, incluindo aí as mais diversificadas formas de preenchimento do vácuo criado entre as diferentes classes sociais, dentre os quais estão às redes sociais e os jogos virtuais.

Contudo, é importante frisar que este estudo não visa de antemão condenar o uso das tecnologias de informação em geral, utilizados nos mais variados campos de saber da sociedade, tampouco, criticar pura e simplesmente o advento das mídias e jogos virtuais. Buscamos, em outro aspecto, mostrar numa análise antropológica³, alguns dos malefícios do uso crescente e indiscriminado desses meios de entretenimento manipulados por uma indústria do lazer e do lucro, que não se importa com os resultados alarmantes de uma gama de usuários que gradativamente estão se tornando indivíduos doentes e semiformados.

Nesse sentido, para Marcuse:

...a dominação do homem pelo homem ainda é, a despeito de toda transformação, o contínuo histórico que une Razão pré-tecnológica e Razão tecnológica. Contudo, a sociedade que projeta e empreende a transformação tecnológica da natureza altera a base da dominação pela substituição gradativa da dependência pessoal (o escravo, do senhor; o servo, do senhor da herdade; o senhor, do doador do feudo etc.) pela dependência da ‘ordem objetiva das coisas’ (das leis econômicas, do mercado etc.). Sem dúvida, a ‘ordem objetiva das coisas’ é, ela própria, o resultado da dominação, mas é, não obstante, verdade que a dominação agora gera mais elevada racionalidade – a de uma sociedade que mantém sua estrutura hierárquica, enquanto explora com eficiência cada vez maior os recursos naturais e mentais e distribui os benefícios dessa exploração

³ Para o embasamento dessa antropologia nos valeremos dos escritos de Zygmunt Bauman, em especial: Vida para o consumo: A transformação das pessoas em mercadorias, Capitalismo parasitário e Globalização: As consequências humanas.

em escala cada vez maior. Os limites dessa racionalidade e sua força sinistra aparecem na escravidão progressiva do homem por um aparato produtor que perpetua a luta pela existência, estendendo-o a uma luta total internacional que arruína a vida dos que constroem e usam esse aparato (MARCUSE, 1973, p.142).

Por isso, quando ZUIN, cita Adorno e Horkheimer, afirmando que; “a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (*apud* ZUIN, 2015, p.97), mostra que sua frase na obra *Dialética do Esclarecimento* é atual. Ou seja, mostra o poder das forças produtivas ligadas à Indústria Cultural, que sintetizam um determinado espírito de um tempo e de uma cultura, principalmente nesse tempo em que o “progresso” se torna cada vez mais irrefreável, usando da técnica e do desenvolvimento da informatização para sustentar um sistema que só pode se sustentar se houver consumo. Vejamos:

Assim, o progresso incessante impinge a reprodução da miserabilidade humana, de tal modo que as consequências desse processo podem ser observadas nas irrefreáveis regressões tanto da natureza externa, cujas danificações ambientais não cessam de aumentar, quanto na natureza interna dos indivíduos semiformados (ZUIN, 2015, p.97-98).

É em busca de um resgate de uma razão esclarecida (segundo um processo educativo no âmbito da escolarização) que traçamos este estudo, mas para isso, é preciso que desvelemos essas máscaras que são postas nesses segmentos que se propagam através dos meios de comunicação de massa, como mecanismos de esclarecimento, mas que são, na verdade, parte de uma razão instrumentalizada, servil.

E mesmo que seu surgimento tenha garantido potencialmente uma contribuição para a melhoria das condições de vida da própria humanidade, é preciso distinguir nesta humanidade aqueles que realmente foram beneficiados daqueles que apenas foram usados para que essa evolução pudesse acontecer.

Nesse sentido, é que os jovens, em especial os estudantes das escolas públicas, oriundos das classes sociais menos favorecidas, precisam receber mais fortemente informações, e elementos que sejam capazes de lhes promover a desmistificação de conceitos, geralmente empregados de forma equivocada, a exemplo da indústria cultural, cultura de massa, esclarecimento, autonomia, razão instrumental, razão crítica, dentre outros. E isso só lhes é possível, por meio de uma educação que promova autonomia e esclarecimento.

Quando Adorno e Horkheimer constroem seu conceito de esclarecimento, eles dizem que: “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o

esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.17). Ora, Adorno e Horkheimer também nos falam que esse programa de esclarecimento era o desencantamento do mundo, que tinha como meta dissipar a crença nos mitos e promover um saber ordenado e voltado para a técnica e para a prova, um saber empírico, contudo, não necessariamente um saber que emancipa. Quando eles falam das conquistas de Francis Bacon, “o pai da filosofia experimental” (*Idem.*, p.17), eles mostram o quanto o projeto de uma classe burguesa emergente, estava em curso, para garantir o desnivelamento das classes dentro da estrutura social. Indo ainda mais fundo, quando especificam que as invenções tipicamente ditas como revolucionárias, a exemplo da imprensa, da bússola e do canhão serviram simplesmente para consolidar a hegemonia dessa classe, que se distanciava ainda mais do bojo da sociedade, invenções que já estavam praticamente consolidadas, mas que foram reintroduzidas com ares de um novo saber cientificializado.

Que a superioridade do homem se encontra no saber, isso Adorno concorda plenamente, mas, o que fazemos desse saber, principalmente com relação ao trato que damos a outras pessoas e à natureza, é o que faz a diferença, pois “o saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo” (*Ibidem.*, p.18). E a técnica aprimorada por aqueles que dominam essa sociedade em face do poderio econômico busca desenvolver sempre métodos que se utilizam da venda precária da força trabalho para produção de mais capital. Segundo Adorno e Horkheimer, o que os homens querem aprender com a natureza é como empregá-la para dominá-la completamente e aos homens, nada mais importando, sem que haja qualquer tipo de ressentimento ou consideração.

Portanto, assim como foram importantes para o esclarecimento das ideias de Platão e Aristóteles contra as pretensões de verdade dos universais, rechaçando-as como superstições, o esclarecimento também se valeu contra os mitos, ilusões ocultas e rituais mágicos que serviram aos homens por centenas de anos. Ou seja:

Cada resistência espiritual que ele encontra serve apenas para aumentar sua força. Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos. Quaisquer que sejam os mitos de que possa se valer a resistência, o simples fato de que eles se tornam argumentos por uma tal oposição significa que eles adotam o princípio da racionalidade corrosiva da qual acusam o esclarecimento. O esclarecimento é totalitário (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.19).

Em suma, o esclarecimento se fortalece cada vez mais quando existe essa projeção da subjetividade humana nas coisas da natureza, e no próprio sujeito, provocando-o a dar salto no que está por vir. O homem, o indivíduo, o sujeito de si, esse é o mote do esclarecimento, mas pra que ele se converta em poder existe um preço alto a ser cobrado, e que também já fora salientado pelos filósofos de *Frankfurt*:

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação (*Idem.*, p.21).

A roda que faz girar o esclarecimento necessita de um contínuo processo de desfazimento daquilo que é posto como verdade, o mito, ou os mitos, os quais, no seu sentido simbólico já trazem consigo o esclarecimento, mas que se faz necessário, primeiro destruí-los para só então se propagar. É como dizem Adorno e Horkheimer: “jogar um jogo sem sentido, já que “todas as cartas do jogo sem sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados” (*Ibidem.*, p.23). Por isso, a necessidade de combater essa crença, esse mito, de que a formação para a autonomia promovida pelos meios de comunicação de massa seja possível. Incluindo aí, notadamente as disseminadas pelas mídias digitais.

O esclarecimento combate a injustiça, a desigualdade faz com que os homens tenham o seu eu individualizado, diferente dos demais, mas ao mesmo tempo faz com que isso os torne iguais nas suas diferenças. Mas o problema surge quando na sociedade buscam negar essa individualidade, traçando uma unidade da coletividade manipulada. E isso é bem característico da sociedade do nosso tempo, a sociedade capitalista, cuja dominação de uma classe sobre outra se faz evidente nas relações de trabalho:

A divisão de trabalho, em que culmina o processo social de dominação, serve à autoconservação do todo dominado. Dessa maneira, porém, o todo como todo, a ativação da razão a ele imanente, converte-se necessariamente na execução do particular. A dominação defronta o indivíduo como universal, como a razão na realidade efetiva. O poder de todos os membros da sociedade, que, como tais, não tem outra saída, acaba sempre, pela divisão do trabalho a eles imposta, por se agregar no sentido justamente da realização do todo, cuja racionalidade é assim mais uma vez multiplicada. Aquilo que acontece a todos por obra e graça de poucos realiza-se sempre como subjugação dos indivíduos por muitos: a

opressão da sociedade tem sempre o caráter da opressão por coletividade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.30-31).

Por isso, é importante a condução pela educação formal, pela filosofia, de que o processo do esclarecimento ainda se faça necessário, para que os jovens, principalmente aqueles oriundos das classes desprivilegiadas, seja em termos de cultura ou da condição socioeconômica, possam estabelecer critérios sobre os conceitos e suas aplicações no mundo da realidade. E como dizem Adorno e Horkheimer: “Diante do esclarecimento, os conceitos estão na mesma situação que os aposentados diante dos trustes industriais: ninguém pode se sentir-se seguro” (*Idem.*, p.31). Assim também acontece nesta sociedade positivista onde quase sempre há distorção do sentido das coisas.

E mesmo quando Adorno nos faz referência às obras de Homero, especificamente nas passagens que trata de Ulisses, em que o mito se entrelaçava com as questões da dominação e do trabalho, ele nos mostra o quanto de semelhança existe entre os mitos e a realidade, bem como foi o encontro de Ulisses com as sereias, em que a sedução exercida pelo encantamento da fantasia buscava desnortear o navegante, e que, resistindo à tentação consegue pelo sofrimento, alcançar a emancipação. “Quem quiser vencer a provação não deve dar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o alcançará se conseguir não ouvi-lo” (*Ibidem.*, p.39). E em nosso mundo, onde a cultura da sedução marca presença, fica cada vez mais difícil resistir às tentações irrecuperáveis, o que nos leva novamente à necessidade do ajustamento dos nossos ouvidos e consciência, para que possamos resistir e avançar tal como Ulisses.

Os jovens, por característica natural, têm o dom de se entregar aos encantos da novidade, aos delírios da beleza e do modismo por assim dizer. E é claro que, também como parte de sua natureza, essa juventude traz consigo o desapego fácil das coisas que requerem concentração e estudo, ou daquelas, que para eles, são atributos da monotonia. Para o seu encantamento, as coisas devem ser dinâmicas, rápidas, fluídas, espontâneas e carregadas de adrenalina. É por isso, que, para atender a essa demanda de necessidades dessa geração denominada “Z”, surge um mundo de novidades atreladas à área da informática e dos games, exatamente onde se encontra o veio de ouro da indústria cultural, que traça certamente seus objetivos para manter essa cultura entre os jovens, qual seja, a da liberdade e a do despreendimento da responsabilidade, em prol de ser feliz. Mas que felicidade é

essa? Principalmente quando se analisa que, no universo de jovens que adotam essa atitude, poucos são os que conseguem êxito em suas jornadas profissionais, a maioria transita em subempregos ou muito menos que isso. É como diz Cícero Silva⁴: “A minha aposta para contradizer a apologia a essa geração “Z” é – tripliquem o salário ou a renda e quero ver quem vai trocar a cada semana de emprego. Mas como sabemos, se isso acontecer, quebramos a espinha dorsal do sistema...” (SILVA, 2018, p.45). Mas essa continua sendo a lógica do sistema que mantém refém aqueles que a mantêm.

E isso não muda. Quando passamos a analisar o dinamismo da indústria, que traz como mola propulsora, o uso contínuo dos seus produtos, e até mesmo, quando levamos em conta especificamente a indústria que está por trás dos jogos eletrônicos, dos games, veremos que a associação daquilo que se caracteriza como então geração “Z”, se molda perfeitamente a esse comportamento desprezado dado pelos jovens ao compromisso com seus estudos regulares, e à sua dedicação ao complemento dela, com a formação de uma estrutura de estudo continuada, para além do tempo normal. Em suma, está sendo criado um conceito cultural, em que a educação e o apoderamento do saber, estão sendo redirecionados para uma atividade que empobrece o indivíduo, e alimenta ainda mais o enriquecimento do capital de uma minoria.

É por isso que, quando abordamos o tema da indústria cultural nos dias de hoje, percebemos que ele não deixou de ser relevante para a sociedade em que vivemos. Trata-se de manter vivo o alerta dos *frankfurtianos* e também de reencontrar seus conceitos fundamentais, e não se deixar levar apenas por uma crítica vazia dos seus encaminhamentos. Ou como nos diz Rüdiger: “A crítica à indústria cultural não se esgota na rigidez das proposições negativas porque, no método dialético, a contradição é tão essencial quanto a identidade para conhecer e interagir com a realidade” (RÜDIGER, 2004, p.14). Por isso, se faz tão necessário o conhecimento das suas potencialidades e, acima de tudo, da nova performance do capitalismo moderno.

Ainda de acordo do Rüdiger:

Horkheimer e Adorno usam o termo indústria cultural para referirem-se, de maneira geral, às indústrias interessadas na produção em massa de bens culturais”. A proposição exprime o primeiro mal-entendido do qual

⁴ Professor e pesquisador no Instituto de Artes e Design (IAD) e na Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.

precisamos nos desvencilhar, se quisermos entender o fenômeno de acordo com a segunda teoria crítica da sociedade. Em essência, a expressão não se refere às empresas produtoras nem às técnicas de difusão dos bens culturais; representa, antes de mais nada, um movimento histórico universal: a transformação da mercadoria em matriz do modo de vida e, assim, da cultura em mercadoria, conforme ocorrido na baixa modernidade (*Idem.*, p.22).

E nessa transformação vigente do modo de vida em mercadoria, é o que mais assusta. É esse contexto econômico-social, que causa maior preocupação no tocante à produção do saber, associado a uma autonomia da subjetividade individual. Nesse sentido é que a teoria crítica nos serve de meio para alcançar o esclarecimento a respeito do tema indústria cultural e dos seus mecanismos de poder. Por isso, também, não podemos partir de casos genéricos para estudar suas decorrências, é preciso que partamos de uma conscientização individualizada, para que, com o conhecimento desses casos particulares, possamos chegar a um entendimento, e daí, poder traçar diretrizes, também particulares, para que haja saltos de autoafirmação, e superação dessa condição de reificação do sujeito por parte dos mecanismos da indústria cultural. Ou, como nos diz Coelho:

Para o método dialético da Teoria Crítica, a compreensão de elementos essenciais que fazem parte das características gerais da vida social, como as formas de poder, só pode acontecer mediante uma investigação das situações particulares onde essas características estão presentes (COELHO, 2014, p.7).

Dessa forma, é preciso aprofundar em cada caso específico, para poder construir com o método dialético, um reajuste dessas condições histórico-sociais individuais, capazes de serem autocompreendidas e posteriormente, superadas.

Um dos grandes problemas no enfrentamento da indústria cultural, é que ela cria uma cultura de massa, que vai se homogeneizando na sociedade. Um tipo de sujeição aos seus controles, que vão se diversificando a cada momento, como se esse comportamento se tornasse parte da pessoa, como se o não ajustamento a ele, o fizesse um ser fora daquilo que é posto como normalidade. Ocorre que é justamente essa “normalidade”, que está se apoderando da pessoa, que está no controle, que a manipula inconscientemente para agir conforme aquilo que lhe foi gerado como necessidade, mas que, na verdade, tem outro significado. E isso já havia sido relatado por Adorno, que alertou sobre essa face ingênua da indústria cultural, desde seus primórdios nos meios de comunicação de massa. Ou seja:

A organização moderna dos meios de comunicação é caracterizada por estratégias que constroem um “novo mundo” pautado no desejo de

consumo. Na sociedade do espetáculo há a uniformização exercida pela cultura de massa. Ela trabalha a imagem da sociedade da abundância, da sociedade de consumo acessível também à classe trabalhadora, pois essa imagem dá a falsa impressão de que a indústria cultural, tão criticada por Adorno, tem uma face democrática no que diz respeito ao direito de consumir. Há a perversão da vida moderna que prefere a imagem e a representação ao realismo concreto e natural, a aparência ao ser, a ilusão a realidade, a imobilidade à atividade de pensar e agir com dinamismo (*Idem.*, p.15).

Na verdade, não existe distinção de classe social para a indústria cultural, ela não faz qualquer objeção quanto àquele que fica à sua mercê, ela simplesmente o transforma em algo que lhe é propício, – a obtenção do lucro – e nessa cultura do consumismo, mesmo não sendo levada em consideração a divisão de classe, é perfeitamente perceptível que aquela menos favorecida será a mais prejudicada nessa relação de consumo. Contudo, o mais incrível em tudo isso, é que a própria indústria cultural estabelece as normas que irão reger essa relação, o mercado que ela domina, seja em qual segmento for, sofre as mais estranhas variações no decorrer de tão pouco espaço de tempo, aumentando ou diminuindo sua procura, ou ditando se aquilo é ou não moda daquele momento.

O mercantilismo da indústria cultural não é algo novo, ele foi se aprimorando e segue indiscutivelmente para uma consolidação iminente, por isso a urgência em pelo menos retardar esse avanço indiscriminado. E como nos diz Rüdiger:

Noutros termos, o conceito de indústria cultural tem a ver com a expansão das relações mercantis pelo conjunto da vida social, em condições de crescente monopolização, verificadas a partir das primeiras décadas do século XX. No princípio, o fenômeno consiste em produzir ou adaptar obras de arte segundo um padrão de gosto bem-sucedido e desenvolver as técnicas para colocá-las no mercado. A colonização pela publicidade, pouco a pouco, o tornou veículo da cultura de consumo: ele assume então um caráter sistêmico. O estágio final chega com sua conversão em mecanismo de mediação estética do conjunto da produção mercantil, momento este em que "o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural [na condição de máquina de publicidade]" (RÜDIGER, 2004, p.23).

Ora, se antes esse consumismo exacerbado era notório através dos meios de comunicação de massa – jornais, revistas, rádio, televisão e cinema – hoje ele se expandiu, foi além daqueles, e fez surgir muitos outros. O que se via nos sistemas de comunicações através dos meios físicos continua, contudo, com mais vigor. No entanto, o que se encontra nos mecanismos informatizados foi muito além do que se imaginava. Com o advento dos computadores, *tablets* e dos *smartphones*, o mundo e a “facilidade” de conhecê-lo ficou ao alcance dos dedos, e com isso também surgiu um mar de oportunidades para o entrelaçamento do indivíduo, e o consumo criado

pela indústria cultural. Assim, o que vimos, é que esses equipamentos que surgiram inicialmente para instruir, e facilitar a vida do sujeito moderno, também trouxeram junto com eles, o comodismo e o relaxamento do seu processo de instrução.

É por essa razão, que no texto “para que, ainda, filosofia?” pergunta proposta pelo próprio Theodor W. Adorno, o tema da importância da filosofia para o processo do esclarecimento, é por demais, relevante. E muito embora ele não venha defini-la como arma crucial para tanto, ressalta que, “se a filosofia ainda é necessária, então terá que ser cada vez mais como crítica, como resistência a uma hegemonia que se expande” (ADORNO, 1996, p.5).

E o que mais tem se expandido quanto ao império da Indústria Cultural? Seus tentáculos se espalham por todos os lados, se fixam nas superfícies de todas as camadas sociais, de forma que não se desprende facilmente, e quando conseguimos nos livrar de uma das suas ventosas, outras tantas se grudam do nosso lado, tornando em vão nosso trabalho de combatê-las. Até nos fazendo repensar se o que fazemos com a filosofia não tem sido igual ao trabalho de Sísifo, aqui reportado por CAMUS:

Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança (CAMUS, 1942, p.70).

Mas como se vê na obra de Camus, nem mesmo Sísifo pode ser dado como um derrotado, sua força está na resistência, na persistência, em não desistir de acreditar na possibilidade de um dia vencer. A repetição inútil não é por si só uma derrota, ela tem um simbolismo inerente à superação, são traços de que uma guerra não é feita apenas de uma ou outra batalha, que é preciso acreditar mesmo estando em desvantagem, e que também se aprende no fracasso. Vimos então que:

Se esse mito é trágico, é que seu herói é consciente. Onde estaria, de fato, a sua pena, se a cada passo o sustentasse a esperança de ser bem-sucedido? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas e esse destino não é menos absurdo. Mas ele só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão de sua condição miserável: é nela que ele pensa enquanto desce. A lucidez que devia produzir o seu tormento consome, com a mesma força, sua vitória. Não existe destino que não se supere pelo desprezo (*Idem.*, p.71).

Daí a importância de conhecermos o nosso destino. Um destino que, se abandonado por nós, será construído à luz daqueles que nos exploram, que nos manipulam e nos forçam a ser tal como querem que sejamos. Ao conhecer esse

destino preconcebido por aqueles que se colocam no controle da indústria cultural, podemos conscientemente dar a volta por cima, reformular tais conceitos que nos aguardam e refazer a nossa história. O destino pertence a nós mesmos, e isso é um fato, só que exige de nós um trabalho incessante de busca pela vitória.

Isso nos remete novamente a Adorno, que vai a busca do sentido da filosofia para nos ajudar a desembaraçar esse entrelaçamento de interesses, que coabitam nos jogos de um capitalismo, que se utiliza desses mecanismos das mídias digitais e dos jogos virtuais, fomentando, através deles, uma cultura de consumo e alienação em massa, que provoca o surgimento de uma consciência coisificada, transformada em algo sem reação, estagnada no tempo e no espaço. Portanto, a filosofia através da teoria crítica, do processo dialético se faz necessária para afastar o poderio dogmático que a indústria cultural busca impor sobre todos. Ou seja:

A dialética não é um terceiro ponto de vista, mas a tentativa de, por meio da crítica imanente, superar os pontos de vista filosóficos e arbitrariedade do pensamento que a eles se agrega. Diante da ingenuidade da consciência arbitrária que julga ilimitado o limitado que se lhe apresenta, a filosofia seria a obrigação estrita de não admitir esta ingenuidade. Num mundo que, totalmente socializado, coloca-se tão poderosamente contra todo particular que só lhe resta aceitá-lo tal como se apresenta, esta ingenuidade se reproduz ininterrupta e fatalmente. Converte em natureza o que lhe impõe um aparato desmedido que os próprios homens formam e ao qual se vinculam, aparato que virtualmente elimina os momentos naturais. A consciência coisificada é perfeitamente ingênua e, como coisificação, é também completamente não ingênua. Caberia à filosofia dissipar a aparência do compreensível por si mesmo, bem como do incompreensível (ADORNO, 1996, p.8).

Assim, conforme Adorno (1996), nesse mundo onde os interesses nunca são ou serão plenamente transparentes, onde as relações mediadas pelos que detém o poder tendem sempre para a arbitrariedade e para o domínio, dificilmente uma consciência que se deixe permanecer na ingenuidade conseguirá alcançar a autonomia, chegar ao esclarecimento.

Por isso, a filosofia tende pelo caminho do não enfretamento com as demais ciências, para a compreensão do todo, do organismo social. Ela busca consolidar-se a elas, e ir além do que se concebe como liberdade espiritual do sujeito, principalmente, contra as tendências especificamente dominantes, como o caso aqui tratado a respeito da indústria cultural e seus meios de controle das massas.

Como disse Marcuse: “A filosofia visualiza a *igualdade* entre os homens, mas, ao mesmo tempo, se submete à negação real da igualdade” (MARCUSE, 1973, p.130), e dessa igualdade, é que escamoteia a realidade da qual devemos nos

cuidar. Essa coisa aparente, é que se deixa brilhar e incandesce o olhar mais aprofundado daquilo que está por trás do seu brilho. O olhar da filosofia não pode se deixar cegar, não pode se deixar iludir, também não lhe é permitido ofuscar a mente apenas com o que lhe é oportuno, tem que abraçar todos os pormenores que compõem o seu objeto de estudo, não pode se prender apenas à realidade presente, tem que estender o seu conhecimento para além do seu universo histórico imediato, tem que quebrar as barreiras do tempo, olhar o presente com bases no passado sem se descuidar da projeção para o futuro.

É nesse processo dialético que a filosofia nos ajuda a esclarecer a realidade das coisas, dos fatos, do mundo. Porque nem sempre eles nos são revelados como devidamente são, é por isso que, para Marcuse:

A definição dialética define o movimento das coisas daquilo que elas não são para aquilo que elas são. O desenvolvimento de elementos contraditórios, que determina a estrutura de seu objeto, determina também a estrutura do pensamento dialético. O objeto da lógica dialética não é a forma abstrata e geral de objetividade nem a forma abstrata e geral de pensamento – nem os dados da experiência imediata. A lógica dialética desfaz as abstrações da lógica formal e da Filosofia transcendente, mas também nega concreção da experiência imediata. Desde que essa experiência dependa das coisas conforme se apresentam e sejam, ela é uma experiência limitada e até mesmo falsa. Alcança sua verdade caso se liberte da objetividade decepcionante que esconde os fatores que motivam os fatos – isto é, se compreende o seu mundo como um universo *histórico* no qual os fatos estabelecidos são obra da prática histórica do homem. Essa prática (intelectual e material) é a realidade nos dados da experiência, sendo também a realidade que a lógica dialética compreende (*Idem.*, p.140).

Portanto, quando se pretende, pelo processo dialético, conduzir uma educação que possibilite um crescimento intelectual capaz de suscitar nos jovens uma autonomia desejada, não se está querendo com isso nada utópico, pelo contrário, deseja-se almejar o mínimo de compreensão necessária, para que haja um enfrentamento das falsas verdades manipuladas por esse universo dos meios de comunicação de massas, que influenciam e distorcem a realidade a seu bel prazer, produzindo uma acomodação e uma descrença na capacidade individual do sujeito crítico, de se reconhecer como sujeito passivo, que vive à mercê de tudo isso. E, assim, não ser capaz de sair dessa aparente zona de conforto proporcionada pelos mecanismos da indústria cultural, e de lutar por um lugar melhor nessa sociedade desigual. E essa conquista se dará com mais eficácia se for pelos meios educacionais, por isso, tem que existir um compromisso por parte dos educadores e dessa educação institucionalizada. Que ela exija objetivos claros e bem definidos,

que promova o combate a essa falsa condição de submissão da escola pública, e da sua incapacidade de formação para o enfrentamento das desigualdades das condições de oportunidades.

Adorno, na sua obra *Educação e Emancipação* faz uma ressalva quanto àqueles educadores, que pretendem se utilizar da educação deslumbrando-se do fato de que, ela irá servir a ele como processo de estratégia para a obtenção do “esclarecimento”, apenas em função do seu conteúdo, sem que levem em conta “a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos” (ADORNO, 2012, p. 11). É por isso que, para Theodor Adorno, a teoria crítica funciona justamente nesse aspecto da análise social das coisas, não ficando apenas na sua superfície, mergulha fundo, vai até as raízes dos movimentos “que não são acidentais”, e busca descobrir as condições necessárias para interferir em seu rumo.

Ele pensa a sociedade e a educação como um todo que se movimenta num constante devir. Assim, e “só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão” (*Idem.*, p.12). Esse alerta de Adorno, é justamente para não cairmos na ilusão de bradar-nos como “esclarecidos”, sem, no entanto, sê-lo.

O desenvolvimento científico e sua propagação pela educação não necessariamente significam emancipação, é preciso compreender que existe uma dinâmica que envolve todo o processo formativo, e que para Adorno, também não se desvincula do processo produtivo inerente à sociedade. Ou seja, “a formação que por fim conduziria à autonomia dos homens precisa levar em conta as condições a que se encontram subordinadas a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza” (*ibidem.*, p.19).

É preciso que haja como diz Adorno, com base no processo educativo, um entrelaçamento entre esclarecimento e liberdade, entre razão e emancipação, que a dialética do esclarecimento se constitua como um mecanismo de combate à “semiformação”, que confronte as forças anônimas que põem em risco a liberdade da subjetividade individual, que se transveste como uma subjetividade social, a qual Adorno identificou como sendo a “indústria cultural”.

A indústria cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inocula nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo, à situação vigente (ADORNO, 2012, p.21).

Não com isso, que a indústria cultural, seja ela a única responsável por todo o tipo de exploração existente na sociedade, mas, quando olhamos os aspectos que envolvem a cultura dos entretenimentos, os meios de comunicação de massas e ultimamente as mais variadas ferramentas das mídias digitais, verificamos que a indústria cultural é determinante para a disseminação de uma ideologia dominante, que produz mais danos à sociedade do que benefícios. E, ao analisarmos mais especificamente a questão da formação educacional dos jovens, ficam ainda mais notório os efeitos danosos que a indústria cultural lhes causa, produzindo mais indivíduos semiformados do que emancipados. Daí, a urgência da intervenção pela filosofia, para auxiliar o processo de esclarecimento e autonomia dessa juventude expropriada de conhecimento.

Esse capitalismo de consumo foi se instalando nas mais distintas camadas sociais, e se consolidando conforme a evolução tecnológica, criando uma cultura que é repassada gradativamente a cada geração. Essa sociedade, que se forma pelo avanço da técnica não é exclusivamente manipulada por ela, é também, e até mais, pela cultura que se associa a ela, que é repassada por uma construção de uma educação social para esse consumo. Ou seja:

O capitalismo de consumo não nasceu mecanicamente de técnicas industriais capazes de produzir em grandes séries mercadorias padronizadas. Ele é também uma construção cultural e social que requereu a "educação" dos consumidores ao mesmo tempo que o espírito visionário de empreendedores criativos, a "mão visível dos gestores" (LIPOVESTSKY, 2007, p.28).

É nesse aspecto que Lipovestsky coloca que, essa sociedade caminha para um hiperconsumo, não só de um consumo de mercadorias, mas de uma cultura consumista que vai se estabelecendo segundo os anseios fabricados nos consumidores. E, se esses anseios forem implantados desde cedo, melhor ainda para esse capitalismo, que depende dessa sede de necessidades. É verdade que quanto mais afortunada a sociedade, mais consumidora ela será, mas para que essa riqueza se consolide de fato, também, é perfeitamente compreensivo que para esse capitalismo, não importa de qual classe social venha o seu consumidor, o que

importa é que haja consumo. E que ele seja crescente continuamente. Nesse contexto, Lipovetsky fala que:

À medida que nossas sociedades enriquecem, surgem incessantemente novas vontades de consumir. Quanto mais se consome, mais se quer consumir: a época da abundância é inseparável de um alargamento indefinido da esfera das satisfações desejadas e de uma incapacidade de eliminar os apetites de consumo, sendo toda saturação de uma necessidade acompanhada imediatamente por novas procuras (*Idem.*, p. 38).

Assim, também se vê entre os jovens esse desejo incessante de consumo, dos jogos virtuais e do consumo do seu tempo nas mídias digitais. Essa cultura, que vai se instalando inconscientemente nas suas posturas, foi direta ou indiretamente projetada pelos gerentes dessa fatia do mercado, que alimenta esse apetite voraz da juventude, pelo prazer do lazer proporcionado por essa indústria do entretenimento. E como diz Lipovetsky, essas indústrias de lazer não trabalham apenas com a tecnologia, vão além, até na dimensão participativa e afetiva do consumidor, multiplicando para eles, as oportunidades de viver experiências diretas com o que é consumido. “Já não se trata mais apenas de vender serviços, é preciso oferecer experiência *vivida*, o inesperado e o extraordinário capazes de causar emoção, ligação, afetos, sensações” (*Ibidem.*, p. 63). E isto, é justamente o que os jovens querem nos jogos de hoje, uma realidade virtual que ultrapasse as barreiras do que chamamos de espaço e o tempo, ofertando-lhes uma possibilidade que ultrapasse o imediato, que o projete para um universo que transita entre o mundo real e o imaginário, mas que, no final, para aqueles que lucram com essa fixação de quebra de paradigmas, o que realmente importa é que essa empolgação pelo uso dessas ferramentas, que promovem esse tipo de consumo, continue a ser utilizada e propagada para outros, interligados e esses, que já são consumidores incondicionais, gerando uma nova demanda de consumidores em potencial.

O capitalismo sobrevive do mercado, transforma a própria existência humana numa mercadoria desse mercado. É nessa sociedade de consumo, que o movimento contínuo de suprir as necessidades vai se firmando nas gerações que se sucedem quase que de forma visceral, por isso, requer cuidado, pois como nos alerta Bauman:

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (mesmo que raras vezes declarado com tantas palavras e ainda com menos frequência debatido em público) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou

recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis* (BAUMAN, 2008, p.76).

O risco do qual Zigmunt Bauman nos fala consiste não apenas na categoria de consumidores economicamente ativos, pois mesmo aqueles que não são considerados efetivamente como consumidores, num momento presente, são inseridos nesta sistemática condicionante da sociedade de consumo, como consumidores em processo de formação, porque se neste primeiro momento eles não são visados pelo mercado de consumo em geral, são, no entanto, projetados para um mercado de aliciamento ideológico, que se expande à medida que novos consumidores vão se instalando nas camadas inferiores. Esse mercado é em suma, voltado para o aspecto da cultura e da personalização desse indivíduo, que vai sendo moldado para se encaixar nessa dimensão dominada pela indústria cultural.

Esta sociedade de consumo vai estabelecendo uma segregação por nichos de consumidores e vai criando categorias, que promovem similaridade entre aqueles que consomem e aquilo que é consumido, proporcionando segundo o gosto, um padrão que se estabelece e passa a ser seguido, muitas vezes de forma incondicional. Assim, vai criando laços entre esses consumidores que vão separando-os dos demais, mas que, de um jeito ou de outro, mesmo se achando diferentes por estarem situados em categorias distintas, são inevitavelmente enquadrados numa esfera maior como apenas consumidores. Ou seja:

Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecida, de maneira abreviada, como 'sociedade de consumidores'. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como 'sociedade de consumidores' se distingue por uma reconstrução das relações entre consumidores e os objetos de consumo. Esse feito notável foi alcançado mediante a anexação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço que se estende entre os indivíduos – esse espaço em que se estabeleceram as ligações que conectam os seres humanos e se erguem as cercas que os separam (*Idem.*, p.19).

E, assim também funciona para aqueles que estão enquadrados no universo dos consumidores dos jogos eletrônicos, bem como dos usuários das mídias digitais, que são direcionados estrategicamente para grupos específicos de consumidores, que nem se dão conta dos seus atos instintivos de assimilação dos objetos que consomem, não importando se eles estão no campo da realidade material, ou se no campo da subjetividade, como a cultura, a ideologia ou no aspecto virtual que movimenta a indústria cultural, dos jogos eletrônicos e das mídias digitais. Ao serem posicionados nessas categorias similares entre si, vão formando grupos que se

assemelham por interesses comuns, que interagem e multiplicam os intercâmbios dos seus objetos de desejo, proporcionando essa constância da renovação de qualquer mercado de consumo.

Adorno fala que, “a relação entre as pessoas, ao se inserirem nesse sistema, é caracterizada primordialmente pela *lei de troca*, pois todas as coisas podem ser avaliadas por sua relação numérica e pela capacidade de uma substituir a outra” (*apud* FREITAS, 2008, p.09). O que nos leva aos riscos substanciais de um controle de massas, por parte desse segmento da sociedade capitalista, que detém o poder de fomentar desejos e necessidades, que é a Indústria Cultural. E sobre isso, Adorno e Horkheimer falam: “A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela, mesmo que se trate de uma oposição entre onipotência e impotência” (ADORNO; HOKHEIMER, 1985, p.113.). Nesse sentido, é prioritário o aspecto emergencial da salvaguarda da individualidade pelo processo de uma educação voltada para os fins da autonomia, e, por conseguinte, de uma capacidade de análise crítica, dos pormenores dessa “*lei de troca*”, sobre a qual alertavam Adorno e Horkheimer. Pois no caminhar dessa sociedade de consumo, a transformação do que é humano em mercadoria, tem se tornado uma constante, e em si tratando da juventude, uma mercadoria com efeito prolongado, cujo retorno financeiro para a indústria cultural é praticamente garantido, havendo assim, a necessidade de alertas ainda mais urgentes.

É por isso, que a ânsia por satisfação dos desejos envoltos nessa cibercultura, proporcionada pela indústria cultural, nunca tem fim. Pois cada vez que uma necessidade é preenchida, novas necessidades são criadas, fazendo surgir um vazio substancial que carece de preenchimento, e que só será possível lhe preencher através de um novo consumo, e assim sucessivamente. É como diz Bauman:

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua *insatisfeito*; mais importante ainda, quando o cliente não está '*plenamente satisfeito*' – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados (BAUMAN, 2008, p.63).

É nessa cultura do efêmero, que esta sociedade do consumo vive o hoje, e não muito distante disso, também será com a nova geração, assim como a outra, a outra e a outra. Precisamos cessar essa constante. A educação, conforme pensado por Adorno, ainda se mostra como o caminho capaz desse enfrentamento, mas é preciso ter cuidado com qual tipo de educação estamos lidando, pois até mesmo o processo educacional tem sido envolvido nessa teia do consumismo. Como nos diz Bauman: “o consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em gozo descartável. Sendo assim, por que o ‘pacote de conhecimentos’ adquiridos na universidade deveria escapar dessa regra universal?” (*Idem.*, p.42). E se até no berço da academia, o que se produz de conhecimento é colocado como suspeito, imaginemos então, aquilo que tem sido produzido na educação básica, especificamente no ensino médio nas escolas públicas? Um conhecimento descartável. Como diz Bauman: “É muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas num ritmo cada vez mais acelerado” (*Ibidem.*, p.42).

É esse o risco que vive hoje a educação institucionalizada, por isso, é urgente a necessidade de uma filosofia crítica e provocadora que seja capaz de pontuar esses aspectos gritantes do processo de aprendizagem e que também possa contribuir para a transformação de uma juventude esclarecida.

A educação de hoje, não pode ficar passiva aos acontecimentos desse processo de massificação da juventude pela indústria cultural.

Ora, se nossa sociedade é de consumo, como alega Bauman, e se existem várias batalhas que necessitam ser combatidas para evitar um colapso dessa sociedade, e se sozinha a educação não é capaz de combater todas as frentes, que ao menos tentemos com ela enfrentar esse oponente no campo da indústria cultural, traçando estratégias que possibilitem aos alunos das escolas públicas, compreenderem o dinamismo, e os mecanismos de controle dessa indústria do entretenimento.

Contudo, é bastante preocupante como a educação institucionalizada se apresenta nos dias de hoje. As diferenças existentes comparadas a uma educação que se diga emancipadora são alarmantes, por isso, requer ainda mais empenho dos profissionais que se dedicam à formação crítica cidadã. E sobre essa educação Bauman nos fala:

No passado, a educação assumia muitas formas e era capaz de adaptar-se às circunstâncias mutáveis, de definir novos objetivos e projetar novas estratégias. Mas, se me permitem a insistência, as mudanças presentes são tão diferentes das que se verificaram no passado. Em nenhum dos momentos decisivos da história humana, os educadores enfrentaram um desafio comparável ao que representa este ponto limite. Nunca antes nos deparamos com situação semelhante. A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi aprendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida (BAUMAN, 2008, p.60).

A educação ainda pode ser o remédio amargo para sanar essa enfermidade social, mas junto com ela, o educador também tem que saber se adaptar aos tempos modernos, em que a informação corre numa velocidade incontrolável, produzindo tanto bem quanto mal, tanto verdades, quanto falsidades. Então como se precaver de tudo isso? Como a educação institucionalizada pode se tornar eficaz no processo de esclarecimento de uma juventude que é seduzida incondicionalmente, todas as horas, e todos os dias, por essa indústria de entretenimento? E como a filosofia, disciplina do ensino médio, deve proceder para auxiliar no combate a esse processo de semiformação da juventude, pretendido pela Indústria Cultural? São muitas perguntas para tantas incertezas. Mas continuaremos em busca de respostas possíveis de serem alcançadas, que não sejam moldadas em um utopismo filosófico, ou até mesmo, em um currículo educacional que tente encaixar todos os indivíduos como se fossem modelos iguais.

Uma educação para a autonomia não pode se deixar levar pela padronização do modelo ideal, tem que haver uma valorização da subjetividade humana, da particularidade individual. São olhares diferentes voltados para todos os lados, a vida é dinâmica, como também deve ser dinâmica a educação. Por isso, precisamos reagir a essa demanda que obriga “de cima para baixo” que se cumpra um tipo de currículo que mais engessa o indivíduo do que o liberta. E isso é tudo que essa sociedade capitalista quer; implantar uma razão instrumentalizada para gerar indivíduos quase que robotizados.

Uma educação para a emancipação necessita de liberdade criadora, não apenas da escola e do professor, mas muito mais ainda, de uma liberdade, para que o aluno possa desvelar o mundo à sua frente, aprofundando o seu olhar tanto para os cantos mais obscuros, quanto para os cantos mais ofuscantes, dessa sociedade em que ele está inserido.

Contudo, uma sociedade em que se impõe um determinismo no processo educacional, fica difícil de ser combatida, mas não é impossível. Sobre esse modelo autoritário, Adorno, em uma conversa com Becher⁵, já dizia:

É bastante conhecida a minha concordância com a crítica ao conceito de modelo ideal (*Leitbild*). Esta expressão se encaixa com bastante precisão na esfera do jargão da autenticidade (*Jargon der Eigentlichkeit*) que procurei atacar em seus fundamentos. Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar para um momento específico no conceito de modelo ideal, o da *heteronomia*, o momento autoritário, o que é imposto pelo exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros. As condições – provenientes do mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não-pensamento – em geral também correspondem a este modo de pensar. Estão em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua autoinculpável menoridade (ADORNO, 2012, p.141).

Estamos vivenciando tempos difíceis para a educação, e mais ainda, para a filosofia do ensino médio, isso não é nenhuma novidade, em se tratando de uma disciplina que já viveu inúmeras exclusões, nesse sistema que não propicia a liberdade de pensamento, ou a ousadia de expressão da verdade. Então, como proporcionar uma educação que conduza a autonomia e o esclarecimento para os nossos alunos, se o próprio sistema não possibilita essa liberdade ao educador? Por isso, não serve qualquer educação, não serve qualquer educador.

Contudo, para que se conquiste essa condição de emancipação, ainda precisamos da instituição escola, é através dela, que poderemos alcançar essa possibilidade efetiva, de estabelecer para os alunos, uma visão equilibrada dos fatos sociais imersos nessa sociedade de consumo, promover a eles, a inclusão participativa nos diversos setores que compõem a escola e, por consequência, as instâncias administrativas exteriores a ela, dando voz e vez às decisões que direta ou indiretamente influenciam nas suas vidas. Viver todos os “*jogos da emancipação*” em sua formação escolar de forma ativa e livre. Adorno coloca que, “o problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo” (ADORNO, 2012, p.182). Enfrentar justamente essas contradições sociais, amparadas numa heteronomia que se estende por todas as esferas públicas e privadas, que retira dos indivíduos a liberdade de viver conforme suas próprias determinações. Por essa razão, Adorno

⁵ Debate na Rádio de Hessen, entre Theodor Adorno e Hellmut Becker, transmitido em 26 de setembro de 1966; publicado em *Neue Smmlung*, janeiro/fevereiro de 1967.

ainda atribui à escola, o meio pelo qual a formação para a livre escolha ainda seja o caminho, quando diz:

Tenho a impressão de que, por mais que isto seja almejavél, tudo ainda se dá excessivamente no âmbito institucional, sobretudo da escola. Mesmo correndo o risco de ser tachado de filósofo, o que, afinal, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (*Idem.*, p.182-183).

É papel, portanto, da filosofia, dentro do que hoje se estabeleceu a escola, lutar neste sentido de trilhar uma educação emancipatória, desvencilhando-se dessa organização heterônoma em busca de uma estruturação que se aproxime ao máximo da autonomia. E isso só poderá se constituir por indivíduos esclarecidos, e conscientes de seus direitos e deveres, no âmbito da escola e, por conseguinte, na sua efetiva participação na esfera social a que está inserido.

Adorno, na obra *Educação e Emancipação* (2012), lança uma série de alertas a respeito de um processo manipulador por parte da indústria cultural, que se utiliza da instituição escola para fins de formação de uma massa amorfa, em que os indivíduos são vistos de maneira homogênea, e com base nessa configuração, vai-se desprezando aquilo que é particular em cada um, e vão sendo construídas as verdades que irão determinar suas vidas na sociedade.

Como diz Adorno: “pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como material, dissolvendo-se como seres autodeterminados” (*Ibidem.*, p.129). Em outro momento, Adorno reflete sobre algo que ainda hoje é usual: o argumento que recai sobre a defesa dessa educação manipuladora, de que “a juventude não deseja uma consciência crítica” (ADORNO, 2012, p.142), e que, para, além disso, a “juventude quer modelos ideais” (*idem.*, p.142), mas, são justamente esses modelos ideais que agem como ferramentas manipuladoras dessa mesma juventude, e o mais grave de tudo é que, conforme o próprio Adorno fala, esses modelos ideais que atuam frente à juventude são capazes de se alastrar por um período vasto de tempo, pois para alguns, a adolescência se prolonga por toda a vida e junto com ela os anseios pelos modelos ideais forjados durante todo o processo de manipulação do indivíduo.

Por isso, para Adorno, é “importante que o princípio de esclarecimento da consciência seja aplicado na prática educacional em relação a esta idade” (*ibidem.*, p.142). Dessa forma, mesmo havendo a mania pela busca dos ideais, também, paralelamente, haveria o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma demanda de esclarecimento no processo educativo.

Ora, não podemos descartar que o processo de educação institucionalizado, da forma como se encontra, tem servido em muito ao propósito de uma sociedade que visa ao consumo. Os ideais motivacionais da conduta dos jovens, e dos adultos, que permanecem com aquele espírito de adolescência interminável, levam a uma postura de apatia a tudo que lhes é imposto como verdade. Se não houver uma contrapartida que freie esses anseios, dos mais variados modelos, dos ideais fabricados por essa sociedade de consumo, então, é preciso que haja pelo menos um esclarecimento, do que eles realmente são, caso contrário, esse ciclo vicioso de sucessivas gerações amorfas, não terá fim.

Tendo em vista esse comportamento que se instalou nessa sociedade de consumo, Bauman também alerta:

Se a cultura consumista é o modo peculiar pelo qual os membros de uma sociedade de consumidores pensam em seus comportamentos ou pelo qual se comportam ‘de forma irrefletida’ – ou, em outras palavras, sem pensar no que consideram ser seu objetivo de vida e o que acreditam ser os meios corretos de alcançá-lo, sobre como separam as coisas e os atos relevantes para esse fim das coisas e atos que descartam como irrelevantes, acerca de o que os excita e o que os repele, o que os estimula a agir e o que os incita a fugir, o que desejam, o que temem e em que ponto temores e desejos se equilibram mutuamente –, então a *sociedade* de consumidores representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é levada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com máxima dedicação (BAUMAN, 2008, p.70).

Se o que aqui nos falou Bauman, se refere diretamente à cultura de homens e mulheres, que já são constituídos plenamente como consumidores, e que mesmo em idade potencialmente capaz de refletir sobre suas atitudes, não o fazem por já se encontrarem condicionados a essa cultura do consumo em suas vidas, imaginemos então, aqueles que ainda não alcançaram a idade adulta, e muito menos, conseguiram se tornar financeiramente independentes! Por isso, é necessário e urgente, adotarmos uma contrapartida, que possibilite o mínimo de reflexão sobre esse comportamento desajustado com relação ao consumo, que nossos jovens se tornem consumidores conscientes, e não simplesmente consumistas!

É preciso que haja reação, que haja engajamento de todos que buscam pela educação um meio de conscientização da juventude, de que é possível confrontar os mecanismos manipuladores que se valem da instituição escola e da própria sociedade em geral, apenas como meio de obtenção de lucro. Diante disso Lipovestsky fala que:

Através da rejeição e das escolhas conscientes, o consumidor experimenta uma maneira de ser sujeito, cuja autonomia se concretiza na prudência, no discernimento, na capacidade de mudar e de questionar o existente. Não se trata de uma simples defesa contra o mundo exterior, mas de um instrumento de apropriação individual de uma parte do mundo dominado pelo mercado (LIPOVESTSKY, 2007, p.139).

A mudança de postura só ocorrerá de fato se houver educação, se existir conscientização do indivíduo quanto aos prós e os contras de suas decisões, decisões livres e passíveis de acertos e erros, mas que, independentemente dos resultados alcançados, sejam simplesmente decisões que resultaram de escolhas individuais, não de reflexos de situações artificiais fixadas de forma sutil no inconsciente de cada um. É preciso então, que essa mudança de fato ocorra que haja a transformação de sujeitos passivos, para indivíduos que saibam exercer seus papéis ativamente nas suas próprias vidas. Indivíduos esclarecidos são capazes de alcançar a autonomia dos seus destinos, e de traçar devidamente seus papéis sociais no mundo.

Adorno e Horkheimer destacam na *Dialética do Esclarecimento* que:

Nas palavras de Kant, o esclarecimento 'é a saída do homem de sua menoridade, da qual é o próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem a direção de outrem'. 'Entendimento sem a direção de outrem' é o entendimento dirigido pela razão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.71).

Ainda de acordo com os filósofos, a razão estabelece como único objeto o entendimento, e sua aplicação funcional, e desde os pensadores modernos, se foi estabelecendo, que o pensamento no sentido de esclarecimento, estava intrinsecamente ligado a uma produção de ordem científica, contudo, esse esquematismo elaborado pela classe burguesa, já tendia a uma dominação sistêmica das demais classes, e para tanto, adotou que a razão também "estabelece, 'como objetivo das operações do entendimento, uma certa unidade coletiva', e essa unidade coletiva é o sistema" (*Idem.*, p.71). O sistema passa a ser então o referencial daquilo que se pode chamar de entendimento, e alcançar esse entendimento pelas vias da ciência era o que se pretendia. A intelectualidade do

sujeito do esclarecimento só haveria de ser produzida pela sua submissão aos preceitos estabelecidos pela ciência, que definiu categorias de conhecimento e estabeleceu unidades de pensamento e de sistema, que passaram a ser a ótica válida a respeito do esclarecimento desde a modernidade.

Entretanto, na concepção de Adorno e Horkheimer, esse sistema que prioriza um esquematismo, em que os fatos são analisados segundo uma harmonização com a natureza e de sua constatação pela confirmação científica esquece que: “os fatos, porém, pertencem à práxis. Eles caracterizam sempre o contato do sujeito individual com a natureza como objeto social: a experiência é sempre um agir e um sofrer reais” (*Ibidem.*, p.72). Dessa forma, fica claro para os filósofos que “o pensamento que não consegue harmonizar o sistema e a intuição desrespeita algo mais do que simples impressões visuais isoladas, ele entra em conflito com a prática real” (*Ibidem.*, p.72).

E é isso que temos visto hoje, com relação ao processo de educação institucionalizado nas bases instrumentais de um entendimento, de que só através da cientificidade, do saber, pode-se alcançar o esclarecimento. O que compreendemos, amparado pelo pensamento de Adorno e Horkheimer, que os princípios da autoconservação é que conduzem o indivíduo a buscar o esclarecimento, e que o sistema que realmente visa ao esclarecimento do indivíduo, é aquele que lida melhor com os fatos com os quais o sujeito se relaciona, e eficazmente o apoia na sua compreensão e na dominação da sua natureza. Dessa maneira, devemos evitar aquele conceito estabelecido pelos modernos, que designaram a técnica e a ciência como únicos meios para sua promoção, e também com isso, compreender, à luz de Adorno e Horkheimer, que aquilo que se pretendia com o entendimento, visava ao favorecimento de uma sociedade industrial, despreocupada com o crescimento e a autonomia individual. Ou seja:

A verdadeira natureza do esquematismo, que consiste em harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por se revelar na ciência atual com interesse da sociedade industrial. O ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.73).

Portanto, não podemos acatar que, ainda nos dias atuais, esse discurso a respeito do entendimento e da autonomia individual, não seja algo possível de ser alcançado, pelo contrário, devemos adotar uma postura que proporcione a saída da minoridade “como a incapacidade de se conservar a si mesmo” (*Idem.*, p.72), e pela

educação conduzir ao processo de entendimento e de esclarecimento. Não permitindo, que verdades produzidas por essa sociedade industrial, transformem a juventude, em sujeitos incapazes de transpor os obstáculos que a própria vida lhes impõe. Marcuse, de forma muito perspicaz, nos revela a capacidade de manipulação de que essa sociedade é capaz ao criar conceitos e ideologias que vão se perpetuando com o passar do tempo. A exemplo de:

Nascemos e morremos racional e produtivamente. Sabemos que a destruição é o preço do progresso, como a morte é o preço da vida, que a renúncia e a labuta são os requisitos para a satisfação e o prazer, que os negócios devem prosseguir e que as alternativas são utópicas. Essa ideologia pertence ao aparato social estabelecido; é um requisito para o seu funcionamento contínuo e parte de sua racionalidade (MARCUSE, 1973, p.143).

Assim, colocando a educação, como meio para a superação dessa condição de inversão social, em que vivem os indivíduos, especificamente a juventude, diante dessa manipulação, comum na sociedade capitalista, Adorno relaciona dois problemas considerados difíceis, para que seja alcançada a emancipação. Primeiramente, seria superar essa própria organização do mundo em que vivemos, e essa sua ideologia dominante, que, segundo ele, “exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação” (ADORNO, 2012, p.143), e não podemos recair num idealismo, segundo ele, de achar que não existe um obscurecimento da consciência desses indivíduos que são alimentados por essa ideologia dominante. E, como segundo problema, Adorno vê a questão da diferença entre os indivíduos, com relação à adaptação a essa nova forma de compreender o que o cerca, ou seja, “emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação” (*idem.*, p.143). Assim, ainda de acordo com Adorno, “a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientar no mundo” (*Ibidem.*, p.143).

Compreendendo todas essas dificuldades que incidem no processo de uma educação para o esclarecimento, e o quanto esse caminho é recheado de obstáculos, não podemos deixar de lembrar aquilo que Adorno já havia salientado a respeito dos indivíduos inseridos neste problemática:

Por fim, é preciso lembrar também que o próprio indivíduo, e, portanto, a pessoa individualizada que insiste estritamente no interesse próprio, e que,

num certo sentido, considera a si mesma como fim último, também é bastante problemática (ADORNO, 2012, p.153).

Mas, mesmo a esse respeito, o filósofo nos orienta que a saída se dá pela educação. Colocar todos os problemas de forma consciente na educação para emancipação, pois através dela, todas as possibilidades, e reflexões de resistência aos males dessa sociedade de consumo serão encontrados.

3 EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo.
(Paulo Freire).

A educação como via de transformação humana e social sempre foi vista com bons olhos e propagada governo a governo como plataforma política de uma boa administração pública, mas, nem sempre, na prática, isso se configura.

Em uma sociedade cujo propósito é o desenvolvimento do capital financeiro em detrimento do capital humano, a educação, como um ideal para a via dessa transformação é tratada de uma forma imaginária, porque na realidade, ela, nesta “sociedade unidimensional”, como nos diz Marcuse, é conduzida como instrumento de dominação. Essa sociedade “em desenvolvimento altera a relação entre o racional e o irracional” (MARCUSE, 1973, p.227), sendo necessário tomar muito cuidado com o que tem sido pretendido com essa educação sistemática, tipicamente instrumental, que tem sido projetada e propagada aos quatro cantos do país como a ideal para o desenvolvimento da sociedade. Para tal propósito, é necessário ficar alerta quanto a este sistema, que vem sendo pregado como o mais racional para atender as necessidades da formação educacional dos jovens, ou seja, “contratado com os aspectos fantásticos e insanos de sua irracionalidade, o reino do irracional se torna o lar do realmente racional” (*Idem.*, p.227). E isso que vem sendo feito com relação à educação pública, o propósito de promover com a juventude um reabastecimento da classe operária, diminuindo cada vez mais sua capacidade de crescimento econômico, e conseqüentemente, sua autonomia intelectual.

Adorno em *Educação e Emancipação* abre uma discussão sobre a educação, alertando sobre um fato universalmente abominável: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 2012, p.119). Não necessariamente que o terror do holocausto venha se repetir de maneira idêntica, mas que, aquele tipo de formação humana para a dominação seja recriminado e eliminado de todo e qualquer propósito de formação pela educação, independentemente de quem se utilize dela para esse fim.

A educação como arma ideológica, sempre foi usada historicamente por nossos governantes, mesmo sabendo o quanto ela pode ser danosa para a

sociedade. Mas mesmo assim, políticos e setores dominantes da economia fazem uso dela para a propagação de suas ideologias. A segregação de parte da sociedade pela educação é um fato real e não imaginário, no entanto, ela continua sendo usada e manipulada para fins diversos do que realmente se diz pretender:

A imaginação abdica em favor dessa realidade, que está alcançando uma imaginação surpreendente. Auschwitz continua assombrando não a memória, mas as realizações do homem – os voos espaciais; os foguetes e teleguiados; o ‘subsolo tipo labirinto em algum ponto sob o bar’; as belas fábricas eletrônicas, limpas, higiênicas, com canteiros de flores; o gás venenoso que não é realmente nocivo às criaturas; o secretismo de que todos nós participamos. Esse é o cenário em que ocorrem as grandes realizações humanas em ciência, medicina e tecnologia; os esforços para salvar e melhorar a vida são a única promessa no desastre. O jogo voluntário com possibilidades fantásticas, a aptidão para agir de boa consciência, contra *naturam*, para experimentar com homens e coisas, para converter a ilusão em realidade e a ficção em verdade, são testemunhos do quanto a Imaginação se tornou um instrumento de progresso. E é um dos que, como outros das sociedades estabelecidas, são metodicamente abusados. Estabelecendo o ritmo e o estilo da política, o poder da imaginação excede em muito Alice no País das Maravilhas na manipulação das palavras, transformando sensatez em insensatez e insensatez em sensatez (MARCUSE, 1973, p.227-228).

Portanto, é com esse jogo de palavras que a inversão da realidade se configura na sociedade capitalista, aonde as classes sociais vão se firmando quase que como castas, onde uma parte se investe do poder e a outra fica submissa a ele, e pouco se vê existir uma mobilidade entre elas. E essa permanente aparência de normalidade tem sido conquistada também pelas vias da educação, que, ao longo da história da nossa sociedade, tem mantido um fosso que separa aquela classe destinada à elite, que se diz privilegiada, da outra, destinada ao público em geral.

A educação pública e privada em nosso país nos revela esse distanciamento entre as camadas sociais existentes ainda que o discurso político sobre a educação não admita essa distinção e desnivelamento, pois a ilusão de que a educação pública é de qualidade, e se equipara em todos os extremos do país, e que as suas metas estabelecidas para erradicação do analfabetismo estão sendo alcançadas, e, etc. É repetido em discursos cada vez mais eloquentes, que têm sido absorvidos como verdade por grande parte da sociedade, principalmente, é claro, por aquela parte que menos tem formação. E isso implica justamente sobre aquele alerta do qual Adorno nos prevenia, e que não está sendo visto com seriedade por parte daqueles que exercem o poder na educação, ou seja:

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de

uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz *foi* a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora (ADORNO, 2012, p.119).

As condições que geram a regressão à barbárie, estão diretamente ligadas à educação de um povo, que ela não seja tratada como meio de alienação, como mecanismo de dominação de classe, e que não possibilite um desenvolvimento progressivo dos indivíduos dentro dessa mesma sociedade. A educação tem que ser vista como possibilidade real de crescimento, individual e coletivo, ela deve exercer diretamente, condições de esclarecimento e autonomia para as pessoas, indiscriminadamente. Enquanto isso não for possível, viveremos na iminência do retorno a Auschwitz, se é que já não nos encontramos nele.

A história nos fala, segundo Adorno, que, no tocante às “perseguições, a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e, ao mesmo tempo – seja isto verdade ou não – felizes” (*Idem.*, p.122). Ora, ser socialmente fraco numa sociedade tipicamente capitalista está diretamente associado à sua condição social, especificamente, à condição financeira, e, correlacionado a ela, em uma situação de formação escolar inferior à média pretendida para alcançar os níveis profissionais das classes superiores, visto que, nesta sociedade, essas condições são as duas formas mais simples para atingir o patamar e poder necessário para a obtenção da tal mobilidade desejada por todos.

A fortuna daqueles que estão no poder não é tão fácil de ser alcançada, seja com um passe de mágica, uma sacada de sorte, ou com a graça divina. Ela é um sonho, é a imaginação e o alimento que mantêm muitos dos que a desejam reféns de um sistema que necessita da obediência e da submissão, por isso, quanto menos conhecimentos sobre as coisas, sobre o mundo e sobre si mesmos, elas desejarem ter, melhor para aqueles que se utilizam deles possam se manter no poder, e se valer dessa massa impossibilitada de crescimento econômico e educacional.

Em contrapartida, quando se obtém conhecimento pela educação, são grandes as possibilidades de que esse salto, tão almejado pelas classes sociais, aconteça. Portanto, pela formação profissional cada vez mais especializada, qualquer cidadão, independentemente da classe social a que esteja vinculado, pode perfeitamente encontrar o caminho que o levará ao sucesso econômico, e à melhoria da sua posição na sociedade, na medida em que a educação ainda é o

caminho, consideravelmente mais fácil para a ascensão social. Contudo, muitos são os obstáculos criados na sua estrutura para que cada vez mais, menos cidadãos, consigam a conquista da mudança pela educação. Assim, é preciso que estes que são vítimas desse sistema, se unam para buscar mecanismos de resistência contra esses desmandos, que ainda são usados no sistema público de formação educacional do país. Por isso, fala Adorno:

De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação. Essas tendências se encontram bastante desenvolvidas logo abaixo da superfície da vida civilizada e ordenada. A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destruir o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência (*Ibidem.*, p.122).

A educação tem sido um meio eficiente para a transformação de pessoas, e têm conseguido mudar significativamente suas vidas e suas condições sociais, mas isso também tem se configurado como uma ameaça. E são justamente esses instrumentos ameaçadores, mantidos no sistema educacional do país, que impossibilitam uma crescente ascensão das classes inferiores a patamares elevados, se mantendo em níveis econômico e cultural das classes menos favorecidas.

Mas de onde partem esses entraves que são inseridos no nosso sistema educacional? Quais as pessoas envolvidas nas decisões que mudam as possibilidades de melhorias da sociedade pela educação? Por que os compromissos assumidos e divulgados em campanhas políticas são facilmente esquecidos após os pleitos eleitorais? Devemos buscar compreender profundamente essas perguntas, porque delas muitas respostas equivocadas iremos ter, pois quem faz o sistema tende a se proteger, principalmente quando ameaçados. Sabemos que, por exercerem o poder, se sentem intocáveis, e sobre esses que se comprometem com promessas que sabem que não irão cumprir Adorno chama a seguinte atenção:

Considero ser uma ilusão imaginar alguma utilidade no apelo a vínculos de compromisso ou até mesmo na exigência de que se reestabeçam vinculações de compromisso para que o mundo e as pessoas sejam melhores. A falsidade de compromissos que se exige somente para que provoquem alguma coisa – mesmo que esta seja boa –, sem que eles sejam experimentados por si mesmos como sendo substanciais para as pessoas, percebe-se muito prontamente. É espantosa a rapidez com que até mesmo as pessoas mais ingênuas e tolas reagem quando se trata de descobrir as fraquezas dos superiores. Facilmente os chamados compromissos convertem-se em passaporte moral – são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável – ou então produzem

rancores raivosos psicologicamente contrários à sua destinação original. Eles significam uma heteronomia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo. O que a psicologia denomina superego, a consciência moral, é substituído no contexto dos compromissos por autoridades exteriores, sem compromisso, intercambiáveis (ADORNO, 2012, p.124).

Ou seja, é prática comum na política, daqueles que assumem os compromissos de mudanças e melhoras nas instituições de ensino público do país, alternar o discurso à medida que seus objetivos são revelados, atribuindo sua falta de comprometimento com o que fora assumido anteriormente, às forças exteriores a ele, ou até mesmo à própria limitação do poder estatal, independentemente da esfera em que se encontre: municipal, estadual ou da união federativa. No final, o que realmente tem sido visto é o descaso com os compromissos assumidos com aqueles que necessitam de uma boa formação educacional, em outras palavras, com aqueles que dependem de uma educação pública de qualidade para poder transformar sua vida e com ela também transformar sua realidade.

Por isso, Adorno nos fala que não deixemos que Auschwitz se repita. A Auschwitz que tememos, não necessita de cercas de arame farpados, de câmaras de gás, ou de campos de trabalhos forçados. Tememos uma Auschwitz, que segrega os indivíduos numa mesma sociedade onde os limites são invisíveis e os gritos de torturas ecoam em silêncio, onde os choros e dores dos oprimidos não sensibilizam aqueles que se colocam como os diferenciados. Por isso é necessário que esse clamor por justiça e igualdade seja ecoado e acorde os mais fracos, para que, a partir deles, haja resistência. Adorno diz que “O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, para usar a expressão kantiana, o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação” (*idem.*, p.125). E para que isso seja possível de acontecer, é necessária uma educação para a autonomia e para o esclarecimento.

É preciso que haja resistência, e resistir, nesse aspecto relacionado à educação, é ir de encontro a essa cultura de que a normalidade das discrepâncias sociais que ainda persistem deixem de existir, e que o direito a uma educação proativa, que efetivamente proporcione transformações sociais, seja efetivado nas escolas. É preciso dar um basta a esse comodismo que põe amarras nas gerações, que, sucessivamente se perdem pela falta de oportunidade. Para sabermos bem o que isso significa, basta recorrermos aos escritos de Zigmunt Bauman na obra *A sociedade individualizada*, onde diz:

Tempos atrás, as pessoas eram induzidas a suportar seus destinos com docilidade, não importa quão duro fosse. Assim como todas as outras coisas do outro mundo e eternas, o mundo inferior pensado para produzir um efeito semelhante havia sido trazido para a Terra, colocado firmemente nos confins da vida terrestre e apresentado numa forma pronta para o consumo instantâneo. Os pobres são hoje o 'Outro' coletivo dos assustados consumidores; são os 'outros', de maneira muito mais tangível e com mais convicção do que aqueles do *Huis-clos* de Sartre (BAUMAN, 2008, p.151).

Os tempos mudaram, mas as práticas de dominação e servidão não mudaram. Os fortes ainda continuam explorando os mais fracos, os ricos os mais pobres, os mais escolarizados continuam suplantando suas vontades contra aqueles de baixa escolarização, seja como for, nessa sociedade administrativa e movida por uma razão instrumental, cada vez mais adequada ao conhecimento técnico especializado, e aqueles que não tiverem as mesmas oportunidades de formação educacional continuarão sendo explorados pelos demais.

Por isso, urge a necessidade de pela educação poder ser feita a diferença, que as oportunidades para os jovens de hoje realmente existam, e de que suas mudanças possam ser efetivadas. Mas, para que tudo isso seja possível é preciso vencer esse movimento cíclico, característico das sociedades capitalistas, de manter essas repetições constantes, de que as classes sociais não se alternem, nem se equilibrem, que pelo contrário, continuem sendo guiadas como massas. Ou como diz MAAR, analisando Adorno, sobre esse aspecto da sociedade capitalista: “A sociedade de massas – talvez fosse melhor ‘sociedade massificada’ – seria a forma social vigente assumida pela formação social em seu processo de reprodução na subsunção real e totalizante ao capital” (MAAR, in Educ. Soc. 2003, p.461). E indo mais além, “‘toda sociedade ainda é de classes’, diria Adorno no ensaio *Sociedade*, mas ‘subjetivamente encoberta, a diferença de classes cresce objetivamente’” (*idem.*, p.461). E a diferença entre as classes tem crescido assustadoramente, essa é a verdade, daí o principal motivo de encontrar os meios certos pela educação para uma possível reversão desse quadro que se mantém estável entre ricos e pobres, entre indivíduos com e sem oportunidades de crescerem através da educação. Sujeitos que foram introjetados num processo de semiformação. “A semiformação seria a forma social da subjetividade determinada nos termos do capital” (*Ibidem.*, p.467).

Quando passamos a adotar esse questionamento a cerca da qualidade do ensino médio, conseqüentemente, o resultado dessa formação acadêmica na vida dos jovens após concluírem essa fase da educação básica, e, além disso, quando

especificamente analisamos as consequências resultantes de sucessos e fracassos relativos à concretude da vida profissional desses mesmos jovens, oriundos do ensino médio das escolas públicas, comparando-os a outros jovens de igual idade, mas que foram oriundos de uma educação básica promovida pelas instituições particulares, com poder aquisitivo relativamente alto, constata-se, efetivamente que o ensino público não está conseguindo atender aqueles anseios esperados pela população pertencente às classes operárias, que ainda existe muito a se conquistar e a mudar nessa educação, que se diz igualitária. Nesse sentido, é justa a crítica que faz Miguel Arroyo a respeito desse currículo implantado nesta educação pública que aí está. Vejamos:

Poderíamos partir de um dado: o Ensino Médio está sendo repensado, ressignificado. Onde? Na prática das escolas, nas salas de aula, na criatividade dos professores, no material didático que cada docente cria e incorpora. Há um currículo de Educação Básica reinventado na prática escolar? Quem são os sujeitos dessa reinvenção do currículo? O núcleo da transformação do Ensino Médio está na reinvenção dos currículos, da concepção e da prática da educação (ARROYO, *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.54).

Como visto, de acordo com a análise de Arroyo, não existe um planejamento sistemático por parte dos governos para criar novas possibilidades de mudanças no ensino médio, o que existe é o esforço de poucos profissionais da educação, que insatisfeitos com o descaso dos órgãos governamentais, buscam por seus próprios meios, metodológicos e didáticos, fazer a diferença no processo de formação do sujeito crítico e integrado ao que se passa ao seu redor, quando muito, em poucos casos, a escola de forma isolada do sistema como um todo, coloca o mínimo de apoio ao docente, que busca ousar em sua criatividade para promover um ensino que seja capaz de fazer a diferença. É como fala Arroyo a respeito desse profissional que busca por seus próprios meios particulares vencer as dificuldades e produzir um saber que ultrapasse barreiras, que conduz os seus alunos a ir além dos limites impostos. Vejamos o que ele diz:

Há ainda outro dado que merece destaque: os professores são outros em gênero, origem social, racial, trazem saberes, leituras de mundo e de si mesmos. Em anos de lutas por direitos, eles disputam o reconhecimento de suas identidades profissionais e sociais. Trazem outras experiências sociais e outras indagações ao campo de conhecimento. São produtores de conhecimento. Como profissionais trazem ao currículo disputas por autorias e criatividade docente, por autonomia. Discutem em coletivos de área, reinventam, enriquecem conteúdos do currículo oficial (*Idem.*, p.55).

Mas, essa luta individualizada de professores isolados no sistema não tem produzido muito resultado, é comum, que o currículo, que é colocado de forma impositiva para as escolas vença. E, em se tratando de vencedores e derrotados, podemos identificar facilmente quem está do lado dos vencidos, nele está uma grande parte da população de baixa renda, mantida assim por um controle de massa criado pelos diversos mecanismos de poder, dessa sociedade que é refém da indústria cultural, do capitalismo e da desigualdade social, não sendo diferente no tocante à educação, que vem sendo reproduzida assim por décadas neste país.

O poder de que aqui estamos falando, equivale àquele poder propagado por Michel Foucault, que esboça não necessariamente o poder financeiro de um sobre outro, mas aquele poder que permeia as esferas sociais da sociedade, que perpassa as diversas instâncias das relações sociais, e que impregna no cotidiano das pessoas uma normalidade da submissão de uma classe sobre outra. A esse propósito, do conceito de poder em Foucault, Judith Revel nos aproxima ainda mais dessa categoria tão amplamente utilizada na sociedade. Ou seja, o poder é exercido multiplamente, e, na educação, ele é sentido com mais evidência.

Foucault nunca trata do poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas de "relações de poder" que supõem condições históricas e emergências complexas e que implicam efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder. Ainda que Foucault pareça por vezes ter questionado a importância do tema do poder em seu trabalho "Não é, portanto, o poder, mas o sujeito que constitui o tema geral de minha pesquisa", suas análises efetuam dois deslocamentos notáveis: se é verdade que não há poder que não seja exercido por uns sobre os outros - "os uns" e "os outros" não estando nunca fixados num papel, mas sucessiva, e até simultaneamente inseridos em cada um dos polos da relação -, então uma genealogia do poder é indissociável de uma história da subjetividade; se o poder não existe senão em ato, então é a questão do "como" ele retoma para analisar suas modalidades de exercício, isto é, tanto à emergência histórica de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que ele se dá, os campos onde ele intervém, a rede que ele desenha e os efeitos que ele implica numa época dada. Em nenhum caso, trata-se, por consequência, de descrever um princípio de poder primeiro e fundamental, mas um agenciamento no qual se cruzam as práticas, os saberes e as instituições, e no qual o tipo de objetivo perseguido não se reduz somente à dominação, pois não pertence a ninguém e varia ele mesmo na história (REVELL, 2005, p.67).

Ora, o ensino público por mais que tente se equivaler em qualidade e em condições de oportunidade com o ofertado pela rede de ensino particular não tem conseguido. Há uma distância que cresce exponencialmente de tempos em tempos, e estamos vivendo numa realidade social, que distancia ainda mais a possibilidade dos jovens, estudantes das escolas públicas, de obterem sucesso na vida através da

educação, essas que recebem das escolas que são de responsabilidade governamental. Arroyo também observa em seus trabalhos que a desigualdade entre os jovens oriundos de classes distintas é cada vez maior e, por conseguinte, preocupante.

Nos padrões tão desiguais de poder, de trabalho, de renda e de conhecimento, o destino de todos os jovens será o mesmo? Nem a diversidade de gênero, raça, etnia e espaço dos adolescentes, jovens e adultos e dos próprios docentes é a mesma de décadas recentes. Que currículos reconhecem essa diversidade? As Diretrizes Curriculares reconhecem a diversidade de jovens e propõem que 'a organização do Ensino Médio deve oferecer tempos e espaços próprios para os estudos e atividades que permitam itinerários opcionais diversificados, a fim de melhor responder à heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificações etárias, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento' (Art.14,XI) (ARROYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.59).

Mas, nem tudo que as Diretrizes Curriculares recomendam são possíveis de serem executadas, e mesmo quando há as mínimas condições de execução, nem sempre são da forma desejada, nem são específicas para as necessidades demandadas em cada região ou comunidade, são, na maioria das vezes, padronizadas e em desacordo com as expectativas criadas. Neste sentido, e em consonância com esta preocupação, sobre o futuro dos jovens do ensino médio, estão Dayrell e Carrano quando falam:

A construção de uma sociedade democrática não pode desconsiderar os desafios e dilemas vividos pelos diferentes sujeitos sociais nos seus ciclos da vida. Esse desafio está colocado para os jovens, para o mundo adulto e, principalmente, para os professores das escolas de ensino médio: como fazer para que nossas escolas consigam incorporar os objetivos da formação integral dos nossos jovens consagrados nas novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio? Como fazer para que as nossas práticas educativas funcionem, de fato, como suporte nos processos de construção de identidades e projetos de vida dos jovens? (DAYRELL e CARRANO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.126-127).

E como se vê, os problemas são levantados e estão sendo abordados constantemente nos meios acadêmicos, são inúmeras questões para poucas soluções, mas, uma verdade é aceita por todos: há uma grave crise no processo de gestão das instituições públicas responsáveis pela formação educacional dos jovens integrantes desse ensino médio. Se a questão é política ou econômica, não vem ao caso, mas o que é preciso ser feito, é promover uma mudança urgente nesta sistemática de formação, e, para tanto, é preciso começar mudando essa condição de submissão da juventude. Assim, coadunamos com o pensamento de Dayrell e Carrano quando falam:

Como fazer para que os jovens sejam sujeitos de suas próprias vidas e, assim, promotores da democracia? A compreensão dos processos de socialização contemporânea dos jovens, o reconhecimento dos entraves para a vivência do ciclo de vida e a entrada na vida adulta, bem como o reconhecimento de experiências positivas, saberes, culturas possibilidades de ação, podem contribuir para o diálogo intergeracional no cotidiano escolar. Muitos dos problemas que os educadores enfrentam nas salas de aula e espaços escolares têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos em que estão imersos. Dito de outra forma: a escola e seus professores precisam conhecer as trajetórias não escolares dos seus jovens alunos, as experiências e os espaços e tempos por meio dos quais constroem seus modos de vida (*Idem.*, p.126-127).

São exatamente nessas realidades externas ao meio escolar, de que falam Dayrell e Carrano, que reside o maior problema para a realização das transformações, as necessárias para que haja uma verdadeira mudança de paradigma dessa democracia, que vem se instalando, e se consolidando ainda mais como uma forma de promoção das desigualdades existentes na sociedade, não apenas na educação, mas em todas as demais instâncias de consolidação do poder.

Por essa razão, a juventude é tão importante para que se instale a mudança desejada, os jovens, principalmente aqueles que se encontram no ensino médio das escolas públicas, devem ser guiados por uma educação que lhes promova uma efetiva mudança de conceitos e atitudes, que lhes promova num futuro próximo sua autonomia e, considerando esta sua autonomia, também conquiste a autonomia dos outros, aqueles que estão inseridos na sua família e na sua comunidade. É como diz MELUCCI:

A adolescência é a idade em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando maior número de possibilidades. Uma perspectiva temporal aberta corresponde a uma forte orientação para a auto realização, resistência contra qualquer determinação externa dos projetos de vida e desejo de uma certa variedade e reversibilidade de escolha (MELUCCI *In*: FÁVERO (org.), 2007, p.35-36).

A adolescência, ao longo do tempo, vem sendo alimentada com aquela ideia popular de que ela é a responsável pelo futuro da nação, pelo futuro da sociedade, da família etc. Só que, se esquecem de que essa adolescência, que se configura como a tal, que irá proporcionar as mudanças necessárias como um todo, também necessita de uma atenção devida no presente, porque, caso esse momento tão fundamental que é o presente não lhe proporcione condições de autonomia para promover esse futuro tão esperado, iremos continuar mentindo pra nós mesmos, com essa ilusão fantasmagórica de acreditar que, as mudanças das condições sociais das classes menos favorecidas acontecem como num passe de mágica, ou

talvez, tenhamos que passar a questionar se esse comportamento, que alimenta essa crença de que as transformações necessárias irão acontecer, independentemente das condições que lhes são oferecidas, seja apenas um subterfúgio das classes dominantes para a manutenção do poder sobre as demais classes, para que essas classes, não cessem nunca de lhes serem submissas.

Por conta disso, é que não podemos descuidar da educação para a juventude, de uma educação que possa promover sua emancipação, que lhe possibilite realmente condições de resistência e mudança dessas situações existenciais, que travam e dificultam seu desenvolvimento. Nesse aspecto, voltamos a Adorno para poder constatar que, nesse sentido, suas previsões ainda são bem atuais:

Eu diria que atualmente a educação tem muito mais a declarar acerca do comportamento no mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideais preestabelecidos. Pois se não fosse por outro motivo, a simples e acelerada mudança da situação social bastaria para exigir dos indivíduos qualidades que podem ser designadas como capacitação à flexibilidade, ao comportamento emancipado e crítico (ADORNO, 2012, p.141).

Como vimos, não é de hoje que existe um movimento que detém o avanço progressivo das classes sociais mais baixas, e mesmo que ele seja reconhecido nas práticas desenvolvidas pelos governantes ao longo do tempo, é também inversamente proporcional o reconhecimento de onde ela é originada. E mesmo que venhamos adotar o processo arqueológico para sua identificação, iremos apenas constatar que o problema existe. Que soluções são apontadas, mas, muitas delas não são realizadas, e como justificativas dessa não realização surgem os mais diversificados discursos para sua sustentação, muitos deles recheados de culpados e vítimas, mas sem resolução.

Dessa forma, não é apontando culpados que chegaremos à solução alguma, nem tão pouco nos mantendo inertes diante dessa situação de descaso. Se existe algo a ser feito, e possível de ser feito, é a resistência. É o que necessitamos fazer para que haja um desprendimento de forças, sejam elas, a princípio individuais, partindo dos docentes, engajados na luta contra essa sistemática que teima em impor de cima para baixo os seus ditames, visando uma homogeneização do ensino de forma heterônoma, ou dos discentes que buscam um lugar ao sol, também acreditando que suas diferenças individuais, sociais e culturais são suas marcas importantes, e, portanto, devem ser respeitadas e valorizadas no seu processo de

formação. Por fim, a escola e a comunidade não podem se esquivar das suas responsabilidades sociais com a educação para a juventude, que tem sido apenas fantoche desse sistema “parasitário” como afirma Bauman.

E, por isso, ao pensar em apenas renovar o currículo da educação básica, sem levar em consideração todas essas nuances de suma relevância, os governos não podem e nem devem, encontrar facilidade na aprovação dos seus desmandos, pelo contrário, deve e terá um movimento de resistência e informação que se imporá a favor da educação dos jovens e, principalmente, em prol de uma sociedade esclarecida e capaz de superação. Pois, se não for assim, se não houver resistência, com diria Adorno, ficaremos a mercê da barbárie de *Auschwitz*.

Arroyo, quando se posiciona a respeito dessas pretensas mudanças no currículo do ensino médio, sem que tenha sido ouvido as suas bases fundamentais, questiona a respeito das verdadeiras intenções dos seus pretendentes:

Que exigências trazem esses reconhecimentos quando tentamos renovar os currículos? Se reconhece que as unidades de educação média adquirem sua identidade própria enquanto unidades escolares de adolescentes, jovens e adultos, respeitadas as suas condições e necessidades de espaço e tempo para a aprendizagem (Art. 17, II). Os educandos são reconhecidos como referente na especificidade de seus tempos humanos e de sua diversidade e das diferentes nuances da desigualdade e da exclusão na sociedade brasileira (Art. 16, XIV).

A hipótese que guia essas reflexões é que todo projeto de reestruturação curricular no Ensino Médio que pretenda definir expectativas e normas “do alto” nem restaura currículos tampouco inova o ensino, nem de maneira ilustrativa – esclarecendo os docentes com bons textos –, normativa – lembrando o corpo legal, as diretrizes – ou persuasiva. Se o referente são os educadores e os educandos, a postura mais pedagógica e respeitosa será auscultar as escolas, seus coletivos docentes e discentes sobre as indagações que as ocupam sobre o currículo, sobre o que ensinar-aprender e sobre o trabalho docente. Reconhecer que nas escolas de Educação Básica há práticas inovadoras de que são atores professores-alunos. Há autorias, criatividade nas escolas. Há indagações teóricas e práticas, há saberes e respostas profissionais (ARROYO, *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.57).

Portanto, para Arroyo, se tem que existir mudanças no currículo, então que seja através da participação dos professores, dos alunos e das suas escolas, que seja compreendido que educação não se faz apenas em artigos de lei, que, antes de tudo ela passa pela prática, pela experiência, pelo dia a dia, dos seus envolvidos e de suas comunidades. Que não vivemos num país de iguais, e, que, por isso, uma educação vista dessa forma, querendo tratar tantos desiguais de forma igualitária só traz ainda mais a desigualdade para a sociedade.

É bom lembrar também, que um povo que vive na injustiça da desigualdade social, é muitas vezes levado ao extremo da sua condição animal, seus instintos de sobrevivência e fúria são ativados, e a violência surge como única solução dos problemas, revoluções surgiram assim, mas esse ainda não é o nosso caso. As injustiças sim, essas existem, e devem ser combatidas pela educação, é por isso, que não podemos descartar o receio da disseminação da barbárie em nossa sociedade pelo viés da semiformação. Sobre essa relação entre educação e barbárie Adorno diz:

A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por essa prioridade” (ADORNO, 1995, p.155).

Como vimos, antes e hoje, a educação ainda é, e será a arma necessária para combater o mal da barbárie e da semiformação. Mas se a deixarmos simplesmente a cargo dos que ditam suas regras, e impõe seus quereres, a manutenção dessa sociedade regida pela ganância e pelo lucro indiscriminado continuará existindo, e o abismo crescente que separa as oportunidades ficará cada vez mais intransponível, elitizando, de uma vez por todas as camadas sociais com poder aquisitivo diferenciado das demais, que serão apenas inseridas como força de obra produtiva no mercado de trabalho. Mas, se quisermos uma sociedade verdadeiramente aberta às oportunidades, deveremos como educadores comprometidos com essa causa, ocupar todos os espaços necessários da escola e dos jovens, alunos com propósitos de vencer essa disputa. O capitalismo tende para uma dominação imensurável em todas as áreas imagináveis, mas ele não se preocupa apenas com o domínio dos bens materiais, no comércio, ou nos serviços, seu maior investimento é nas pessoas, para que elas não evoluam, não despertem e nem se alertem, para que não quebrem com o seu mecanismo, seu sistema, seu

projeto de controle global. Zygmunt Bauman traz uma visão surpreendente a esse respeito, ou seja:

Se a ideia de "sociedade aberta" era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepajada por forças que não controla nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade, obcecada com a firmeza de suas fronteiras e com a segurança dos indivíduos que vivem dentro delas - enquanto é justamente essa firmeza de fronteiras e essa segurança da vida dentro delas que geram um domínio ilusório e parecem ter a tendência de permanecer como ilusões enquanto o planeta for submetido unicamente à globalização *negativa* (BAUMAN, 2007, p.13).

Bauman se coloca muito bem, ao frisar que essas forças heterônomas povoam as mais distintas esferas sociais, assim como fez Foucault, em sua análise sobre o poder que perpassa todos os setores da sociedade e os indivíduos dentro dela. Vimos em Bauman, que as garantias de superação dessa globalização negativa são irremediavelmente difíceis de serem combatidas, e que, se ficarmos na dependência das instituições e dos governos isso será ainda mais impossível, pois estes são dependentes dessa mesma globalização capitalizante.

Restando-nos então, o apelo à educação para transpor essas barreiras imposta por essas heteronomias de forma paulatina e individualizada. O sujeito crítico e informado tem condições de se sobrepôr às forças dominantes, que são entraves para a sua ascensão social, vencê-las é possível. Por isso, caberá a cada um buscar em si, forças capazes de superá-las. E, com a educação, complementar suas conquistas individuais e, por conseguinte, suas conquistas na comunidade e na sociedade como um todo. São etapas possíveis, mas também serão fases que irão requerer enfrentamento, resistência como diria Adorno, mas esse movimento é necessário para o processo de autonomia de cada um desses indivíduos envolvidos nessa demanda. A esse respeito, Daryell e Carrano fazem uma ótima interpretação:

É preciso cuidar para que o jovem não se transforme num problema para a sociedade. Isso pode fazer dele uma *nova classe perigosa* a ser combatida. Tal postura inibe a compreensão e o investimento em ações baseadas na perspectiva dos direitos. Com esse novo olhar – o jovem como sujeito de direitos –, os problemas que o atingem podem ser vistos como expressão de necessidades e demandas não atendidas. Isso pode resultar no reconhecimento de um campo de direitos que desencadeie novas formas e conteúdos de políticas públicas e, principalmente, práticas que reconheçam a juventude nas suas potencialidades e possibilidades e não apenas a partir dos seus problemas (DAYRELL e CARRANO, *In*: DAYRELL (org.), 2104, p.108).

O que percebemos nesta análise é realmente o que se configura na prática, muito dos jovens são vistos como um problema social, e não como uma solução. São demandas dessas situações problemas, que enfrentamos decorrente de uma educação de baixa qualidade, principalmente, para os jovens das escolas públicas, e ainda mais, daquelas da região de periferia. E, por mais que sejam formuladas as mais diversas reformas no ensino médio, continuaremos a ter que lidar com essa situação social existente, em que o jovem com baixa escolaridade não é visto como alguém potencialmente capaz de superação, de ascensão. Por isso, é urgente a necessidade de reação, combatermos com a educação as mudanças desejadas, de que o jovem tenha desejo e possibilidade de transformação. Para tanto, basta lembrar o que nos diz Nora Krawczyk quando trata dos desafios do ensino médio:

A valorização da educação como processo de formação cidadã, as tensões sociais produzidas pelo fracasso das promessas democratizantes e a comprovação dos efeitos discriminatórios da educação formal, que favorece os alunos de origem social mais elevada, puseram em questão a dualidade da organização dos sistemas educacionais e os mecanismos de seleção, promovendo diferentes reformas (NORA KRAWCZYK, *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.78-79).

Como visto, mudanças são possíveis de acontecer, os sistemas de cotas e os mecanismos de financiamento de estudantes oriundos das escolas públicas estão aí, eles existem, mas ainda não são suficientes, não são capazes por si só de promoverem o estímulo e as mudanças necessárias que efetivamente causem as transformações sociais que precisam acontecer. Ainda falta muito para que realmente essa juventude, em sua maioria, desperte do comodismo e do sono ilusório, dessa incapacidade que lhe foi projetada e que se mantém firme nos dias de hoje, que domina sua consciência e acomoda seus anseios de mudança. E isso se reflete de forma assustadora, não só na ascensão ao nível universitário, como e ainda mais seriamente, no mercado de trabalho. É o que nos mostra Nora Krawczyk:

Os dados mostram que, na última década, diminuiu muito o desemprego dos jovens no Brasil, mas, ainda assim, os jovens têm que enfrentar um sistema perverso de seleção com exigências mais elevadas de escolarização para o ingresso em qualquer ocupação, mesmo quando a função não necessita de um nível elevado de conhecimento. Naturalmente, esse processo não garante ao jovem com Ensino Médio e com cursos de aperfeiçoamento um melhor lugar no mercado de trabalho, mas reforça o discurso da importância da educação escolar. Reforça também o debate em torno da identidade do Ensino Médio, seja porque em alguns casos ele pode ser considerado insuficiente para as novas demandas do conhecimento e competências e, portanto, necessário para que os jovens se preparem para continuar seus estudos superiores, seja para revitalização da discussão em torno da velha dicotomia – formação geral ou profissional – que volta a ser

um espaço de fortes conflitos e um nó nas propostas político-educacionais (*Idem.*, p.81).

Os jovens como mostrados na análise de Nora Krawczyk, tem passado cada vez mais por testes de competência, mesmo que seja para preencher os mais elementares setores das cadeias produtivas da sociedade, e não apenas isto está em jogo, devemos enxergar que os jovens formados nas escolas públicas estão nesta competitividade diretamente com os jovens formados nas escolas particulares, e, além disso, o mais preocupante é a discussão política-educacional, que gira em torno da transformação das escolas públicas em escolas profissionalizantes, ou seja, o jovem, que não tem recebido uma educação de qualidade, que é manipulado por um sistema que não quer que ele se torne esclarecido, que criam mecanismos de desequilíbrio entre a escola pública e a escola privada, agora pensa em retirar desse jovem, oriundo da escola pública, a possibilidade dele fazer a diferença em sua vida, e em sua carreira profissional. Agora, ele tenderá a ser inserido no mercado de trabalho de forma mais antecipada, pois as escolas profissionalizantes são um meio de inserção de mão de obra produtiva e barata nessa sociedade de escravidão.

Mas, antes de tudo, é preciso que estabeleçamos um delineamento do que vem a ser a juventude, e mais especificamente daqueles jovens a que esta pesquisa se direciona. Primeiramente, devemos compreender que esta categoria juventude, de uma maneira geral, faz parte de um processo de crescimento, onde as experiências de cada indivíduo estão relacionadas em seu contexto social, só aí, já implica uma gama de variedades de situações sociais existentes na sociedade, que demandariam para a juventude. Mas, para além disso, essas situações vividas devem estar relacionadas num contexto de preparação para a vida adulta, onde tomadas de decisões, escolhas e consequências entram no jogo. Dessa forma, Dayrell e Carrano designam que:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nesse o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional (DAYRELL e CARRANO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.112).

Então, quando nos referimos sobre uma parte específica dessa categoria que é a juventude, especificamente daquela inserida no ensino médio e nas escolas públicas e, mais ainda, daqueles pertencentes a uma escola de referência na capital alagoana, que tem por histórico agregar jovens de todas as regiões da cidade, sem

distinção e sem qualquer tipo de discriminação. Sendo, portanto, uma escola que não se limita a uma comunidade determinada, ou a uma classe específica de alunos, desta forma, torna-se essa escola, o modelo ideal para as averiguações necessárias das hipóteses aqui levantadas, ou seja, a análise dos indícios que esse estudo se propõe. Assim, longe de estarmos projetando conjecturas sobre uma situação hipotética, estamos buscando cintilar uma realidade que se propaga e que requer atenção e trato, o cuidado com o tipo de educação que está sendo dimensionada para os jovens das escolas públicas e, o devido preparo desses jovens para suas escolhas futuras a despeito do seu desenvolvimento acadêmico e profissional como mecanismos de resistência e superação contra uma cultura de semiformação, que é comumente relacionada à formação ofertada aos jovens das escolas públicas.

Em estudos sobre a população jovem do país Dayrell e Carrano (2014), constataram que os jovens somam mais de um quarto da população total, e o mais alarmante é que desse total de jovens, “(85%) vivia nas áreas urbanas e, em grande medida, se inseriam em famílias com renda per capita de um salário mínimo, o que significa que grande parte da população juvenil se encontra nas camadas mais empobrecidas da população” (*Idem.*, p.113-114), e como se não bastasse esse quadro só tende a se agravar. Por isso, são necessárias as medidas urgentes de proatividade na qualidade do ensino oferecido pelas escolas públicas, para fazer frente ao agravo dessa situação vivida pelos jovens, que dependem desse ensino para as projeções dos seus anseios futuros, quer seja; de se tornarem protagonistas das suas próprias histórias de vida, e não apenas da manutenção de sobrevivente de um sistema que não cansa de criar suas mazelas sociais.

Portanto, para que consigamos obter êxito na educação pública e podermos taxá-la como uma educação de qualidade, precisamos compreender que o ensino tem que visar primeiramente àqueles que dele faz uso, ou seja, os próprios alunos. Eles são o principal objetivo da educação, e conjuntamente a eles seus projetos de vida. O que torna a educação um desafio de proporções elevadas, por isso, o comprometimento com ela, não pode e não deve ficar a cargo de autoridades exteriores a sua demanda, tendo então, que se exigir a participação efetiva dos profissionais ligados à escola, e muito mais ainda, a participação daqueles que dela necessitam pra realizar suas transformações pessoais. Nesse sentido Wivian Weller (2014), nos faz pertinentes observações:

Para que possam desenvolver projetos, os jovens do Ensino Médio também teriam que estar em condições de encontrar os propósitos ou finalidades de seus projetos de vida, algo muito mais amplo e difícil do que pensar apenas na profissão que pretendem seguir ou se desejam constituir família no futuro. Essa noção de propósito ou projeto vital (*purpose* em inglês) vem sendo mais discutida pela psicologia do desenvolvimento humano e pela psicologia positiva, campo mais recente do conhecimento. O psicólogo norte-americano William Damon, em livro traduzido para o português sob o título *O que o jovem quer da vida*, traz a seguinte definição: “Projetos vitais representam uma intenção estável e generalizada de realizar algo que seja significativo para o *self* e conseqüentemente para o mundo além do *self*”. Para o autor, projetos vitais – como o próprio termo informa – são metas de maior alcance e pensadas para um período mais longo. Elas podem estar relacionadas à busca de sentido para a vida pessoal, mas vão além disso, apresentando também um componente social ou coletivo, entre outros: o desejo de fazer a diferença no mundo, de ajudar outras pessoas, de contribuir com causas maiores. Em muitos casos, os projetos vitais podem não ser alcançados durante suas vidas, por exemplo, extinguir a pobreza ou estabelecer a paz no mundo. Mas mesmo um propósito ambicioso não pode ser visto como ingênuo (WELLER *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.139-140).

Esses jovens precisam de projetos de vida, precisam dá sentido na sua formação pela educação básica, principalmente quando ainda se encontram no ensino médio. Os professores, enquanto educadores, também precisam compreender qual o verdadeiro sentido do seu papel na educação. Não adianta serem reprodutores de conteúdos sistemáticos ultrapassados, enquanto a vida requer dinamismo nas escolhas, e os seus alunos são frutos desse novo tempo, e são consumidos por ele também, por isso, o ensino médio não é apenas uma etapa de sua formação intelectual, e como nos diz Wivian Weller, é “também de formação humana significativa” (*Idem.*, p.140-141). Desta forma, o processo de aprendizagem desenvolvido nesta etapa do ensino médio, poderá fazer parte de uma significativa colaboração para as mudanças dos destinos desses jovens, que implicarão em possibilidades futuras na posição social que ocuparão no mundo a sua volta, na capacidade de enfrentamento das barreiras que lhes serão impostas pela sociedade, nas superações e nas conquistas de seus projetos de vida. Tudo, enfim, gira em torno dessa base que é a educação, por isso, não podemos desistir dela nem nos deixar vencidos pelo sistema que se apropria dela, e que muitas vezes desestimula o potencial dessa juventude. O que nos leva a pensar, tal como na indagação de Adorno (2012) “Educação – para quê?”, onde este ‘para quê’ não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas. E, sobretudo, uma vez perdido este ‘para quê’, ele não poder ser simplesmente restituído por um ato de vontade, erigindo um objetivo educacional a partir de seu exterior” (ADORNO, 2012, p.140). Por isso, não pode o

professor desistir do seu papel de educador, e nem tão pouco desestimular os jovens de exercerem a sua capacidade criativa de protagonistas das suas próprias vidas. E não pode também, aceitar que esse descalabro com a educação continue, e que aqueles que lucram com esse processo de empobrecimento da cultura e do saber, por parte das classes menos favorecidas, permaneçam levando vantagem.

Hoje, grande parte dos jovens que faz o ensino médio nas escolas públicas, não está se dando conta que o tempo investido na sua educação está virando moeda de troca no mercado produtivo do capitalismo, pelo simples fato, de que o tempo gasto nesta formação educacional, ao invés de torná-los mais ricos de conhecimento, torna-os cada vez mais indivíduos semiformados, ou seja, eles passam a dedicar mais tempo de sua formação com questões de pouca relevância para a sua constituição intelectual, a exemplo do tempo destinado aos jogos virtuais e as redes sociais do que propriamente interessados em investir esse tempo com as questões de cunho profissional e cultural da sociedade.

Em sua análise sobre Adorno, Wolfgang Leo Maar (2003), faz a seguinte observação sobre esse aspecto relacionado à cultura da semiformação, propagada pelas sociedades capitalistas, o que em certa medida se aplica ao que vivenciamos nos dias atuais, nessa sociedade:

Primordial na questão da semiformação é não perder de vista a constelação em que se dá seu foco. Para Adorno não basta examinar formação, semiformação ou cultura, tais como se verificam *na* sociedade vigente. É preciso investigá-las tendo como referência o contexto de produção *da* sociedade, como formação social autogerada pelos homens e aprendidas em sua dialética histórica. Cultura e formação precisam ser examinadas *fora do âmbito estritamente cultural ou pedagógico* definidos na sociedade, para serem investigadas no *plano da própria produção social da sociedade em sua forma determinada*. A via régia de acesso ao essencial é o processo de sua reprodução vigente em seu aparecer real, presente (MAAR, 2003, p.471).

O que nos leva a pensar, em qual é o verdadeiro propósito dessa educação, que apenas reproduz situações que muitas vezes não se configuram na vida prática dos alunos? Que, por não terem como associar suas vivências a ela, cumprem horas e dias em uma jornada que não faz sentido nenhum, e que os levam muitas vezes ao desinteresse, e conseqüentemente, a uma desconexão daquilo que se faz na educação com aquilo que se esperava fazer com ela. Assim, o que temos visto na prática, e constatado em pesquisas, é que a crítica ao modelo de educação existente é a regra. O que se confere nas pesquisas e nos estudos científicos ao longo do tempo, contudo, mesmo diante de tais revelações, não observamos a

mesma incidência dos resultados apontados pelos índices levantados, nas resoluções governamentais para sanar tamanhos descalabros.

No mais, quando são observados os mais variados levantamentos sobre a educação e juventude, percebe-se, como ainda reside uma grande dificuldade para situar essa categoria, denominada juventude, e com ela, os aspectos que se relacionam desde a sua ascensão, que para muitos se dá pelo segmento etário dos 15 anos e vai se prolongando a casa dos 24 anos, todavia, conforme Marília Pontes Sposito:

Para o conjunto da sociedade brasileira, a tendência maior é a de antecipação do início da vida juvenil para antes dos 15 anos, na medida em que certas características de autonomia e inserção em atividades no mundo do trabalho – típicas do momento definido como de transição da situação de dependência da criança para a autonomia completa do adulto – tornam-se o horizonte imediato para grande parcela dos setores empobrecidos (SPOSITO, 1997, p.6).

Como visto, numa sociedade industrial, o princípio maior que rege a vida social, é a manutenção da ordem de classes, onde a classe dominante que detém o controle dos setores produtivos, e também, grande parte dos setores institucionais, públicos e privados, promovem um processo de “introjeção” das demais classes, tal como falou MARCUSE (1973), é quando o próprio indivíduo reproduz e perpetua os controles externos exercidos pela sociedade. E essa antecipação dos 15 anos para a identificação da juventude, sobretudo, no aspecto da sua inserção no mercado de trabalho é típica desse processo de “introjeção”, mencionado pelo autor, em que, “os múltiplos processos de introjeção parecem ossificados em reações quase mecânicas. O resultado não é o ajustamento, mas a *mimese*: uma identificação imediata do indivíduo com a *sua* sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo” (MARCUSE, 1973, p.31). E o que temos presenciado como relação à juventude é que essa redução etária, para o seu ajustamento ao mercado de trabalho tem se tornado mais frequente, muitas vezes, desvirtuando o processo de educação formal para uma educação profissionalizante.

O que na verdade apenas comprova o processo de introjeção mencionado por Marcuse, de que “a eficiência do sistema embota o reconhecimento individual de que ela não contém fato algum que não comunique o poder repressivo do todo. Se os indivíduos se encontram nas coisas que moldam a vida deles, não o fazem ditando, mas aceitando a lei das coisas – não a lei da Física, mas a lei da sociedade” (*Idem.*, p.31).

E uma das leis mais expressiva dessa sociedade de consumo é a do incentivo a novas demandas de consumidores, não importando de qual classe ela seja, apenas que mantenha o vínculo circundante do vício pelo consumo. E a classe que não se ajustar a essa dinâmica, introjetada no dia a dia dessa sociedade para o consumo, passa a ser chamada de “subclasse”, como fora identificado por Zygmunt Bauman em sua obra *vida para o consumo*, em que “a sociedade de consumidores, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas” (BAUMAN, 2008, p.71). Assim, ao ser promovida a ascensão da juventude ao mercado de trabalho de forma antecipada, se gerou uma nova classe consumidora, que mal teve tempo de construir sua capacidade crítica para um consumo consciente, ou seja, ao colocar os jovens na linha de uma formação técnica profissionalizante, cada vez mais antecipada, está se criando não apenas uma renovação de uma mão de obra pra o trabalho assalariado. Está, além disso, estabelecendo uma sujeição dessa força produtiva em uma classe especificamente para o consumo, desencorajando-a a dar um salto em sua qualidade de vida, em seu crescimento cultural, e na sua formação acadêmica. Principalmente, quando disseminam a ideia de que, antecipar os jovens para a ascensão no mercado de trabalho é importante para a juventude e para a sociedade.

Na verdade, quando o assunto envolve essa categoria chamada juventude, muito se espera em torno das expectativas criadas para um tempo futuro, contudo, não podemos esquecer que o caminhar para esse futuro passa pelas questões presentes e, é justamente neste tempo presente, que as decisões acerca das possibilidades futuras devem ser tomadas pelos próprios jovens, senhores do seu tempo. Para Alberto Melucci:

De um modo geral, pode-se dizer que a “juventude” tem estado presente tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade. A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensa as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura (MELUCCI *In*: FÁVERO (org.), 2007, p.79).

No entanto, como podemos acreditar nessa condição de que a juventude seja a responsável pela conformação social futura, se hoje subdividimos essa própria juventude em “juventudes”, e não esquecendo que nessa pluralidade da categoria se

encontra tanto aquelas que estão recheadas de oportunidades, quanto àquelas em que essas mesmas oportunidades lhes são retiradas, e estas são a maioria. E é justamente sobre essas, as que as oportunidades pela educação se limitam, que se encontram os jovens pertencentes às classes trabalhadoras, aqueles com menor poder aquisitivo, e como se não bastasse, são esses mesmos jovens, que quando tem a oportunidade de trabalhar ainda estão inseridos nas escolas públicas.

Portanto, se é pra falar em igualdade de oportunidades, precisamos ser realistas quanto a essa situação problema, a que nos defrontamos, em que os jovens, especificamente os situados nestas condições sociais, estão limitados em suas oportunidades, e mais, esses mesmos jovens, que carregam consigo o anseio da mudança são em sua maioria proveniente de uma educação pública, que pelos índices mais atualizados do ideb/inep⁶ de 2018, comprovam que a aprendizagem nas escolas públicas ainda não está em pé de igualdade com os índices apresentados nas escolas privadas. Tendo sido alcançado em 2018, o patamar de 4,4 nas escolas públicas, enquanto na outra vertente, 6,7 nas escolas privadas, com previsão de 4,6 e 6,8 respectivamente para o ano de 2019. O que comprova sem sobras de dúvidas o desnivelamento da educação básica no país, principalmente a do ensino médio. Por isso, não podemos falar de igualdade de condições para uma juventude tão marcada por uma desigualdade na sua formação educacional, ainda mais, quando buscam ramificar a ideia de que as oportunidades são iguais para todos. Assim, voltando à compreensão de juventude apresentada por MELUCCI, vimos que:

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, por meio da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto pela interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nessa oportunidade que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social (MELUCCI *In*: FÁVERO (org.), 2007, p.79.).

⁶ ideb.inep.gov.br/resultado/

Desta forma, o papel da juventude parece ser de crucial importância para a coesão social, no entanto, parece também que na ótica dessa sociedade instrumental, harmonizar a juventude com a manutenção de seu sistema é permanecer disseminando a ilusão de igualdade, dissimulando sua verdadeira intensão com uma parte dessa juventude, que é a sua manutenção nas classes trabalhadoras sem as devidas oportunidades de ascensão da sua condição social. E isso, não trata de uma formulação hipotética de situação real, pelo contrário, nos estudos sobre juventude e educação, Marília Sposito já apontava em suas pesquisas que “a sociedade brasileira de certa forma volta a sua atenção para o tema da juventude, sobretudo pelo reconhecimento da ausência de políticas públicas voltadas para esses segmentos. O crescimento do interesse pelo tema da juventude também se intensifica nos últimos anos” (SPOSITO, 1977, p.21). E, realmente, o tema da juventude não deixou de ser apreciado desde então, por diversos pesquisadores e estudiosos do assunto, contudo, essa realidade ainda não sofreu mudanças consideráveis, ficando ainda hoje, os jovens estudantes das escolas públicas ou egressos dela, em condições de desigualdade com relação as suas perspectivas de oportunidades, de formação universitária, e de preenchimento dos melhores cargos nos setores produtivos da sociedade. E quando comparados com aqueles jovens, oriundos de formações educacionais provenientes das escolas particulares, infelizmente a desigualdade de oportunidades é visível em todos os segmentos, e ainda por cima, vem se tornado um problema social de proporções alarmantes. E com relação a essas dimensões, escola e mundo do trabalho, Guy Bajoit e Abraham Franssen são categóricos ao afirmar que: “o mercado de trabalho é frequentemente o lugar da decepção e do desencantamento, após o espaço protegido da escolaridade. A maior parte dos jovens experimentam um fosso entre suas aspirações e a realidade concreta do mercado de trabalho” (BAJOIT e FRANSSSEN *In*: FÁVERO, 2007, p.122).

Portanto, é preciso que haja uma maior compreensão daquilo que enseja “as juventudes”, e dentre elas, debruçar um olhar mais criterioso para aquela que aqui tentamos abordar de forma sistemática, especificando-a como sendo aquela formada pelos jovens em processo de formação do ensino médio, nas escolas públicas estaduais. Jovens, que em sua maioria são pertencentes à baixa classe

média, com renda per capita entre R\$ 291, e R\$ 441, segundo os dados da Secretaria de Assuntos Estratégicos – SAE da Presidência da República⁷.

Assim, essa categorização, estabelecida pelo próprio poder público nos possibilita uma possível identificação desses jovens e das suas aspirações com relação ao seu futuro educacional e profissional, visto que, grande parte deles é pertencente às famílias das classes trabalhadoras, e como tal, necessitam que estes mesmos jovens antecipem suas iniciações no mercado de trabalho, principalmente para que haja a melhora da qualidade de vida da família pelo consequente aumento da renda per capita. O que não percebem é que esse movimento de iniciação profissional, muitas vezes paralelo ao processo de conclusão do ensino médio, traz mais consequências do que soluções, os jovens nesses casos ficam privados de aprimoramento na sua formação educacional e, por conseguinte, ficam limitados a um determinado tipo de setor produtivo, fazendo com que a sua geração permaneça inserida no mercado de trabalho tal como o dos seus pais, ou em carreiras profissionais similares a deles. Não promovendo assim, nenhuma melhora substancial nas suas vidas, e muito menos na daqueles que lhes proveram as condições de existência, sua família. Nessa medida é bom reprimir o dito de Miguel Arroyo sobre esse ensino médio que teima em permanecer da mesma forma sempre, e compreender que:

O Ensino Médio é uma construção histórica tensa, [...]. Tensão que se agrava com a chegada dos jovens-adultos populares trabalhadores. A concepção etapista, propedêutica tão marcante no sistema escolar, adquire conotações específicas no nível-etapa do Ensino Médio, na medida em que foi ele invadido pela concepção de tempo específico de preparação para o trabalho segmentado, para o mercado de trabalho explorado. Para poucos, o trabalho intelectual, gestor, para as profissões nobres, logo, Ensino Médio propedêutico para a universidade. Já para a maioria de jovens populares, trata-se de se preparar para trabalhos semiqualeificados e desqualificados. Como o padrão de trabalho é segregador, classificador, classista, sexista e racista, o Ensino Médio de maneira particular foi se configurando nesse mesmo padrão. A chegada dos adolescentes, jovens e adultos populares, trabalhadores, negros, mulheres, dos campos e periferias reforça essa configuração do Ensino Médio atrelado a esse padrão de trabalho classista, sexista e racista segregador (ARROYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.166).

Ora, não resta dúvida que o ensino médio da maneira como ainda está configurado nas escolas públicas ainda promove a manutenção do sistema cujo principal interesse é à permanência da classe média, como classe média, e esse ensino da forma que se mantém coadunado a essência do capitalismo, que é

⁷ Fonte: <https://jornal4cantos.com.br/governo-define-rendimento-classificacao-da-nova-classe-media/>

constituído a partir de uma distinta separação de classes, faz com que a distância a ser percorrida por esses jovens oriundos das classes menos favorecidas, a uma justa ascensão social, decorrente do nível do aprendizado na educação básica, seja ainda maior. Ano após ano, vem-se afunilando ainda mais as possibilidades daqueles que através desse ensino pretendem chegar ao nível posterior ao ensino médio, ou seja, dificultando com isso o acesso desses jovens a uma formação universitária e, conseqüentemente, a sua melhora de condição de vida.

Portanto, quando tantos estudiosos falam em repensar a escola e seu ensino, devem necessariamente buscar uma melhor forma de democratizar essa escola, devem olhar não apenas a sua qualidade educacional pelos docentes, devem, e em grande parte, é ter um olhar para além do espaço físico da escola e dos livros. Devem pensar a democratização da escola como meio de resistência e correção das desigualdades sociais, raciais e regionais, como bem fala Arroyo, que “as dicotomias a serem superadas pela escola não serão apenas entre os carentes, marginais, excluídos e incluídos, mas entre os iguais e os desiguais em condições de vida, de emprego, moradia, saúde e nível de renda” (*Idem.*, p.188-189). Essa escola, com perspectivas progressistas, pensada por Arroyo ainda não se configurou de fato, mas se ficarmos na dependência de que ela virá a existir por determinações governamentais, passaremos ainda um bom tempo aguardando sua implantação, pois a adoção de um currículo com visões igualitárias, que visa corrigir as desigualdades sociais do nosso tempo ainda passa por vir. Por que, no fundo no fundo, as verdadeiras mudanças sociais conquistadas pela população mais pobre foram conquistadas por mérito e determinação dos próprios indivíduos, que se agarraram as mínimas condições oferecidas por esta educação pública, e fizeram a diferença em suas vidas, dando uma guinada em todos os prováveis índices que apontavam para o seu fracasso.

Desta forma, a educação ainda faz a diferença, mas por enquanto ela requer mais da nossa colaboração individual do que propriamente da colaboração institucional da escola. Por que ainda vivemos um país de desigualdades e essa desigualdade também está concretizada nas escolas públicas, onde, por exemplo; o uso das novas tecnologias é privilégio de umas e não de outras, marcando uma diferença substancial na qualidade do ensino ofertado. Ou seja:

Lousas digitais, computadores, sites educacionais, web-aulas, videoconferências, jogos pedagógicos, *softwares* educativos, laboratórios de

informática, *Datashow*, *laptops*, *netbooks*, *tablets*, *e-books*, celulares, *smartphones*, *ultrabooks*, MP3, MP4, câmeras digitais, HD portátil, *pendrives*, CD-Rom, DVD, SMS, blogs, e-mail, [...] Facebook, Twitter, MSN são apenas alguns poucos exemplos de um número praticamente infinito de artefatos tecnológicos presentes nas escolas de hoje. Sem nos esquecer de que, embora possamos afirmar que as tecnologias estão onipresentes na gestão da vida, elas não estão igualmente distribuídas na sociedade. A inclusão digital ainda é um enorme desafio, especialmente em países marcados por uma histórica e arraigada desigualdade social como o Brasil (SALES *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.230).

Como se vê, as desigualdades presentes na educação não estão apenas na qualidade dos recursos tecnológicos oferecidos aos professores e alunos, estão mais fortemente, na relação educacional, que se constitui com o que esse aluno aprende na escola e o que ele faz desse aprendizado no mundo fora da escola.

A escola é peça fundamental na vida das pessoas e não deixa de ser diferente com relação à juventude, a escola tem sido de vital importância na transição das etapas da vida acadêmica desde o seu início na educação infantil até a sua conclusão com o ensino médio, por isso, toda e qualquer oportunidade fará a diferença na vida daqueles que souberem tirar proveito disso, assim, é preciso compreender nas entrelinhas o que é dito por Ana Paula Corti sobre a escola:

A escola está localizada num ponto estratégico da vida social, pois é uma das instâncias encarregada da preparação das novas gerações para a vida em sociedade. No mundo em que vivemos, uma parte importante da socialização e da educação dos jovens é realizada dentro de uma instituição chamada escola (CORTI *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.312-313).

Contudo, o mais interessante é que mesmo a escola sendo parte estratégica de crescimento do desenvolvimento econômico do país percebe-se, que não são adotadas as políticas públicas necessárias para esse setor, e para o alcance de seus objetivos. No fim, a educação ainda continua sendo apenas manipulada pelos seguidos governos e suas políticas sociais ou liberais, mas o que eles não conseguem é fazer da educação o instrumento capaz de promover em escala gradativa e satisfatória no desenvolvimento econômico das famílias e dos seus membros mais novos, ou seja, dos jovens que aspiram suas transformações sociais pela educação ofertada nas redes públicas de ensino, e com isso, esses jovens não estão sendo capazes de modificarem a si mesmos, nem tão pouco, de modificarem sua posição social na sociedade. A educação não tem sido eficaz em sua proposta transformadora. E junto com ela, também devemos repensar a conduta do professor e do aluno como partes corresponsáveis pelas limitações desse ensino. E nesse

sentido, vale lembrar o que diz Nora Krawczyk sobre professores e alunos nessa sistemática da educação atual:

Os professores foram e continuam sendo socializados nessa cultura escolar e as estruturas organizacionais verticais e burocráticas da escola e do sistema educacional geram enormes dificuldades para modificar o trabalho educativo. “Os alunos ligam cada vez menos para a escola, nada lhes interessa, cada vez respeitam menos os professores. Só querem saber do diploma para conseguir trabalho” (KRAWCZYK *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.85).

O exercício da docência tem sido instigante para aqueles professores que procuram fazer a diferença para os seus alunos, seja na constante resistência contra as adversidades do sistema público de ensino, onde muitas vezes não existe a sintonia entre o que se pensa fazer com a educação pública e aquilo que é feito na educação pública, seja no trato com o perfil do aluno que frequenta essa escola, com aquele que pretende extrair alguma coisa proveitosa com o ensino público, e aquele, que para ele, pouco importa o que é feito com esse mesmo ensino, visto que, a motivação de frequentar a escola é puramente pró-forma. O desafio do processo do ensino e da aprendizagem não é nada fácil, é o que diz Krawczyk,

Os desafios do Ensino Médio podem ser sintetizados em três palavras: expansão, universalização e democratização do conhecimento. Sem dúvida, estamos num momento histórico internacional no qual as transformações de ordem social, econômica e cultural aguçam os conflitos, exacerbam os processos de exclusão social e revitalizam o individualismo, os interesses privados e o consumo. Portanto, é uma época bastante hostil para encarar um projeto democrático de educação pública e de verdadeira inclusão no mundo do conhecimento. Ao mesmo tempo, estamos ante o desafio de promover relações institucionais democráticas e dar aos jovens estudantes condições de questionar esses valores, de forma que essa realidade deixe de ser algo natural e esperado. É uma situação bastante difícil para eles, porque carecem de experiências distintas das deste modelo de sociedade. Também é difícil para nós, docentes, porque temos que ser capazes de desconstruir os argumentos que permeiam o mundo contemporâneo, reconhecer a complexidade da condição juvenil hoje e conviver com esses desafios, às vezes, em condições de trabalho extremamente difíceis (*Idem*, p.95).

Ainda na concepção de Krawczyk a comparação entre o ensino do passado, basilado na transmissão de regras e valores da sociedade, deu lugar a um ensino focado na possibilidade da reflexão, na comunicação e na redefinição das regras e valores estabelecidos na sociedade, portanto, o processo estabelecido para a docência sofreu mudanças significativas ao longo do tempo, contudo, essas mudanças não foram absorvidas em sua totalidade por partes dos professores, muitos ainda professam a sua prática docente apenas como transmissores de informações, e em muitos casos, não refletem sobre a realidade vivida pelos seus

alunos, ficando, portanto, aquilo que é ensinado destoado daquilo que faz parte do cotidiano do aluno, provocando falhas, lacunas entre os objetivos que pretendem cada um dos envolvidos no processo da educação. Assim, é evidente que a escola nesses moldes que se encontra não tem conseguido alcançar seus propósitos enquanto instituição formadora, pois, enquanto existir o desprendimento de um objetivo comum entre escola, professor e alunos, ficará sem uma conexão adequada que proporcione as transformações que se esperam de cada um dos envolvidos. Por isso:

A escola precisa mudar e reencontrar seu lugar como instituição cultural, frente a mudanças macroculturais, sociais, políticas e não apenas transformações econômicas. Uma mudança que não seja uma simples adaptação passiva, mas que busque encontrar um lugar próprio de construção de algo novo, que permita a expansão das potencialidades humanas e a emancipação do coletivo: construir a capacidade de reflexão. Assim, seguramente, a escola estará no caminho de recuperar seu caráter cultural, e o docente, o reconhecimento da sociedade, particularmente, o reconhecimento dos jovens (*Ibidem.*, p.96-97).

Que a escola precisa mudar isso é fato, no entanto, como promover uma mudança que realmente faça surtir efeito no processo educativo? Como proporcionar incentivo aos professores e alunos que andam descrentes com os resultados alcançados com essa educação que aí está? Como acreditar que as políticas públicas garantidas em lei serão cumpridas pelas autoridades governamentais? São questões que devem ser levadas em conta quando nos deparamos com os dilemas educacionais desse tempo, e sem dúvida, esses questionamentos são prioritariamente relevantes quando levantadas às inquietações a respeito das reais intensões por trás do desmantelamento da educação pública e das suas metas desejadas. Pois o que se tem visto de forma evidente, são os efeitos danosos de uma educação que produz mais indivíduos semiformados do que informados. Vejamos:

Em *Crítica cultural e sociedade*, Adorno destacara: hoje a sociedade ela própria é sua ideologia. Essa ideologia já não seria um conjunto ideal no plano das ideias, mas a própria ordem social. A semiformação vai muito além de uma “perturbação pedagógica” no interior de uma determinada situação educacional. Refere-se a uma forma ordenada da sociedade contemporânea determinada conforme um certo modo de produção social dos homens, e somente neste âmbito pode ser adequadamente apreendida (MAAR, 2003, p.471).

E o que mais impressiona sobre esse aspecto crítico da semiformação, que está presente na educação dos jovens é que ele é produzido pelo descaso daqueles

que são responsáveis pelo mesmo processo educacional. Cada um é claro, na sua esfera de atribuição, ou seja, governantes, gestores, professores e alunos, todos envolvidos com sua parcela de culpa pra o fracasso do rendimento escolar, aquele em que se espera a formação do sujeito crítico, autônomo e esclarecido. No entanto, com os dados apontados nos índices de desenvolvimento da educação básica – ideb, ano após ano, muito abaixo dos rendimentos esperados, faz com que aqueles que se situam nas instâncias do poder do estado se coloquem como isentos de responsabilidades sobre esses resultados apresentados, apontando de cima para baixo os culpados pelos retrocessos do ensino e da aprendizagem. Em suma, é o poder da heteronomia já denunciado por Adorno que faz prevalecer na educação um sistema que se reproduz na sociedade, desta forma, ressalta MAAR que:

A educação não é *para a emancipação*, compromisso com um fim ético idealizado no contexto social-cultural. A educação, para ser efetiva, é *crítica da semiformação real*, resistência na *sociedade material presente* aos limites que nesta se impõem à vida no “plano” de sua produção efetiva. A emancipação é elemento central da educação, mas, para ser real e efetiva, há que ser tematizada na heteronomia. A orientação normativa da educação não é imposta de fora, mas *deve saltar de sua configuração histórica* que, por suas contradições, “exige ‘objetivamente’ a partir de si própria sua transformação” (Adorno, 1999, p.183). A contradição real objetiva aponta imanentemente para além de si, por meio da possibilidade de uma negação determinada – não abstrata – da ordem vigente. A “consciência” faz o papel de objetivação da contradição, por ser inversora na medida em que adequa (*Idem.*, p.473).

Assim, retornamos ao processo objetivado por Adorno na obra *Educação e Emancipação* para tratarmos da questão do combate ao processo de semiformação instalado na sistemática da educação formal institucionalizada pelo poder público, mas que, remete aos anseios de uma sociedade que privilegia o poder de uma classe sobre outra, e que não vê na educação pública de qualidade nenhum ganho substancial para a manutenção da sua ordem vigente, quer seja, a ordem do capital. Assim, é perfeitamente ajustável a este momento a passagem contida na obra de Zygmunt Bauman intitulada *Capitalismo Parasitário*, que remete as contínuas mudanças promovidas nos diversos setores da sociedade capitalista para encobrir suas verdadeiras intenções quanto à alienação da classe trabalhadora e o seu incentivo ao consumo, o que, conseqüentemente, também é obtido através do processo de semiformação da população juvenil e, por conseguinte, do fracasso da escola pública. Ou seja:

No turbilhão de mudanças, é muito mais atraente o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido

pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas num ritmo cada vez mais acelerado. Portanto, a ideia de que a educação pode consistir em um “produto” feito para ser apropriado e conservado é desconcertante, e sem dúvida não depõe a favor da educação institucionalizada (BAUMAN, 2010, p.42).

Chegamos portanto a um dilema social que esbarra na formação educacional das escolas públicas de um modo geral, um impasse quanto aos resultados alcançados pelos jovens após a conclusão do ensino médio, e das suas conquistas pessoais nos campos do ensino universitário e do mercado de trabalho profissional. Contudo, não será possível apenas com uma pesquisa, desenvolvida a título de amostragem e aqui apresentada no próximo capítulo, apontar qualquer resultado que sirva como critério científico para identificar assertivamente as causas e soluções para os problemas existentes no ensino médio das escolas públicas, sobretudo, que não é esse o propósito aqui ser alcançado e sim, o de traçar um esboço daquilo que poderá ser aprofundado em pesquisa futura sobre o tema.

Assim, é importante salientar, que muitos estudos sobre a questão da juventude vêm sendo desenvolvidos nas esferas acadêmicas e muitos também serão os aspectos abordados nestas pesquisas, conforme nos remete Sposito:

... resta apontar que o conjunto da produção discente sobre o jovem, em geral, procurou estabelecer uma compreensão de sua condição a partir, sobretudo, de opiniões emitidas por esse sujeito nas situações que marcaram sua experiência, principalmente a escolar, tendo sido essa instituição o ponto de partida da maioria das pesquisas. Mas uma área de estudos sobre a juventude, que privilegie os jovens na condição de sujeitos, é mais do que o levantamento de suas opiniões. Assim, apesar do volume significativo de teses e dissertações, pode-se afirmar que ainda há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para pesquisa a realidade plural da juventude (SPOSITO, 1997, p.20).

Desta forma, o propósito com neste estudo é poder aprofundar as questões que incidem nas desigualdades sociais dos jovens estudantes do ensino médio, futuros egressos da escola pública estadual⁸, em decorrência da qualidade do ensino ofertado pela instituição e dos seus comprometimentos pessoais com as suas formações educacionais para fora dos limites da escola, quer seja, o preparo na otimização do tempo livre para o aprofundamento dos estudos regulares e do seu aprimoramento, além da capacitação individual, para fazer frente às desigualdades de oportunidades existentes entre esses próprios jovens, oriundos da escola pública

⁸ Escola Estadual Moreira e Silva, fonte de estudo para a pesquisa de amostragem contida no capítulo seguinte.

e os demais jovens, formados nas escolas da rede privada, projeções das ascensões ao ensino superior, e conseqüentemente, das conquistas por melhores oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho.

Nesse sentido, deixamos para o próximo capítulo as análises referenciais da pesquisa e as suas interpretações. Usando para isso a metodologia da Análise de Conteúdo, para dela, extrair o melhor proveito das colocações apontadas nas respostas fornecidas pelos alunos.

4 JUVENTUDE E EMANCIPAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO CONCRETO

Este capítulo da dissertação será dedicado para a análise de conteúdo das respostas de um questionário aplicado com os alunos dos segundos e terceiros anos, dos turnos matutino e vespertino, da Escola Estadual Moreira e Silva, pertencente ao complexo educacional CEPA (Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas), localizado na Avenida Fernandes Lima, no Bairro do Farol em Maceió, Alagoas.

O questionário foi elaborado com o intuito de verificação das hipóteses levantadas nos capítulos I e II desse trabalho. Contém perguntas objetivas e subjetivas, com o propósito de aferição quantitativa e qualitativa das respostas apresentadas. Para elaborá-lo, foi utilizado a ferramenta Google Drive formulários, visto a sua praticidade e rapidez na análise da demanda das respostas enviadas online⁹.

A aplicação do questionário foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2018, e a mensuração dos dados seguiu a metodologia da Análise de Conteúdo proposta nas obras de Laurence Bardin e Maria Laura Franco, valendo-se da coleta e análise dos dados quantitativos e qualitativos expressados nas respostas objetivas e nas justificativas delas. Ressaltando, que a Análise de Conteúdo foi apenas um parâmetro metodológico, e não uma análise seguindo todas as conceituações propostas por Bardin e por Franco. Vale aqui ressaltar também, que os nomes dos alunos não foram revelados por questões éticas e a fim de proteger suas identidades e resguardar o anonimato das suas respostas, visto que, o objetivo primeiro dessa pesquisa foi diagnosticar os elementos motivadores de um uso excessivo dos meios digitais, a exemplo dos jogos virtuais e redes digitais, como instrumentos da indústria cultural e como desvirtuadores do processo de esclarecimento e da autonomia da juventude, acomodando-os de sua criticidade em favor da manutenção da ordem social capitalista em patamares cada vez mais elevados de desigualdades sociais entre as classes.

Frisamos, com cautela, que como pesquisa de campo, o questionário aplicado não pretende por si só responder aos anseios daquilo que fora levantado como causa, motivação ou estímulo para todo o processo desencadeado pela indústria

⁹ <https://docs.google.com/forms/d/1vocWimVqhEFWnFGGmDtP-1bUpw0XcGYWWffU2I-DQ34/edit>

cultural nos mais diversos meios de entretenimento e comunicação, que geralmente são utilizados no universo digital, longe disso, aqui se pretende apenas, demonstrar uma pequena parcela de todo o montante existente nesse mundo de possibilidades proporcionado pelas mídias digitais, e que são capazes de subverter a ordem natural das coisas em favor da obtenção do lucro e da reprodução do consumo exagerado e inconsequente. Assim, como nos fala PISCHETOLA:

O uso das mídias digitais parece contribuir não só com a exacerbação das antigas desigualdades sociais, mas também com a criação de novas formas de iniquidade e de exclusão social. Apesar da sua importância para reflexão sobre a desigualdade social, os discursos sobre o papel da tecnologia no desenvolvimento humano são, em sua maioria, acrílicos e superficiais, apresentando associações fáceis entre o progresso do homem e as ferramentas científicas e tecnológicas, que, vistas de forma totalmente neutra, destinam-se a melhorar a vida dos indivíduos. Assim, a questão do acesso às novas tecnologias é explorada por muitas pesquisas de forma incompleta, parecendo sugerir que o critério político a ser adotado para garantir a igualdade social é a mera conexão. Além disso, confunde-se universalidade com igualdade, propagação com inovação, tecnologia com progresso (PISCHETOLA, 2016, p.09).

E, exatamente como reportado por PISCHETOLA quando fomos verificar de que forma se deu o acesso às mídias digitais por parte dos alunos, alvo dessa pesquisa, constatou-se que muitos fazem uso das tecnologias diariamente, contudo, reconhecem que em sua maioria, não receberam a formação adequada para lidar com todos os recursos que elas lhes oferecem, que em sua totalidade foram formados como usuários, e que pela constância desse uso é que foram adquirindo algumas habilidades pelos próprios mecanismos de ajuda dessas ferramentas tecnológicas. “É quase um exercício de imaginação pensar o cotidiano sem a presença das mídias digitais” (MARTINO, 2015, p.9). E, por estarmos conectados diariamente, e por termos uma complexidade de atividades cotidianamente é que não nos importamos com a qualidade da nossa formação para aquilo que aparentemente não fará diferença na construção do nosso conhecimento, mas é dele que tenderá o nosso futuro educacional e profissional.

A partir de 1995, de maneira cada vez mais rápida, as mídias digitais e a internet passam a fazer parte do cotidiano, espalhando-se não apenas no uso de computadores, mas também, em um segundo momento, em celulares, *smartphones* e outros equipamentos. O cotidiano se conecta, e com ele a necessidade de se pensar, em termos teóricos e conceituais, o que significam as mídias digitais (*Idem.*, p.13).

E, justamente em vista ao que representa hoje na formação humana os recursos tecnológicos fornecidos nessa era digital, para a construção da

potencialidade do indivíduo, e para o enfrentamento das dificuldades decorrentes de uma avassaladora desigualdade social, principalmente, para aqueles que se encontram no período de transição da sua existência, como é o caso da juventude, e em especial os jovens prestes a concluir o ensino médio nas escolas públicas, aqueles, que se encontram diante da expectativa da realização de seus sonhos universitários, ou de uma antecipação ao mercado de trabalho, que o conhecimento especializado das tecnologias é de vital importância, no entanto, quando adquirido de forma improvisada não se tem a clareza de que haja com ele uma mudança na sua qualidade de vida.

Reconhecer a importância das mídias e dos meios tecnológicos que estão presentes na formação do indivíduo é necessário, assim, como esclarecer como essa mesma mídia e os meios tecnológicos também pode influenciar para o comodismo e a permanência da sua estagnação social. Portanto:

... as TICs podem ser uma contribuição decisiva para a educação, devido a sua peculiar capacidade de distribuir informação a um custo relativamente baixo e à possibilidade de integrar-se aos programas tradicionais orientados à erradicação do analfabetismo à promoção dos direitos humanos. A penetração das tecnologias de informação e comunicação nos países mais pobres pode dar origem a círculos virtuosos de desenvolvimento, que têm efeito benéfico sobre uma série de componentes que fazem parte da qualidade de vida dos indivíduos (PISCHETOLA, 2016, p.17).

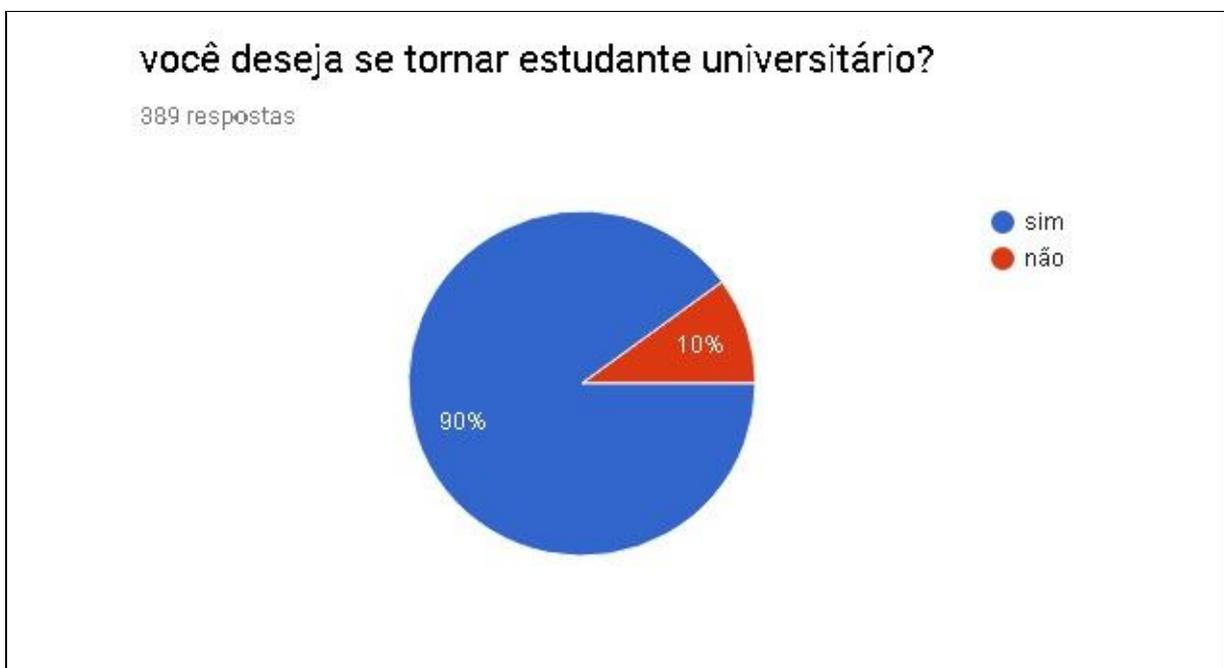
Entretanto, mesmo conhecedores desse potencial que é fornecido pelas tecnologias da informação e comunicação, os jovens, objetos desse estudo deixam transparecer, que a sua utilização para fins educacionais ou de capacitação individual se dá de maneira acanhada e limitada, ou seja, mesmo sendo capacitados ao uso da ferramenta para complementar seus estudos acadêmicos regulares não fazem desse material um aliado para o engrandecimento de seus conhecimentos, nem tão pouco a instituição escolar, detentora de laboratório de informática, disponibiliza adequadamente esta instalação para a formação dos alunos ou orienta os alunos sobre os potenciais usos que dele podem ser extraídos, desta forma, o acesso e a manipulação desses recursos, fornecidos pelas TICs passam a ser destinados para outros fins que não são exatamente educacionais.

Além disso, existem as demais ferramentas de acesso a essas informações que estão concentradas na sua maioria nas residências ou nos aparelhos eletrônicos portáteis dos alunos, que sem a devida orientação e aconselhamento de como extrair delas o melhor para a sua formação são conduzidos para outros

caminhos mais tentadores, que também são oferecidos por essas tecnologias, os das redes digitais e os dos jogos virtuais.

Entretanto, mesmo diante desse despreparo educacional, quando perguntado aos alunos sobre suas pretensões na continuidade dos estudos no âmbito do ensino universitário, percebemos, que noventa por cento dos entrevistados têm em mente, que alcançar o ensino superior é o caminho que lhes levará a uma melhora substancial na vida. Informação que foi constatada no gráfico 01 extraído da pesquisa vinculada a este trabalho. Portanto, a aspiração ao conhecimento específico das mais variadas ciências a título de um saber especialista sobre os mais variados ramos dos cursos universitários, com certeza, é o que é almejado pela maioria dos jovens que são concluintes do ensino médio dessa escola pública, objeto dessa pesquisa.

Gráfico 01 - Extraído da pesquisa no Google Forms



É perceptível então, que o desejo dos jovens oriundos das escolas públicas e em especial desta que nos debruçamos para o estudo de campo, de se tornarem estudantes universitário é fortemente expressado, como foi visto no gráfico acima, contudo, quando partirmos para analisar mais profundamente esse primeiro impulso apontado na resposta proposta, verificamos que nas sucessões das respostas posteriores, em decorrência dos cruzamentos das intenções conflitantes, pode ser verificado, que muitas dessas aspirações como frequentar cursos superiores com

níveis de concorrência extremamente elevados, sem que para tanto tenham dedicado parte relevante de seu tempo para esse estudo e formação, não apenas naquele horário, dito de atividade normal e regular da sala de aula, que é oferecido pela instituição de ensino, mas principalmente, naquele onde sua dedicação individual, no chamado tempo livre, onde houvesse o reforço e a complementação das atividades regulares de aprendizado. No entanto, nesses horários constatou-se que por muitos deles foi utilizado para outros fins, majoritariamente, para as comunicações nas redes virtuais ou para o entretenimento, seja de jogos ou de outros tipos fornecido pelos meios digitais.

Outro fato importante foi verificado nas justificativas dadas aos anseios dos cursos universitários, o que esses jovens, objeto de estudo apresentaram na matriz de conteúdo 01. Verifica-se, que muitas das suas motivações foram movidas por “sonhos”, ou seja, para esses alunos, sonhar querer ser, tem sido o bastante para acalantar os seus propósitos, mas caso não haja essa realização não haverá descontentamento, pois foi apenas um sonho não realizado. Parte-se para sonhar de novo, e quem sabe dessa vez um sonho possível de se realizar, algo mais próximo da sua realidade, que vai sendo introjetada passivamente.

Matriz de conteúdo 01 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Curso universitário	Direito 13,62%	R - 19	Direito. Porque meu maior sonho é ser advogada para ajudar o próximo.
		R - 26	Direito, sempre foi um sonho meu é dos meus pais.
		R - 63	Direito. Porque me identifico muito e gosto muito de convencer as pessoas da minha razão.
		R - 96	Direito, pois quero me torna uma advogada, ter uma vida melhor com os esforços dos meus estudos e dar orgulho minha mãe.
		R - 142	Direito internacional, pois desejo ingressar na carreira diplomática.
	Medicina 9,25%	R - 29	Medicina, porque é um dos meus sonhos e quero ajudar a quem precisa.
		R - 53	Medicina. É uma área onde desde meus 11 anos me vi sempre.
		R - 111	Medicina, porque é o que sempre quis desde criança me tornar uma profissional nessa área.
		R - 149	Medicina. Pois sempre foi o meu sonho.
		R - 161	Medicina, pois a área da saúde é a que mais me identifico e gosto.

Educação Física 8,99%	R - 40	Educação Física, por que é o mais próximo de dança e dá mais dinheiro do que ela.
	R - 107	Educação Física, por gostar muito do corpo humano e tudo que se relaciona ao mesmo.
	R -116	Educação Física, porque meu sonho é de trabalhar com algo que tenha esporte envolvido.
	R -187	Educação Física. Porque eu me identifico com a área esportiva e sempre gostei de cuidar de meu corpo, exclusivamente de minha saúde.
	R -321	Educação Física. Sempre gostei de praticar esportes.

Ora, quando nos valemos de sonhos para mudança de nossa realidade temos que enxergá-los não como simples sonhos, mas sim como projetos, algo que está ao nosso alcance, conquistado por nosso próprio mérito, e não como algo que se consegue apenas por aspirações e desejos, como cobiça sem merecimento. Ao nos projetarmos à diante temos primeiramente que conhecer nossas bases, para delas nos lançarmos a um fim, no entanto, pelas justificativas apresentadas percebemos que esses alunos mesmo conhecedores das limitações das suas bases educacionais, não estão tão conscientes assim, desprezam a realidade e se lançam em “sonhos” pouco prováveis de serem realizados.

O tempo passa a ser marca fundamental para as decisões desses jovens, como nos diz MELUCCI “A perspectiva temporal do adolescente tornou-se um tema interessante de pesquisa, porque a biografia dos dias de hoje tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo” (MELUCCI *In*: FÁVERO, 2007, p.35). Desta forma, essa imprevisibilidade de planejamento e de construção dos projetos de vida dessa juventude, principalmente pelas suas escolhas aleatórias, aquelas motivadas apenas pela ilusão do desejo e da vontade de querer ser é que os impulsionam ao futuro, sem que para isso, tenha tido por parte deles a organização e o investimento do seu tempo nas conquistas das etapas que serão necessárias para essas realizações. A esse respeito é importante voltar a DAYRELL e CARRANO ao que dizem:

Finalmente, queremos ressaltar um outro desafio posto aos jovens, principalmente para os mais pobres. As demandas de construção de suas identidades autônomas, bem como a ampliação de possibilidades, levam a um efeito perverso que pode ser caracterizado como uma nova desigualdade social. Além dos jovens pobres se verem privados da materialidade do trabalho e do acesso às condições materiais para vivenciarem a sua condição juvenil, defrontam-se também com a desigualdade no acesso aos recursos para a sua autorrealização. Surge, assim, uma nova desigualdade – marcada pela privação cultural e negação do acesso a experiências que possibilitam o autoreconhecimento e a

descoberta de seus potenciais (DAYRELL; CARRANO, *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.126).

Talvez, seja pela fluidez que o presente proporciona que os jovens não se vejam na necessidade de repensarem suas atitudes e decisões. Talvez, por terem a facilidade de reverem constantemente suas escolhas e de se ajustarem facilmente as situações que vão lhes aparecendo, sem com isso, carregarem consigo qualquer peso de culpa ou de consequência danosa pra o seu destino profissional, é que eles agem assim.

Essa imprevisibilidade dos jovens é tão presente que também fora constatada na pesquisa. Quando confrontados os dados que se apresentam no gráfico 02 onde se verificou pelas respostas dos alunos, que mesmo eles sendo conscientes, de que o ensino ofertado pela instituição pública não é por si só capaz de promover uma formação adequada para que eles almejem aqueles cursos universitários tão desejados, mesmo assim, eles não demonstraram capacidade de reação frente a essa deficiência, pelo contrário, mantiveram-se passivos ao sistema e, além disso, poucos foram capazes de contornar essa fragilidade da formação escolar com outros estudos complementares.

No gráfico a seguir podemos verificar melhor essa constatação:

Gráfico 02 – Extraído da pesquisa no Google Forms



O problema com a qualidade do ensino nas escolas públicas é algo que não vem de hoje, entretanto, quando analisamos que num universo de respostas a essa verificação, obtivemos um índice de setenta e dois por centos dos alunos

confirmando objetivamente que reconhecem essa incapacidade, de que através do ensino que estão lhe sendo oferecidos não podem realizar aquele “sonho” do curso universitário, e mesmo assim, ainda se mostram impotentes para promoverem uma mudança, mantendo-se simplesmente receptivos a essa demanda fragilizada de ensino e não buscando explorar outras possibilidades para contornar suas deficiências, mesmo que sejam no âmbito de suas competências individuais, com estudos paralelos, ou coisas do tipo. E, ao invés disso, seguem reagindo, atribuindo culpabilidade ao sistema de governo, ou pior, aos profissionais da educação, que também são vítimas do sistema, como se apenas apontar essas responsabilidades fosse sanar o que de mais é grave, o mascaramento de uma situação social que disfarça seu maior interesse, o da manutenção da desigualdade social por uma educação falha e deficitária.

Muitos buscam justificativas para essa baixa qualidade do ensino público se valendo de parâmetros com o ensino das escolas particulares, principalmente no tocante a conquista do ensino superior. Assim, é bastante pertinente o que nos fala Nora Krawczyk:

Embora o conhecimento também seja reconhecido pelos jovens como elemento de diferenciação, os estudantes de escola pública costumam considerar fraco o ensino que recebem. Eles têm, tal como muitos docentes, o parâmetro da escola privada, ou melhor, os parâmetros dos estudantes da escola privada, para avaliar o desempenho da instituição e de seu alunado. Este é um preconceito construído por décadas em nosso país, mas sabemos que não representa necessariamente a realidade: temos escolas privadas boas e outras não tão boas e também temos escolas públicas boas e outras nem tão boas assim. Mas a mídia e os sistemas de ranking que avaliam as aprendizagens dos alunos sem diferenciar o que eles apreendem dentro e fora da escola, entre outros fatores, acabam por reforçar ainda mais esse preconceito. Seria necessário considerar que os alunos de classe média já chegam à escola privada com alguns conhecimentos e habilidades mais sintonizados com o padrão de ensino que se pratica e que é comum que tenham outras experiências e atividades de aprendizagem, tais como língua estrangeira e viagens, fora a escola (KRAWCZYK *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.87).

Fato perfeitamente verificável, principalmente quando passamos a analisar as respostas dos alunos a esse respeito, o da qualidade do ensino público e da sua escola. Conjuntamente com as suas justificativas constatou-se que muitos se valeram daquilo que nos falou Nora Krawczyk, quando comparam a educação recebida com a qualidade daquela do ensino privado, mesmo que muitos deles nunca tenham sequer tido a oportunidade de conhecer na prática, aquela qualidade de ensino imaginada, mas, que pela construção social feita a esse respeito, já

acreditam ser suficiente para que eles contentem-se com suas decepções e possíveis futuros fracassos, ainda mais, quando essa derrota envolve aquelas suas aspirações de ensino superior.

Nas respostas constantes na matriz 02 apresentada a seguir, demonstra-se o grau de insatisfação dos alunos com o ensino recebido na escola. E mesmo nas respostas positivas foi verificado que muitas das respostas ficam condicionadas a outras demandas, ou seja, o ensino da escola pública é suficiente para alcançar o ensino superior, mas ele precisa que haja outros fatores que somem a ele, seja por contribuição dos governantes, da instituição, dos professores ou até mesmo dos próprios alunos. Em suma, sempre carente de alguma coisa.

Matriz de conteúdo 02 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Ensino	Professores qualificados Alunos dedicados	R - 4	Porque temos professores qualificados.
		R - 110	Acredito! Com base nos professores e interesse em aprender da minha parte, acredito que o ensino oferecido em minha escola é o suficiente.
		R - 136	Eu acho que sim são ótimos professores, mas depende muito do interesse do aluno.
		R 171	Particularmente, acho o ensino do Moreira e Silva maravilhoso, até porque temos professores supercapacitados para isso. E sim, tenho certeza que dá pra atingir o ensino superior com apenas ele.
		R - 186	Acho que a escola dá um empurrão, mas você tem que fazer o restante. Estudar em casa, fazer pesquisas e outras coisas.
		R - 212	Sim, pois ela oferece professores capacitados e um ensino suficientemente bom.
		R - 244	Acredito que sim, vai depender de cada um se esforçar para aprimorar e absolver os ensinamentos que lhe são oferecidos.
		R - 275	Temos professores qualificados na escola, porém, cabe a cada aluno estudar por si só, os professores estão lá para tirar dúvidas.
		R - 335	Porque não depende só dos professores ensinar, os alunos têm que ter uma determinação no que eles querem. Foco, objetivo, além de se esforçar.
		R - 327	Acredito que o ensino seja para nos guiar, nos dá um caminho, mas quem tem o dever de seguir aquele caminho somos nós, é às vezes o ensino no colégio não é o suficiente para tirar dúvidas e para lhe fazer entender realmente o assunto.
Ensino	Professores desestimula dos Alunos sem interesse	R - 31	Tem muitos professores que não dão à mínima e pra completar, nós alunos não fazemos a nossa parte.
		R - 76	Acredito que, por alguns professores não tentarem mudar seus métodos de ensinamentos e acabam ficando na mesmice de sempre.
		R - 96	Pois tem professores que mal ensinam, como se

		estivessem obrigados. (Algumas partes)
	R -132	A escola não está nem preparada para oferecer o próprio ensino médio, professores que faltam mais que alunos, professores que não sabem interagir com os alunos, só ficam na mesma. Não é só culpa dos alunos, se querem que tenhamos interesse, então tenham interesse em si próprios.
	R 133	As aulas na escola costumam ser muito monótonas, causando desinteresse da parte dos alunos.
	R -156	O governo brasileiro não investe em educação como deveriam, então, as escolas públicas ficam sem professores adequados, sem estruturas que muitas vezes são precárias ou alguns professores não desempenham seu trabalho com dedicação e boa vontade para aplicar aulas aos alunos. Além de que, o sistema de ensino ajuda ainda mais a desestimular o aluno a procurar o conhecimento e aprender mais.
	R -222	Estudamos o superficial, e às vezes não temos aulas ou não temos "interesse" pelas aulas oferecidas, particularmente por que a maioria dos professores tem uma preparação ou aula muito monótona.
	R - 276	Depende do aluno para melhor desempenho na escola e alcançar seus objetivos, a escola é um meio, mas, não é o todo, e ainda mais dependendo da educação nos dias. Quando me formar vou agradecer o Google e ao Youtube porque se dependesse de certas aulas eu não iria a lugar nenhum.
	R -285	O ensino oferecido na escola é bom mais não é o suficiente por conta que não costumamos nos dedicar totalmente a aprender nas horas de aulas.
	R -361	Acredito que o ensino oferecido pela escola é na maioria das vezes falho e sucateado, desestimulando o aluno e até mesmo o professor.

Como fora visto, o descontentamento com a qualidade do ensino recebido na escola pública e a comparação deste ensino com aquele ofertado nas escolas da rede privada parece ser a justificativa plausível para a possibilidade do fracasso, aquele já mencionado, frente às aspirações profissionais e aos cursos universitários. No entanto, é preciso lembrar que essa desconstrução da qualidade do ensino público se deu ao longo de décadas, que realmente houve a responsabilidade de governos ao longo dessa história, que a falta de investimento sucessiva e o desvio de objetivos propostos para a educação dos jovens durante esse tempo serviu para agravar o quadro que o ensino público se encontra hoje.

Mas, independente desses acontecimentos políticos é também preciso compreender, que esse movimento proporcionou drasticamente uma transformação no âmbito da sociedade, que movida pelos princípios econômicos do capitalismo, viu na oportunidade de fragilidade do ensino público um veio de lucratividade, não apenas com o surgimento das escolas particulares ou da sua superioridade de

ensino, mas no desaparecimento da escola pública, no seu sucateamento tecnológico e principalmente na desmotivação do seu quadro de pessoal, devido às ingerências administrativas no setor governamental.

E como não fosse o bastante esse desnivelamento entre o ensino público e o ensino privado, o fato ainda é propagado pelos órgãos oficiais e pela imprensa, como algo corriqueiro e normal. Por isso, para desconstruir essa imagem traçada há décadas é necessária a resistência. É necessário também, transmitir a verdadeira história com as suas intencionalidades, para daí, proporcionar aos jovens a capacidade de enfrentamento e mudança. Miguel Arroyo nos fala que:

Quando a mídia e até as escolas apresentam os resultados nas avaliações oficiais, ficam explícitos os padrões de classificação, hierarquização, inferiorização dos *Outros* em comparação ao *Nós*: os alunos do Norte-Nordeste, dos campos e periferias com piores resultados do que os alunos do Sul, dos centros; os alunos das escolas públicas com piores resultados do que os alunos das escolas privadas. Cotistas têm pior resultado entre universitários. Os não cotistas, jovens das escolas privadas que sempre ocupavam o ensino superior porque passaram no vestibular, por mérito servem de parâmetro para ratificar a condição de inferioridade dos cotistas pobres, negros, das escolas públicas que entraram “sem mérito pelas portas dos fundos” em um lugar de excelência que nunca lhes pertenceu. Essas representações sociais pesam sobre a escola pública média, sobre os docentes e currículos. Como desconstruir essas representações históricas tão pesadas? (ARRYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.63).

Desconstruir essa história de desigualdade e de inferioridade dos alunos das escolas públicas é também papel da filosofia, por isso precisamos compreender o verdadeiro propósito do seu ensino, para então traçar como ela diretrizes de mudanças, de reação. Através do conhecimento, do esclarecimento e consequentemente da autonomia. Assim, não podemos ignorar o poder da teoria crítica frente a essa situação, não podemos desprezar os ensinamentos de Adorno como motivadores para essas transformações. Nas palavras de ADORNO:

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado “Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?”. Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. “Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade”. Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual. A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu entendimento (ADORNO, 2012, p.169).

Portanto, se valer do princípio do esclarecimento é necessário para promover a mudança que se precisa buscar, mesmo que diante das adversidades, transformar a realidade desses alunos, que devem se livrar daqueles “sonhos” imaginários, ilusórios e passar a cultivar projetos, propósitos a luz do conhecimento e da sua capacitação crítica, necessária para essa transformação. Nesse aspecto, Marcelo Perine fala que:

O que quer que tenha dado origem ao filosofar, é um fato que desde a sua origem a filosofia tem a característica de ser re-flexiva, ou seja, de não se deixar levar pela primeira impressão, pela aparência ou pelo impulso imediato, mas submeter tudo a um olhar atento, cuidadoso, que se volta diversas vezes para o seu objeto na tentativa de compreendê-lo o mais amplamente possível (PERINE, 2007, p.47).

Mas essa atitude filosófica por parte dos alunos tem que ser provocada. O professor de filosofia deve buscar meios, sem fugir das amarras instituídas pelo currículo oficial, mas valendo-se dele, para promover o olhar mais aguçado sobre as coisas que cercam os seus alunos. Voltando novamente para Arroyo:

Se a escola, os currículos e a docência não conseguiram desconstruir essas representações inferiorizantes, precisam, ao menos, não reforçá-las, nem ocultá-las. Os adolescentes, jovens, adultos populares, trabalhadores que chegam ao ensino médio têm o direito a conhecimentos aprofundados sobre a construção e reprodução histórica dessas representações sociais (ARROYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.63-64).

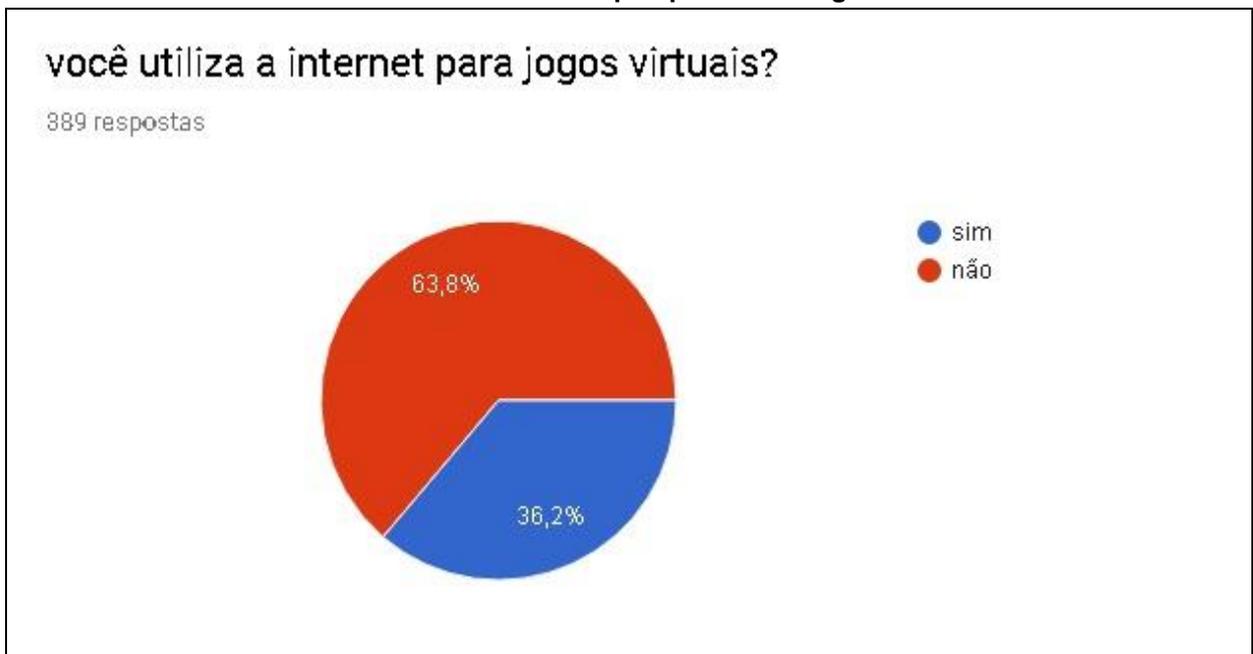
E quando passamos analisar os gráficos: 03, 04 e 05 é que percebemos o quanto essa atitude filosófica se torna importante para a formação dessa consciência crítica nos jovens, esses, prestes a concluírem seus estudos no ensino médio.

Como já havíamos salientado, o uso dos jogos virtuais tem se tornado uma prática na sociedade contemporânea, ele pertence ao segmento de entretenimento da indústria cultural e tem sido um dos meios mais lucrativos dessa sociedade. Também vimos, que nesta sociedade o consumo inconsciente dos bens e serviços, principalmente do lazer por parte desse setor produtivo tem produzido uma geração cada vez mais antecipada de consumidores, e mesmo que esses jovens ainda não estejam inseridos como força de trabalho da classe trabalhadora são potencialmente explorados por esse segmento de consumo. Assim, o prazer viciante que lhe é proporcionado pela indústria do entretenimento, é tão fascinante, que sua ascensão ao mercado de trabalho se faz de maneira rápida, e sem a necessidade da adequada formação científica, ou seja, pela necessidade de se manter no consumo

de bens, serviços e lazer, os jovens são alocados no mercado de trabalho, sem que antes, tenham tido aquela formação universitária, que haviam imaginado para si. Ficando cada vez mais impossibilitados de dar continuidade aqueles seus “sonhos” do curso universitário, e com isso, se distanciando ainda mais de sua capacidade de transformação e ascensão social pela educação.

Quando verificamos no gráfico 03 que sessenta e três, vírgula oito por cento dos alunos pesquisados, diz não fazer uso da internet para jogos virtuais, mas que são conhecedores de que esses mesmo jogos, quando utilizados em excesso, fazem mal a saúde, e que mesmo assim não deixam de utilizar a internet para outros fins de entretenimento, como é o caso das redes sociais, em que o tempo que dedicam a esse tipo de divertimento é muitíssimo superior aquele gasto com seus estudos nas horas livres, isso é tão preocupante quanto aquele que admite usar seu tempo para os jogos. E como observado, o percentual de alunos que reconhecem o uso da internet para jogos é bastante elevado.

Gráfico 03 – Extraído da pesquisa no Google Forms



Vimos então, que a dedicação desses jovens ao divertimento proporcionado pelos jogos é motivada pelo desconhecimento dos verdadeiros danos que lhes são causados. Isso porque seus olhares estão alinhados com o imediatismo do presente, porque estão carentes de preenchimento das necessidades aparentes e se esquecem dos planejamentos futuros, com isso, o tempo incerto do futuro é saciado pelos desejos preenchidos no presente, no agora, naquele instante, e o setor

lucrativo das mídias digitais, não quer que esse jovem de hoje fique pensativo no amanhã, pelo contrário, que mais que ele seja imediatista. Por isso, refletir sobre a questão do tempo com essa juventude se faz necessário. Assim, compreendendo o que Alberto Melucci diz sobre o tempo e a juventude poderemos também ajustar o ensino da filosofia como instrumento de pensamento e de transformação.

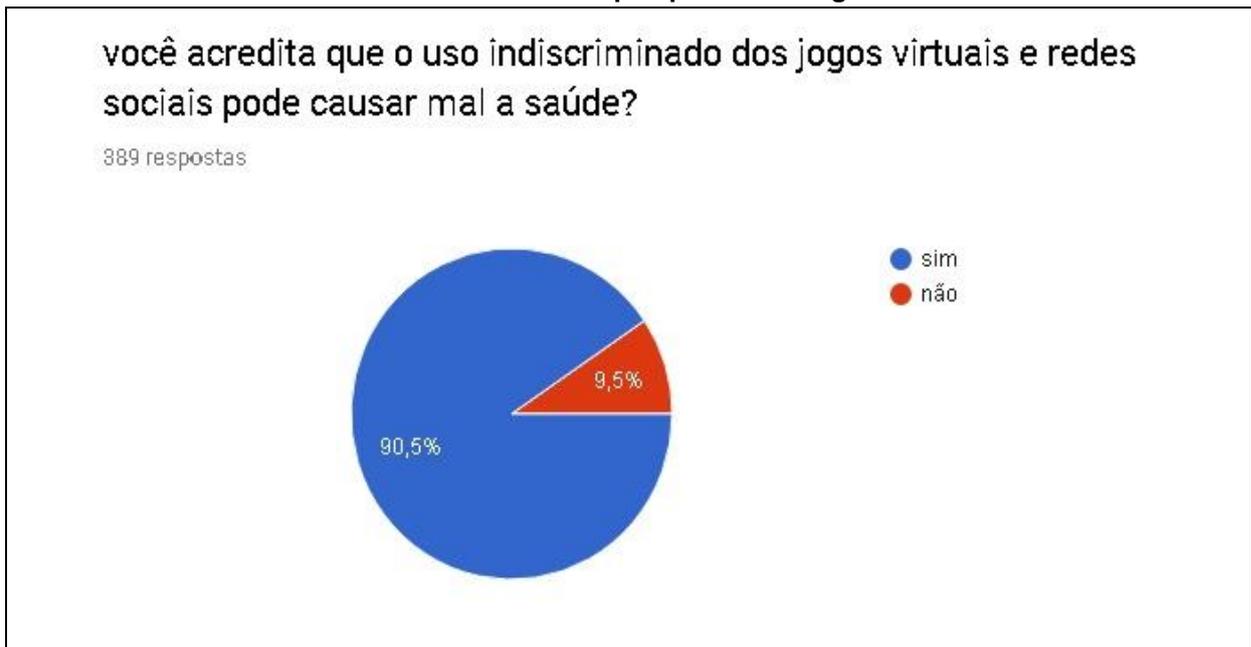
Uma análise em termos de perspectiva temporal considera o tempo como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamento, construindo um complexo de pontos de referência para suas ações. A maneira como a experiência do tempo é vivenciada vai depender de fatores cognitivos, emocionais e motivacionais, os quais governam o modo como o indivíduo organiza o seu “estar na terra”. Nesse sentido, atitudes relacionadas com várias fases temporais podem ser levadas em consideração (exemplo: satisfação ou frustração, abertura ou fechamento com respeito ao passado, presente ou futuro); ou a direção que cada pessoa atribui para a sua própria experiência do tempo (exemplo: preferência por uma orientação direcionada para uma ou outras fases temporais); ou o grau de extensão assumido pelo horizonte temporal para cada indivíduo (exemplo: perspectiva ampla ou limitada, contínua ou fragmentada). A organização de eventos e sua sequência, a relação entre eventos externos e internos, o grau de investimento emocional em várias situações – tudo se torna meio de organizar a própria biografia e definir a própria identidade. A perspectiva temporal do adolescente tornou-se um tema interessante de pesquisa, porque a biografia dos dias de hoje tornou-se menos previsível, e os projetos de vida passaram mais do que nunca a depender da escolha autônoma do indivíduo. Nas sociedades do passado, a incerteza quanto ao futuro podia ser o resultado de eventos aleatórios e incontroláveis (epidemia, guerra, colapso econômico), mas raramente envolvia a posição de cada um na vida, a qual era determinada pelo nascimento e se tornava previsível pela história da família e o contexto social. Para o adolescente moderno, por outro lado, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incerteza que derivam simplesmente dessa ampliação de perspectivas: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas (MELUCCI *In*: FÁVERO (org.) 2007, p. 35).

O tempo tem se tornado um desafio para a juventude, para eles o imediato é o decorrente da própria agitação do mundo. A velocidade com que tudo é vivenciado por eles nas mídias digitais, faz com que a vida não possa ser vivida em passos lentos, não dão conta que nem tudo pode ser experienciado nessa velocidade alucinante. E nessa sociedade, para a conquista do sucesso profissional são raros os casos onde nesse mercado oferecido pelas mídias, a exemplo dos jogos virtuais e das redes sociais foram eficazes, mas a indústria cultural ao divulgar alguns casos de enriquecimento, como sendo possíveis de acontecer com qualquer um motiva o interesse dos jovens em obterem sucesso de forma prazerosa e imediata. No entanto, quando conseguem perceber que tudo isso não passa de uma estratégia dessa indústria do lazer, esses jovens já perderam um precioso tempo de suas vidas, deixaram de investir aquele mesmo tempo, em sua formação profissional, o

que possivelmente lhe traria mais sorte do que a mudança pelo jogo ou pelas mídias.

Vejam que no gráfico 04 noventa, vírgula cinco por cento dos alunos pesquisados são conscientes ao afirmar que o uso indiscriminado das mídias faz mal a saúde, no entanto, a maioria também afirma que se sentem no controle dessa utilização. É o que se constatará nas respostas contidas na matriz de conteúdo 03 logo em seguida.

Gráfico 04 – Extraído da pesquisa no Google Forms



Porém, quando se verifica as respostas apontadas no gráfico acima e as justificativas dadas na matriz 03 é perfeitamente compreensivo como a consciência dos jovens, que se valem dos jogos virtuais e mídias digitais, é modificada para encontrar justificativas plausíveis para a sua permanência de atitude. E, mesmo quando colocado por alguns o choque desse comportamento com o seu comprometimento com os objetivos futuros, poucos são capazes de controlar seus impulsos sobre o uso, e principalmente sobre o controle do tempo dedicado a esse uso. O poder que está contido na internet e dela na vida das pessoas é surpreendente, contudo, desde o seu surgimento a capacidade de tirar proveito da internet e dos seus recursos tem sido um desafio, pois seu mundo amplo e irrestrito possibilita desvio de propósito, principalmente quando não sabemos explorar tudo que ela nos oferece, e assim tem sido com a maioria dos jovens envolvidos nesta pesquisa. E sobre esse propósito é importante lembra o que diz Pischetola:

O surgimento e a popularização da internet foram acompanhados de muitas expectativas positivas, sobretudo em relação à ampliação das possibilidades de acesso ao conhecimento e ao fortalecimento da participação política. Em sociedades cada vez mais fundamentadas no compartilhamento de saberes, a tecnologia digital insere o sujeito em um novo contexto cultural, em que não somente ele transforma a tecnologia, mas é por ela transformado, através dos seus hábitos de consumo, de trabalho, de comunicação e de acesso à informação. Ao mesmo tempo, a possibilidade de interação em tempo real, as iniciativas de governo eletrônico e a convergência dos diferentes formatos midiáticos, orientados a facilitar a mobilidade e a ubiquidade dão à internet o potencial de tornar-se um novo contexto de participação democrática (PISCHETOLA, 2016, p.13).

Por tudo isso, pelo que se pode extrair da internet e das múltiplas possibilidades de seu uso como mecanismo de aprimoramento do conhecimento e da sabedoria, é que se urge a necessidade de alertas, quanto ao seu uso indiscriminado para os jogos e mídias digitais, que na sua maioria são prejudiciais à formação cognitiva dessa juventude inserida nas escolas públicas. E observando pelas respostas apresentadas abaixo, possivelmente o preenchimento do tempo livre, se dando de forma mais consciente e adequada para uma formação acadêmica, talvez o jovem tenha seu foco em algo para além do imediato.

Matriz de conteúdo 03 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Dependência	Exagero do tempo	R -25	O vício em games e em redes sociais pode trazer vários malefícios a nossa saúde quando praticado em excesso. Primeiramente nosso cérebro, que tem substâncias químicas que sentimos prazer como a "dopamina". Ou seja, ao fazer o uso de jogos e redes sociais constantemente, isto vira uma rotina para o nosso cérebro, fazendo com que isso possa gerar uma dependência do uso destes recursos constantemente, mais e mais, de forma exagerada, comprometendo, por exemplo, a nossa visão, provocando o sedentarismo, no qual os jovens passam maior parte de seu tempo jogando jogos isolados do convívio social e entre outros problemas. Dessa forma, é preciso que as mídias por meio dos recursos que dispomos hoje, possam alertar a população através de propagandas sobre as consequências do uso exagerado destes recursos citados, principalmente na escola.
		R - 49	O uso excessivo das redes sociais pode tirar muito tempo da vida de alguém prejudicar na relação familiar escolar e até prejudicar na sua socialização.
		R -55	Sim, principalmente os jovens, pois a juventude está tão conectada, que se esquece de se exercitar, praticar alguma atividade física e acaba entrando no sedentarismo ou problemas associados ao peso ou a saúde.
		R -60	Pois a pessoa perde a noção do tempo, não se interessa em estudar e muitos jovens não têm convívio social, por jogar jogos do tipo com muita frequência.

		R -69	Sim, as redes sociais e jogos virtuais são ferramentas que podem ser usados para o bem e para o mal. O uso excessivo dos mesmos pode afetar a saúde mental.
		R -103	Há claro, a necessidade de está atento ao mundo virtual, devido à tecnologia sempre fazer parte do cotidiano das pessoas. Entretanto, deixar suas atividades pessoais, esquecer-se dos seus deveres, sempre ficar ausente do mundo real, são esses os principais malefícios que o indivíduo comete consigo mesmo.
		R - 125	É necessário um autocontrole sobre tudo, principalmente no uso de redes sociais e jogos, pois devemos cuidar do corpo e da mente. Praticar exercícios físicos, estimular a mente, estudando, lendo bons livros, tendo bons relacionamentos.
		R - 137	Sim, porque temos que ter um determinado tempo para usa isso, às vezes tem pessoas que exagera no uso dos jogos e das redes sociais, e acaba que algumas das pessoas se isolam e com isso não tem mais aquela rotina de sair de casa de praticar algum exercício físico e isso prejudica muito a saúde.
		R - 297	O uso excessivo da internet pode acabar atrapalhando na vida escolar e na pessoal, pois a pessoa que utiliza demais pode ficar mais tempo sozinha, desenvolver doenças como depressão, ansiedade, síndrome do pânico e até transtornos alimentares, entre outras, justamente por passar muito tempo conectado. Além de mudanças de humor, problemas de vista, e outros males.
		R -303	Tem muitas pessoas que passam o dia nas redes sociais e esquecem coisas importantes a se fazer no dia, como comer, tomar banho, dormir, dialogar com as pessoas de casa, revisar os estudos, afetando assim, a saúde física e mental, entre outros problemas que aparecem.
Dependência	Controle do tempo	R - 76	Algumas pessoas discutem muito sobre isso, mas creio que não! Pelo contrário, ajuda para passar o tempo e se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo.
		R - 84	Não fará mal a saúde desde que a pessoa não fique extremamente viciada e passe dos limites e queira jogar todo dia e a toda hora, e por horas.
		R -93	A consciência é da pessoa, tem que saber dividir o horário de joga e de fazer outras coisas.
		R 161	Não tem o que justificar, simplesmente não causa mal a saúde, eu tiro até proveito de muitos jogos em questão de física, química, matemática, português e etc.
		R -225	Desde que utilize com consciência, no meu ponto de vista não faz mal algum.
		R -229	Nenhum jogo influência na vida de ninguém é a pessoa que escolhe.
		R -255	Depende da mente fraca de cada um. Um simples jogo de matar, não vai me induzir a matar o meu próximo.
		R - 264	Porque a maioria dos jogos faz bem para treinamento da mente.
		R -275	Existe tempo para tudo. Basta dividir suas responsabilidades direitinho, e não haverá conflito de tempo entre o mundo virtual e a saúde, tanto física quanto mental.
		R - 314	Pois usando de maneira consciente ele pode aprimorar nosso relacionamento com as pessoas, e aprimorar

			nosso conhecimento.
--	--	--	---------------------

E novamente percebemos que o problema do tempo dedicado a essas tecnologias volta a ser o quesito que vigora na maioria das respostas. Saber fazer uso desse tempo de forma consciente é colocado como algo referencial, contudo, será que esses jovens estão realmente aplicando aquilo que dizem nas suas colocações de forma prática? Ou será que a distância entre aquilo que se diz e aquilo que se pratica por eles, quanto ao uso dos jogos e das redes sociais ainda é um obstáculo a ser vencido? Porque a questão não gira apenas no universo dos jogos virtuais, esse ponto é apenas a ponta do *iceberg* de toda a problemática que está envolvida no uso indevido da internet para o entretenimento.

Ao se verificar no gráfico 05 que a pergunta elaborada tem haver diretamente com a consciência desse jovem a respeito do seu comprometimento com o rendimento escolar. E que pelo percentual de oitenta e sete, vírgula sete por cento das respostas serem “sim” eles demonstram uma consciência da associação existente entre o uso da internet para os fins de jogos virtuais e redes sociais, e a sua conseqüente utilização para alcançar seus objetivos a nível universitário.

Gráfico 05 – Extraído da pesquisa no Google Forms



Todavia, quando fazemos o cruzamento do resultado diagnosticado no gráfico 05 com a matriz gerada a partir dele, verificamos que existe uma tentativa de demonstrar que a utilização dessas mídias, independente do tempo que se dedique a elas, não tem uma relação direta com o déficit de aprendizado, que pelo contrário,

muitos tentam justificar suas intenções de uso para fins justamente de aprendizado. No entanto, os índices oficiais só comprovam, que a utilização da internet pelos jovens no Brasil vem crescendo gradativamente, portanto, isso também é alvo de alerta, pois esse uso não necessariamente tem sido para fins de valorização do conhecimento e nem tão pouco para promover a mudança de status social dos jovens pertencentes às classes trabalhadoras, como pode ser visto nos estudo de Souza *et al.*:

Vários são os fatores que podem motivar os jovens ao acesso a internet. Pode ser para fins de estudo (pesquisas diversas) e trabalho ou por lazer (socialização, baixar e/ou ouvir músicas ou jogar – jogos individuais ou coletivos). O acesso à internet vem crescendo exponencialmente. No Brasil, segundo o IBGE em pesquisa de 2011, o acesso à internet cresceu 143,8% entre 2005 e 2011, entre a população acima de 10 anos. Apesar dessa disparada, até então 53,5% dos brasileiros ainda não utilizavam a rede. Um fator interessante está diretamente relacionado a idade destes usuários: os jovens são os que mais acessam a internet. Os maiores percentuais foram dos grupos com idade de 15 a 17 anos (74,1%) e de 18 ou 19 anos (71,8%), exatamente o público-alvo deste trabalho em questão (SOUZA, *et al.* 2015, p.46).

Verifica-se então, que justamente esses jovens em idade propícia a constituir suas escolhas, aquelas que irão determinar o seu futuro profissional é que estão sendo paulatinamente absorvidos pelo encantamento e pelo fascínio dos meios digitais e das suas tecnologias, prioritariamente voltadas para o entretenimento. É o que também se vê pelas respostas elaboradas por eles e apresentadas na matriz de conteúdo 04 cujo princípio das alegações persiste em que são controladores do uso e de suas escolhas, e não, que são controlados por essas mídias digitais.

Matriz de conteúdo 04 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Tempo	Uso consciente	R - 84	Não, mas é claro que desde que o aluno não seja extremamente viciado e nem passe dos limites nem deixe a escola de lado.
		R - 90	Muito pelo contrário, o uso de jogos virtuais em sala de aula para o aprendizado do aluno, nos últimos anos se mostrou bem promissor, as possibilidades trazidas por trás dos instrumentos, possibilita um maior desenvolvimento com relação ao aprendizado do aluno em sala de aula.
		R - 94	Dependendo da maneira de uso. Existem alunos que usam pra aprimorar seus estudos.
		R - 109	Não, se usados moderadamente. Se não usados com moderação, esses podem ser meios de procrastinação, o aluno não irá ter energia para estudar e não terá tempo porque ele estará "ocupado" nas redes sociais e jogando.
		R - 179	Em minha opinião, eu não acho que o uso dos jogos ou redes sociais prejudique os estudos, eu acredito que

			<p>devemos ter responsabilidade tem hora de diversão, estudo, lazer, etc. Tem que saber usar o seu tempo.</p>
		R - 211	Podemos ter consciência e tirar certo tempo do dia para estudar, é certo tempo para ficar nas redes sociais e jogos.
		R -227	Pois muitos não usam as redes sócias e jogos ao seu favor, existem jogos educativos e o bom das redes sociais é que a informação chega rápido.
		R -264	Porque vai depende do aluno, pois se ele tem uma vida controlada não vai deixa que seu rendimento escolar venha à ruína.
		R - 276	O uso não prejudica, mas, o exagero e colocando os meios virtuais como prioridades isso sim causa problemas.
		R - 384	O uso MODERADO de tais entretenimentos não pode apresentar nem um mal ao rendimento escolar. Entretanto, o uso EXAGERADO prejudica em muito o rendimento.
Tempo	Uso inconsciente	R - 13	Quando você fica muito tempo em determinada coisa, todas as outras passam a não existir e é aí que mora o perigo. Você não come, não dorme e não faz mais nada. Tudo gira em torno de determinada rede e determinado ponto. Atrapalham os estudos (mente cansada não é mente produtiva), o relacionamento com os outros e até o relacionamento com você mesmo.
		R - 18	Eles podem acabar se prendendo ao mundo virtual e assim caso tenha algum problema não poderá contar para os seus pais ou responsável. Assim tornado esse ou esses problemas maiores e em alguns casos impossíveis de se resolver.
		R - 53	Hoje em dia, no meu ponto de vista, os jovens colocam em prioridade o uso dos celulares em vez dos estudos, por isso há tantos casos de repetências nas escolas. Muitas das vezes o aluno em vez de pegar e ir estudar um pouco, não, prefere dez mil vezes ficar acessando as redes sócias, ou seja preferem manter as redes sociais atualizadas do que os estudos...
		R - 61	Sim, e muito, a tendência de quem usa por muitas horas a internet faz com que te tire o foco da escola e de seus deveres, e conseqüentemente você não faz as atividades, dorme tarde (Prejudicando o desenvolvimento em sala), etc.
		R - 92	Prejudica muito, pois muitos não estudam, não saem do celular nem para comer. Isso faz com que você perca sono e não se alimente bem. E querendo ou não, afeta em tudo na vida de alguém principalmente na hora de estudar.
		R - 150	Por causa da falta de administração do tempo utilizado em virtude de jogos virtuais e redes sociais, a má administração disso pode passar dos limites, fazendo com que perca as horas de estudos.
		R - 157	Sim, pois depois que a tecnologia chegou o rendimento escolar de muitas pessoas decaiu muito, a tecnologia não é ruim, pois ela ajuda em muitas coisas hoje em dia, mais também prejudica em alguns aspectos. Tem pessoas que não sabem controlar o seu uso, e preferem passar horas na Internet sem ao menos abrir ou tentar estudar um pouco do assunto que foi passado em sala de aula.
		R - 273	Ao invés de pegar um livro e ler ou responder uma atividade escolar, vem a preferência de jogos e redes sociais que nos chamam mais a atenção.
		R - 334	Depende de como o indivíduo vai lidar com isso, alguns

			preferem largar os estudos pra jogar, outros não. Eu prefiro largar os estudos e jogar
		R - 350	O uso indiscriminado de jogos e redes sociais pode interferir no rendimento escolar, pois nem todos possuem controle de quanto tempo e de quando usar tais recursos, distraíndo-os do foco central: o estudo.

Assim, quando resolvemos nos valer da metodologia da Análise de Conteúdo para buscar compreender as entrelinhas das respostas desses alunos que foram voluntários da pesquisa, primamos pelo fato de que as suas falas seriam registros basilares para o entendimento dos problemas levantados no início da pesquisa, que elas nos remeteriam a uma direção norteadora daquilo que buscávamos compreender, desta maneira, fomos bastante cautelosos não querendo atravessar nossos propósitos com uma análise que ultrapassasse o limite do dito, em nenhum momento, foi intenção avaliar as respostas à luz da Análise do Discurso, mesmo que, para muitos, Análise de Conteúdo e Análise de Discurso, uma e outra forma metodológica, não deixam de se visitarem nos exercícios das análises, como diz Maria Emília Lima: “Neste sentido, gostaríamos de deixar claro, mais uma vez, que a análise de conteúdo e a análise do discurso não se excluem, mas trazem resultados diferentes sobre os *corpus* de trabalho...” (LIMA, 2003, p.87). Desta maneira, ao buscar analisar as respostas de uma forma imparcial, verificamos, que mesmo aqueles alunos que estão inseridos entre os que reconhecem que a prática dos jogos virtuais e a utilização das redes sociais não são prejudiciais ao rendimento escolar, como é o caso do aluno identificado pela resposta R-109 na matriz 04 que diz: “Não, se usados moderadamente. Se não usados com moderação, esses podem ser meios de procrastinação, o aluno não irá ter energia para estudar e não terá tempo porque ele estará "ocupado" nas redes sociais e jogando”, é perceptível por sua resposta, que mesmo ele se colocando em defesa de uma utilização consciente das mídias digitais, ele também não deixa de ser usuário. E, quando foi feito o cruzamento do tempo de uso diário que ele gastava com essas tecnologias, constatou-se, que assim como a maioria, ele excede mais de quatro horas diária do seu tempo livre, ficando comprovado que para esse jovem pesquisado, por mais que exista o reconhecimento dos danos causados a saúde e ao aprendizado, a prática usual dessas mídias já se tornou algo que faz parte do seu dia a dia, de maneira tal que já foi incorporado ao seu modo de viver, tornando imperceptível o domínio que essas tecnologias têm sobre ele.

Ao buscarmos essa compreensão levamos em conta o que nos ensina Maria Laura Franco sobre o que extrair das comunicações nas análises de conteúdo, ou seja:

Quanto ao conteúdo de uma comunicação, a fala humana é tão rica que permite infinitas extrapolações e valiosas interpretações. Mas, é dela que se deve partir (tal como manifestada) e não falar 'por meio dela', para evitar a possível condição de efetuar uma análise baseada, apenas, em um exercício equivocado e que pode redundar na situação de uma mera projeção subjetiva. Os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas (FRANCO, 2008, p.27).

Portanto, é que nos comportamos diante do que aqui colhemos como resultado, daquilo que fora apresentado nos capítulos iniciais do trabalho, respeitando a fidelidade das falas, e nos valendo da Análise de Conteúdo, para com ela, e através delas, traçarmos diretrizes para as condutas na sala de aula e no trato de lidar com o tema aqui estudado. Tendo como parâmetros as mudanças necessárias em torno do ensino da filosofia e, sobretudo, aquilo que fora revelado pelos alunos através de suas colocações, nos ofertando um melhor conhecimento sobre o tema. Com isso, ao rever as diretrizes do processo de ensino da filosofia devemos levar em conta principalmente o outro lado, o do aluno, ele que é princípio e razão de tudo, por isso é importante repensar sobre o que diz Maria Luísa Portocarrero:

Entender de um outro modo a realidade, apreendê-la com o outro, '*cum preendere*', tal é o motivo da conversão hermenêutica do filosofar, que assim surge como uma nova via de racionalidade, aquela que acredita que sem a comunicação e a memória não há caminho de meditação possível. Digamos pois que a hermenêutica filosófica responde a uma crise do filosofar, cujo método era o monólogo do *cogito* soberano, e propõe-se, embora ainda sob a forma epistemológica, como lugar de uma necessária reavaliação da racionalidade (PORTOCARRERO, 1998, p.184).

É importante então, que o professor de filosofia procure sempre se reaprender, que faça sempre uma releitura dos seus métodos de ensino e que busque junto à realidade dos alunos aplicar aquilo que a filosofia tem de mais vigorante, a compreensão da realidade e das suas nuances, engajando-a na construção de uma consciência crítica do sujeito autônomo e esclarecido, senhor das suas escolhas e prospector do seu destino, pessoal, acadêmico e profissional, tornando-se assim, autores das mudanças significativas de suas vidas e das vidas daqueles que estão ao seu redor.

O processo de ensino aprendizagem não deve se restringir apenas a conteúdos sistemáticos, obediência cega ao currículo institucional, o profissional da educação, imbuído de transformar realidades, tem por obrigação transcender as amarras de um sistema que oprime e aliena, que mascara a realidade social e transveste a educação com ideologias falsas, de igualdade e oportunidades. A verdade é por vezes cruel, mas não deve ser ocultada, por mais que existam obstáculos, o professor deve resistir e ousar. A esse propósito uso aqui as palavras de Martha Marandino que nos incita a usar tudo que seja a fim de promover uma educação de qualidade para os jovens:

A escola deve se abrir a o seu entorno. Essa abertura deve se dar no sentido de promover o acesso dos jovens a aspectos da cultura científica, não somente para conhecê-la, mas também para que possam olhar para suas vidas e seu entorno munidos de instrumentos, técnicas e sentidos outros, dando um novo significado a eles. Um caminho possível é sem dúvida o reconhecimento de que os saberes científicos circulam em outros locais para além da escola, que são apropriados, organizados e disseminados de formas diversas. Na área de ciências, os museus, centros de ciências, jardins botânicos, zoológicos, parques, sítios arqueológicos, entre outros locais, podem contribuir, por meio da elaboração e implementação de programas de educação não formal, para a formação de cidadãos críticos, capazes de apreciar a ciência como parte da cultura, de procurar o próprio enriquecimento cultural científico permanentemente, de questionar o conhecimento difundido nesses locais e de interagir de forma consciente com o mundo ao seu redor (MARANDINO, *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.287).

Não se trata aqui de transgressão ao sistema doutrinador, que tem se mantido ao longo de décadas, até porque, estamos falando de certa “qualidade” do ensino nas escolas públicas e em certa medida, de uma questionada “competência” dos profissionais de ensino dessas mesmas escolas. Professores, que tendo ou não vínculo contratuais permanentes ou temporários são responsáveis pela educação oferecida, de forma direta ou indireta, além de que também são responsáveis pelos resultados obtidos nos índices de aprovação e ascensão dos alunos nos cursos superiores e universidades. Para Adorno, “a filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina” (ADORNO, 2012, p.53), ele diz com isso, que o intuito da filosofia é sempre ir além das barreiras impostas, a filosofia é fluída, intemporal.

Ainda de acordo com Adorno, “a filosofia é a arte de se expressar” (*idem* p.62). Por isso, não podemos deixar passar despercebido o que está contido no dito e no não dito das palavras espontâneas ofertadas pelos alunos no questionário desta pesquisa, lá, eles expressaram seus sentimentos sem constrangimento ou limitação, foram livres para com seus atos. Por isso, clarificar nossas ideias a

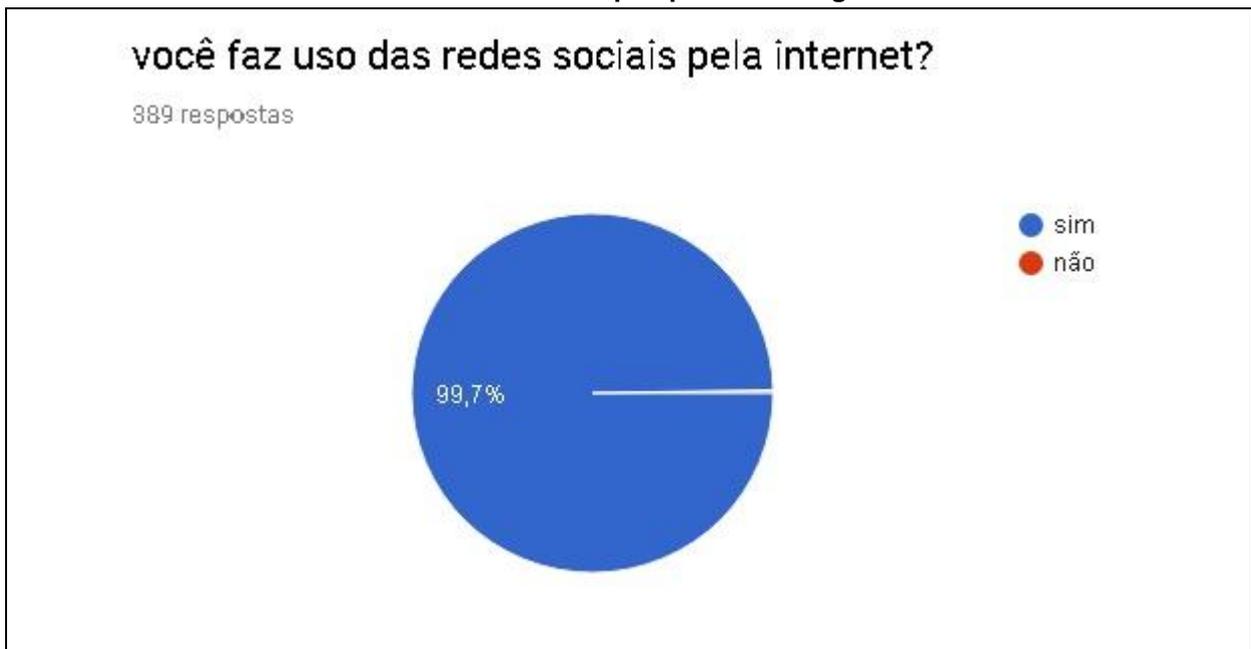
respeito da filosofia sobre um tema tão instigante que é o uso das tecnologias como aparato contributivo para a educação nos dias atuais é tão relevante.

Antes de retomarmos a análise com o gráfico 06 é imprescindível lembrar o que Laurence Bardin alerta sobre o critério das interpretações daquilo que buscamos analisar, ou seja:

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e pela fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 1995, p.9).

É justamente onde reside o não dito das mensagens, aqueles contidos nas respostas objetivas e subjetivas dadas pelos alunos, que encontramos um potencial de informações que colaboram expressivamente para as diretrizes que precisamos tomar a cerca do ensino da filosofia e das outras disciplinas de um modo geral. Para isso, basta observar o gráfico 06 nele configura-se a afirmação de que noventa e nove, vírgula sete por cento, ou seja, quase a totalidade dos alunos pesquisados, são adeptos ao uso das tecnologias para comunicações nas mais diversas redes sociais.

Gráfico 06 – Extraído da pesquisa no Google Forms

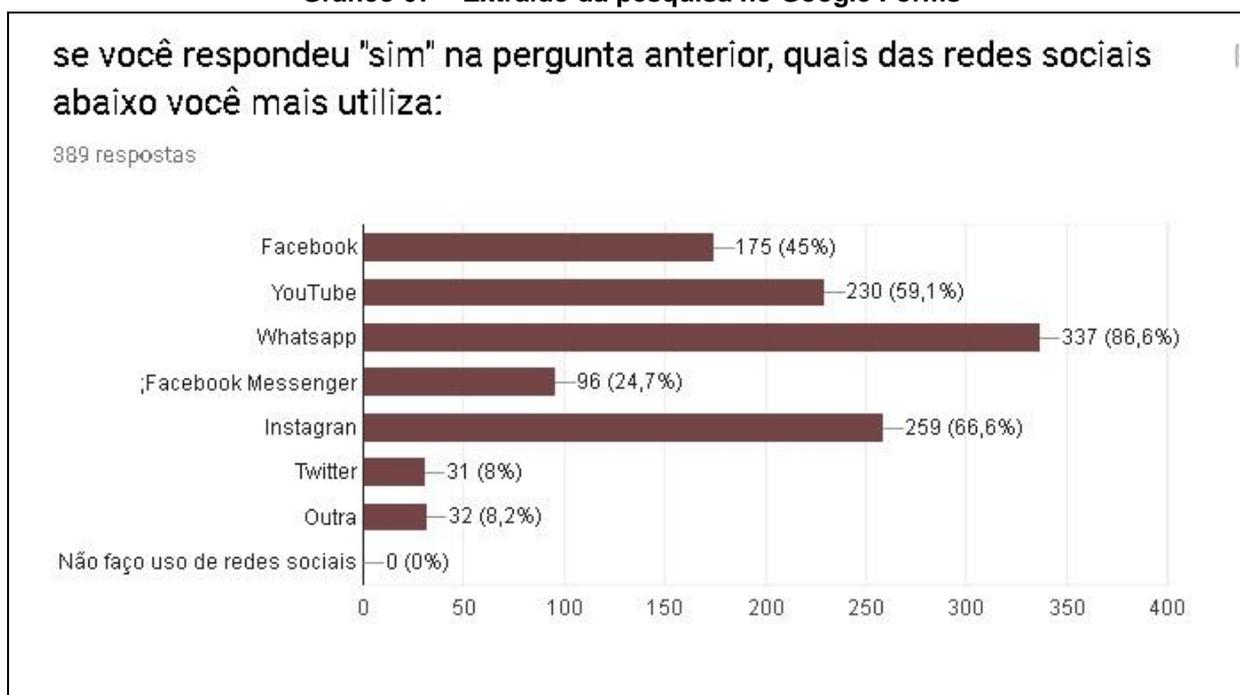


Todavia, como já colocamos anteriormente, ao efetuarmos o cruzamento dos dados coletados em algum momento os índices sobre o do uso de computadores, *smartphones*, *tablets* ou qualquer outro meio tecnológico, para o acesso a internet,

separadamente, do uso para fins de jogos virtuais ou redes sociais, demonstrou-se que muito das justificativas que foram negativas com ênfase radical para a utilização desses fins, eram na verdade, como prova o gráfico 06 justificativas ilegítimas, constata-se principalmente quando se faz a comparação entre os gráficos 06 e 07.

Observa-se, neste caso que onde fora pedido que houvesse a identificação daquela rede social específica a qual ele, o aluno se relacionava, no ícone “não faço uso de redes sociais”, a marcação cai expressivamente para zero.

Gráfico 07 – Extraído da pesquisa no Google Forms



Outro dado importante quando nos debruçamos na análise do gráfico 07 especificamente, e notamos que pelo fato de nesta questão eles terem podido indicar mais de uma resposta, fez com que essa liberdade de escolha entre as opções, nos revelasse um perfil mais proximal do quanto é grave esse vínculo com as mídias digitais em detrimento do tempo destinado ao aprofundamento dos conhecimentos educacionais, que são necessários fora do tempo normal da escola.

Em outras palavras, quando observamos o quantitativo expresso nas respostas confirmando o uso da rede social *Whatsapp* em oitenta e seis, virgula seis por cento, e em segundo lugar, a frequência de usuários da rede *instagram* em sessenta e seis, virgula seis por cento, e quando coloca-se a informação do tempo dedicado diariamente ao acesso a essas redes sociais nos verificamos o quanto é preocupante esse consumo de informações pouco relevantes para a consolidação

de uma formação acadêmica desse aluno e, conseqüentemente, de uma estruturação basilar para seus projetos de formação profissional a nível universitário. O tempo gasto com o essas mídias que envolvem os relacionamentos dos indivíduos, ou simplesmente que envolve o acompanhamento de perfis e *status* de celebridades, ou até mesmo o compartilhamento de futilidades disseminadas pelas mídias, tira desses jovens um tempo precioso e único, quer seja, a possibilidade real de mudança e transformação da sua condição social. E é exatamente isso que deseja o poderio da indústria cultural com a propagação dessas formas de relacionamento virtuais e de entretenimento. A esse respeito não podemos desprezar o que nos fala Zygmunt Bauman:

Na vida de contínua emergência, as relações *virtuais* levam a melhor facilmente sobre a "coisa *real*". O mundo off-line convida os jovens a estar em constante movimento. Mas solicitações deste tipo de pouco adiantariam se não fosse a capacidade, baseada na eletrônica, de multiplicar os encontros interindividuais, transformando cada um deles num ato rápido, superficial, de tipo "use e jogue fora". Relações virtuais são equipadas com a tecla "delete" e com "antispam", mecanismos que protegem das conseqüências incômodas (e sobretudo dispendiosas em termos de tempo) das interações mais profundas. [...]

Para os jovens, a principal atração do mundo virtual deriva da ausência de contradições e objetivos contrastantes que infestam a vida off-line. O mundo on-line, ao contrário de sua alternativa off-line, torna possível pensar na infinita multiplicação de contatos como algo plausível e factível (BAUMAN, 2010, p.66).

É essa fluidez do tempo que fascina a juventude, os jovens se sentem encantados por essa rapidez que demanda a força da internet, a velocidade com que as coisas acontecem no mundo *on-line* jamais será a mesma no mundo *off-line*, como afirma Bauman, mas esse encantamento também tem um preço, e ele é cobrado na linha do tempo, em um tempo futuro e real. É esse tempo que irá chegar ainda num futuro não tão próximo, que faz com que a educação de hoje possa fazer sentido, e que com ela, haja o engajamento desse comprometimento com o eu desse sujeito da juventude, desse indivíduo, vítima de um sistema criado para mantê-lo na fantasia do virtual, enquanto a realidade a sua volta se mantém sempre a mesma.

Assim, é papel do professor de filosofia ou de outro de qualquer disciplina, que possa ou queira promover o enfrentamento dessas demandas alienadoras dos meios de comunicação de massas, traçar seus planos de aulas para além do conteudismo, buscar conciliar os conhecimentos específicos das disciplinas com a

experiência do mundo da vida vivida por seus alunos e pela comunidade, refletindo sobre tudo que seja pertinente sobre os saberes na vida prática desses jovens.

A filosofia em especial deve primar pela sua qualidade reflexiva e delinear seus ensinamentos para a formação de uma capacidade crítica e compreensiva do lugar no mundo, desses jovens que emergem das escolas públicas. A isso, é peculiar compreender o pensamento de Renata Aspís:

As aulas de filosofia como lugar de experiência filosófica é lugar de estudo e produção filosófica. Nelas a cada dia surge o novo pois são espaço de criação. Sendo assim é movimento de provocação: provoca-se o surgimento de pensamento original, provoca-se a busca de compreensão, provoca-se a checagem do que poderia ser e do que não está. É o professor o responsável pelo nascimento desse espaço onde acontece esse jogo. Neste sentido o professor é um provocador. As relações que são criadas entre os participantes dessa experiência, revelam uma equipe ou um time que joga, não competitivamente contra um adversário, mas entre si, com o objetivo comum de construir saídas filosóficas para seus problemas. As aulas de filosofia são desestabilizantes pois assim é a filosofia: assim que acaba de encontrar-se, perde-se de novo, deliberadamente. Essas aulas têm vocação para serem emocionantes, não são apenas cerebrais. Numa educação assim o educando delibera e vive aquilo. E, como num jogo, o professor deve sempre deixar claros seus objetivos pedagógicos, seus métodos e suas estratégias para que possa existir a consciência e convivência de todos quanto às regras (ASPIS, 2004, p.315-316).

A filosofia tende a se comportar com essa missão educacional que é defendida por Renata Aspís, mas sabemos de antemão, que isso não é assim tão fácil. As dificuldades que cercam essa disciplina vêm crescentes ao longo da sua história, sendo por vezes, ameaçada de extinção ou suprimida da sua missão educativa. A filosofia tem essa característica de incomodar a ordem usurpadora da liberdade individual, ela luta em prol da justiça e da dignidade humana, então não pode se vender a um sistema que mente e manipula a verdade sobre as coisas, um sistema que finge oferecer uma ideia de igualdade, quando na verdade subjuga essa juventude com a ilusão oferecida de um mundo de oportunidades, que são raramente alcançáveis. A realidade sobre essa distorção da igualdade social atribuída ao universo das tecnologias e perpassadas aos jovens é tão hipócrita que não passa de uma política de propaganda enganosa, pois os índices divulgados pelas instituições de pesquisas mostram exatamente o contrário, como pode ser verificado nos estudo de Pischetola:

Assim, se for verdade que os principais índices mundiais sobre posse de TICs revelam uma difusão gradual de hardware e de software, bem como de acesso à internet, também é verdade que, olhada de outro ponto de vista, a diferença está crescendo em vez de diminuir, evidenciando desigualdades cada vez mais profundas (VAN DIJK, 2005b). Kuttan e

Peters (2003) atribuem essa amplificação das diferenças à contínua reinvenção da rede, fator que deve ser considerado em conjunto com a sua propagação. Em outras palavras, o que esses autores afirmam é que pensar a velocidade de expansão em termos de equidade da distribuição seria errado, pois a internet é cada dia mais complexa de se gerir e, conseqüentemente, requer mais capacidades de uso, o que só pode resultar em aumento da brecha entre ricos e pobres. Dito de outro modo, pobreza de informação hoje corresponde a empobrecimento de informação amanhã.

[...] Essa visão, na verdade, é uma transposição da teoria do conhecimento diferencial, ou das *lacunas de conhecimento*, proposta por Tichenor, Donohue e Olien (1970), segundo a qual a estratificação é amparada por elementos sociais e econômicos. As pessoas de maior nível socioeconômico terão sempre vantagem na exploração de novas fontes de informação, já que podem, devido a sua maior renda, arcar com despesa de possuí-las com antecipação. Dessa forma, a diferença de conhecimento, em vez de diminuir, aumenta. Na mesma linha de pensamento, Buckingham e Willett (2006, p.98) afirmam que “nos próximos anos, o grau de acessibilidade às mídias digitais aumentará de forma significativa, graças à redução dos custos, mas nós continuaremos a ver a polarização crescente entre os ‘ricos em tecnologia’ e os ‘pobres em tecnologia’” (PISCHETOLA, 2016, p.27).

Portanto, é perfeitamente perceptível como se desenvolve a disseminação das informações divulgadas pelos conglomerados econômicos que dominam a indústria do entretenimento, de que no universo das mídias digitais as oportunidades de ascensão social e até mesmo do enriquecimento econômico é possível para todos, e que a igualdade dessas oportunidades está para todos sem distinção de classe ou de poder aquisitivo. Pura fantasia! E o princípio dessa manipulação está justamente no que tange ao tema do conhecimento, as mídias digitais cada vez mais requerem do seu usuário um conhecimento técnico e preciso para extrair de suas ferramentas o melhor proveito e com maior rapidez e isso requer formação específica, o que nem todos têm condições e poder. Assim, resta para a maioria dos que dessas tecnologias faz uso, se contentar com o fato de serem simples usuários, aumentando ainda a mais a distância entre aqueles que adquirem para si esse conhecimento específico e, por conseguinte, retira dessas tecnologias o proveito para sua ascensão social, mantendo na sociedade uma ordem de desigualdade entre as classes.

Devido a isso, muito se confunde sobre o que é a vida no mundo real e no mundo digital, estamos sendo conduzidos a viver entre essas duas dimensões, muitas vezes nos esquecendo de que as diferenças existentes, tanto lá quanto cá, não deixam de ser parte do que nós somos. É por isso que se faz mais necessário um olhar aguçado sobre essas questões que envolvem as mídias e suas tecnologias na condução dos nossos projetos de vida. Evidenciando isso, Martino nos diz:

Poucos filósofos levaram a crítica à sociedade a um ponto mais crítico do que Jean Baudrillard. Sua proposta, em linhas gerais, é simples: a realidade desapareceu e vivemos um mundo hiper-real gerado pela combinação entre tecnologias de comunicação e sociedade de consumo. Esse “hiper-real” não é a “realidade”, nem pretende isso; trata-se de uma gigantesca simulação, estimulada a cada minuto, de algo há muito tempo perdido, o real, ou, como define Baudrillard em seu livro *Simulacros e Simulações*, “o deserto do real”. [...]

De certa maneira, o filósofo parte do princípio de que, de fato, não existe mais algo chamado “realidade” fora das mídias, das tecnologias de comunicação e do consumo. Aliás, esses três fatores estão ligados na medida em que os meios de comunicação não existem fora da sociedade de consumo, da qual não apenas são parte integrante quanto também assumem, muitas vezes, a face de protagonistas (MARTINO, 2015, p.260-261).

Baudrillard não poderia ser tão preciso nas suas observações, a realidade off-line não sobrevive mais sem o mundo on-line, somos interligados de maneira tão simbiótica, que já não nos identificamos mais sem o contato com o mundo digital. Para isso, basta atentar ao comportamento dos pais dessa nova geração, eles já incorporaram a tecnologia dos smartphones no acalento dos seus filhos, isso desde a mais tenra idade, um hábito que vai sendo estruturado com o tempo, ao ponto que as coisas mais simples da vida não podem mais serem feitas sem o auxílio dessa tecnologia.

Vejamos o que diz os jovens, retornando ao gráfico 07. Podemos observar que, com o advento das comunicações pelas ferramentas do *whatsapp* e do *instagram* eles passaram a ter majoritariamente mais vida social no universo on-line, do que off-line, seus ciclos de amizades crescem exponencialmente a cada dia, no entanto, dificilmente este mesmo número de amigos virtuais é visto pessoalmente ao longo de um ano, mas, que pela proximidade do mundo digital, suas relações aparentam solidez e verdade, contudo, a questão que nos faz pensar sobre esse tema, é justamente esse aparentar do mundo virtual, essa superficialidade que transita no universo midiático, que fascina o indivíduo e o leva a confiar mais nas aparências do que na realidade das coisas.

Desta maneira, o obscurantismo que mantém a desigualdade entre os jovens, permanece e se solidifica com essa ilusão da aparência sobre os fatos reais. O acesso às tecnologias e o tirar proveito delas de forma potencializada é bastante díspares, principalmente quando observado o conhecimento adquirido na formação da pessoa. Assim, o uso das tecnologias, a depender da formação adquirida, tende ao distanciamento dessa desigualdade, como podemos observar na fala de Pischetola:

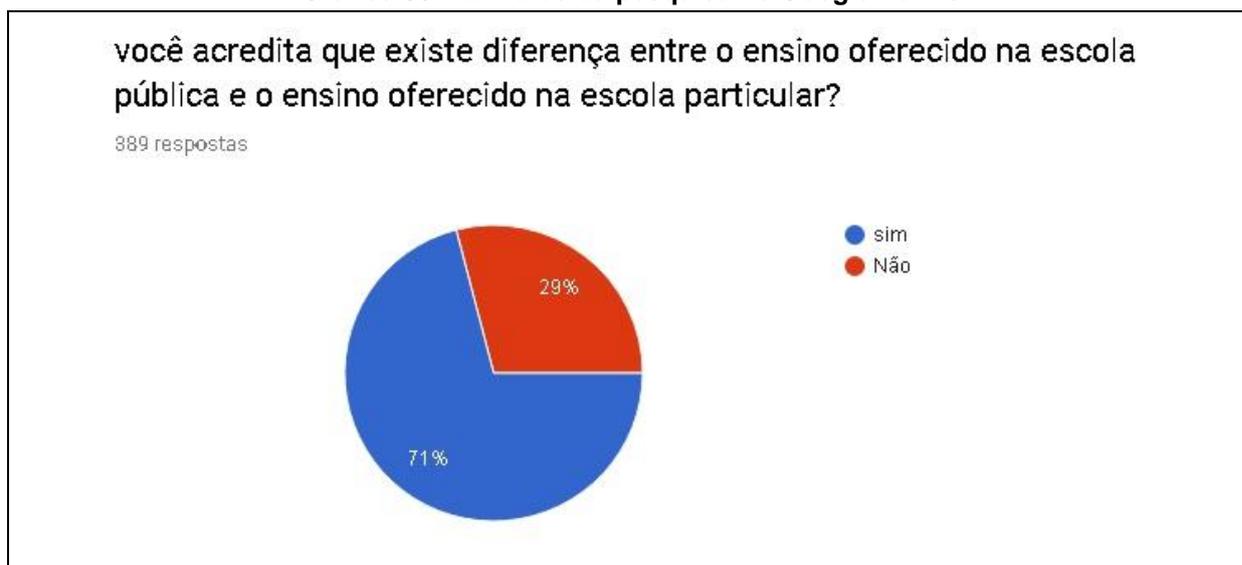
Um dos problemas abordados pela literatura sobre o assunto diz respeito à relação entre o acesso à tecnologia e as desigualdades sociais. O debate surge em torno da dificuldade de estabelecer se o advento das TICs reproduz as fraturas sociais existentes ou se é a própria tecnologia que gera novas desigualdades. Em linha essa posição, segundo a qual a desigualdade digital é um fenômeno novo, organizam-se as teorias que afirmam que o acesso à informação é, na sociedade contemporânea, uma forma de aquisição de poder. O uso das mídias digitais parece de fato favorecer o surgimento das novas posições de papéis no interior das redes sociais, contribuindo não só com a exacerbação das antigas desigualdades, mas também com a criação de novas formas de iniquidade. Nesse sentido, o conceito de desigualdade parece assumir o significado de exclusão social expresso por Weber (1980) como o mecanismo em que o poderoso se mostra excluindo o menos poderoso dos benefícios de uma relação social simplesmente por decidir manter fechada essa relação. Tal definição foi mais recentemente reelaborada por Tilly (1998), segundo o qual fazer parte de uma rede, sobretudo numa posição de poder, pode oferecer muitos benefícios individuais, porém à custa daqueles que são excluídos (PISCHETOLA, 2016, p.34).

Não nos resta dúvida então, que não existe essa certa igualdade publicitada pelo uso das mídias digitais e das tecnologias, existe, porém, uma lacuna que cresce ao passar do tempo entre as diferentes pessoas, usuários dessas mesmas tecnologias, mas pertencentes às mais distintas classes e status sociais.

Essa constatação, da desigualdade suscitada por Pischetola (2016), vai ser apresentada nas respostas sobre a existência de diferença entre o ensino nas escolas particulares e o das escolas públicas, analisados no gráfico 08 e na matriz de conteúdo 05, respectivamente. Neles poderemos perceber nitidamente que aquela diferença sobre o nível da formação educacional, e conseqüentemente, das oportunidades de ascensão ao ensino superior, são introjetadas na consciência dos alunos pesquisados, e que mesmo aqueles que mal tiveram a oportunidade de conhecerem de perto tais realidades subjacentes, são passivamente conduzidos a acreditarem que o grau de desigualdade entre essas instituições de ensino é abissal.

A observação a respeito dessa desigualdade descomunal apresentada na pesquisa, não se dá pelo percentual extraído da pergunta objetiva, nela o índice obtido ficaria num patamar de normalidade, como se vê no gráfico 08, ou seja, setenta e um por cento das respostas apresentadas afirmando a existência dessa diferença entre a formação adquirida nas instituições, dando a escola da rede particular mais vantagens sobre a formação adquirida na rede pública de ensino, sendo então, vinte e nove por cento de opiniões contrárias.

Gráfico 08 – Extraído da pesquisa no Google Forms



Algo, que aparentemente nos remeteria a uma análise precipitada senão fosse pelas respostas subjetivas relacionadas às justificativas dos apontamentos objetivos de *sim* e *não*.

Por essa razão, de não podermos ficar apenas com a simplificação objetiva das respostas, podendo comprometer a análise é que nos firmamos nos dizeres de Bardin (1995), para assegurar a fidelidade daquilo que nos foi proposto a analisar, para tanto, ela diz:

Na realidade, este processo dedutivo ou inferencial a partir de índices ou indicadores, não é raro na prática científica. O médico faz deduções sobre a saúde do seu cliente, graças aos sintomas, do mesmo modo que o grafólogo que pretende proceder com seriedade, infere dados sobre a personalidade do seu cliente, a partir de índices que se manifestam com frequência suficiente, ou em associação significativa com outros índices, na grafia do escritor. O mesmo se passa com a análise de conteúdo, mas a superficialidade do procedimento analítico está estreitamente relacionada com a diligência normal, habitual, de leitura e de compreensão da mensagem. O grafólogo pode tirar as suas conclusões sem se preocupar com o sentido do manuscrito que tem diante de si. O arqueólogo pode completar conhecimentos históricos através do exame de uma ânfora, sem que seja obrigado a servir-se dela. Pelo contrário, a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura «à letra», mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros «significados» de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc (BARDIN, 1995, p.41).

Assim sendo, olhando através da mensagem postada de forma objetiva e entrelaçando-a com aquelas expostas de forma escrita é que chegamos a essa conclusão tão preocupante, de que esses jovens, alunos dessa escola pública, objeto dessa pesquisa, tem uma visão discriminatória a respeito do ensino das escolas públicas como um todo. Eles acreditam que existe um diferencial entre o ensino das escolas privadas e o da pública, e que eles não são capazes de se igualar em capacidades ou de oportunidades. Pois mesmo nas respostas mais favoráveis a qualidade do ensino oferecido pela instituição do governo, existe sempre uma ressalva a despeito de alguma parte do que lhe é oferecido; seja da falta de empenho dos profissionais envolvidos na educação, da baixa qualificação dos professores, no péssimo comprometimento dos alunos ou até mesmo nos critérios ineficientes que envolvem as dependências físicas ou instrumentais das duas escolas, ficando sempre a escola particular com os melhores requisitos.

Podemos também verificar isso na fala do aluno pesquisado R-55, que justifica sua resposta sobre a diferença do ensino público para o ensino particular da seguinte forma: “Porque os professores de escola particular são mais "cobrados" pelos donos e diretores. Já em escolas públicas, a minoria é desleixada, por ser "concursados", mas não generalizando. Em alguns casos, tem professores de escola pública que são mais eficientes que os das particulares”. Ou seja, mesmo nas respostas mais positivas à qualidade do ensino das escolas públicas, sempre observamos um “porém”, um “contudo”, um “entretanto”, deixando sempre a desejar a qualidade da educação que é ofertada pelas instituições públicas.

Como se pode vê nas justificativas que compõem a matriz de conteúdo 05, nela as respostas tendem a delinear uma série de possibilidades que na visão dos alunos, aqui pesquisados, deixam transparecer aquilo que leva a essa desigualdade, entre os ensinamentos oferecidos e o que poderia ser feito para solucionar tamanhas discrepâncias entre o público e o privado.

Matriz de conteúdo 05 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Ensino	Organização e qualidade superior	R - 25	Sim. Pois escolas particulares oferecem recursos e materiais de qualidade na escola visando o aproveitamento do conteúdo passado de uma forma prática e clara. Já nas escolas públicas os "nossos governantes" não dão a mínima, salários necessários aos professores que se deveria dá, não investe em recursos tecnológicos para ajudar alunos portadores de deficiências, isso entre outras

			coisas.
		R - 61	Sim, a maioria das escolas particulares tem curso técnico, e a forma de ensino em sala é diversa, onde tem aula por slides, extraescolar... Diferente da escola pública, onde o Professor fica escrevendo no quadro e após isso, explica o conteúdo, e os alunos em suas mesas copiando o que está sendo escrito.
		R - 68	Creio que os alunos de escola particular em sua maioria tem noção da importância do estudo e isso faz com que os professores tenham mais prazer em dar aula, melhorando o ensino, além dos maiores salários para os professores.
		R - 97	Nas escolas particulares é óbvio. É visível a maior possibilidade de uso de outros recursos tecnológicos. Inclusive, enquanto que nas escolas públicas esses recursos (quando tem) são MUITO limitados.
		R - 165	Nas escolas particulares há regras rígidas que são cumpridas, a qualidade de ensino é maior, o aluno tem realmente que aprender, muitos acham isso chato, mas no futuro percebe que foi algo bom.
		R - 197	Da pra notar logo de cara que o ensinamento da escola particular é muito mais avançado que uma escola pública, tanto pela questão, que muitos professores pelo os seus direitos, faltam à escola devido a parte financeira. Escola particular raramente acontece algo relacionado na parte financeira que faça com que o professor falte à escola.
		R - 244	É notório que as escolas particulares preparam melhor seus alunos para uma faculdade, pois seus meios de ensino muitas das vezes são mais complexos do que os das escolas publicas.
		R - 262	"Algumas" escolas particulares tem uma estrutura em termos de educação, informação e inovação, em um nível mais elevado que a pública, pois o estado na maioria das vezes não consegue suprir as necessidades da escola. Por exemplo, a falta de cuidado e ferramentas em compartimentos do colégio como: salas de informática e laboratórios.
		R - 321	Escola particular tem mais aulas pros professores do que na escola pública, professores particulares são mais responsáveis com o seu trabalho, entre outros.
		R - 378	O ensino na escola particular é mais exigente, obrigando sempre os alunos a se dedicar mais, e a pressão dos pais também é maior por conta do dinheiro gasto.
Ensino	Desorganização e qualidade inferior	R - 24	Os professores de escola pública são os melhores, mas nos alunos não sabemos explorar seus conhecimentos. Sem contar os materiais que são disponibilizados.
		R - 26	Já estudei em escola particular, e eu só vejo diferença por que os professores faltam demais, os alunos na sala de aula fazem o que quer, quando o professor passa um assunto que a pessoa não entende ele acha que não tem o direito de tirar as dúvidas. É estranho, mais o desempenho tem que vim de você.
		R - 48	Depende da forma que o professor aplica suas aulas. Nas escolas particulares é raro ter professores faltosos, já no estado a maioria dos professores falta, assim, prejudicando os alunos.
		R - 55	Porque os professores de escola particular são mais "cobrados" pelos donos e diretores. Já em escolas públicas, a minoria é desleixada, por ser "concurados",

			mas não generalizando. Em alguns casos, tem professores de escola pública que são mais eficientes que os das particulares.
		R - 89	Eu acredito que o ambiente influencia o comportamento do indivíduo, portanto, os alunos das escolas públicas desmotivam os professores, ignorando seus conhecimentos e anos de estudos dormindo ou com fone de ouvidos em sala de aula. Com isso, os professores até conseguem passar seus conhecimentos para quem quer estudar, mas não repassa da forma que gostaria. Já na escola privada, eu nunca estudei, mas acredito que é completamente diferente, pelas as exigências que a escola segue.
		R - 103	Na escola particular há mais qualidade no ensino, nos professores, nos atributos estudantis, devido a abordagem dos donos da escola em trazer tecnologia aos alunos por exemplo. A escola pública mesmo sendo muitas vezes, ridicularizada na sociedade como uma instituição de ensino abaixo da média, faz com que os administradores não "liguem" para os alunos e sim para os seus interesses em mostrar números anuais, e não se importando cada vez mais com o aluno em si que está engajado na instituição de ensino.
		R - 151	A diferença é a exigência e a rigidez da escola para incentivar o aluno a estudar, pois as escolas particulares são rígidas e não passa aluno tão fácil, enquanto no colégio público sempre tem um trabalho e mais provas pra que o aluno passe e com isso o aluno fica relaxado e não se preocupa em estudar para passar.
		R - 230	Não, único diferencial que notei são os alunos e os professores, alunos esses, que não se interessam e professores que por a escola ser pública, não ter compromisso em ir dar aula, vai quando quer, falta muito.
		R - 325	Na maioria das vezes, escolas particulares tem um ensino mais rigoroso, e nas estaduais os professores faltam, não dão aula como deviam, entre outras coisas.
		R - 387	As greves que cercam as escolas públicas, falta de professores... Digamos que, as escolas particulares têm mais recursos e menos problemas.

Enfim, as respostas postas acima nos remete inevitavelmente a interpretação desse quadro alarmante que se encontra a educação na nossa sociedade, infelizmente, apontando um nível de inferioridade lastimável daquilo que se pretende com ela. Não é pretensão, no entanto, apontar culpados ou conjecturar soluções milagrosas para o problema, contudo, não podemos aqui, ficar inertes aos efeitos que o descaso com o ensino público tem provocado nas classes menos favorecidas desta mesma sociedade. Então, nos resta saber o quê pode ser feito para ao menos sanar essas feridas expostas pelo descaso com o ensino público? Nesse sentido, recorreremos a Miguel Arroyo:

Os currículos, os conhecimentos e as didáticas, o que ensinar-aprender na educação média, têm tido ênfases diferenciadas, dependendo de quem são e como são pensados os jovens populares educandos destinatários da

educação pública média. Enquanto os alunos eram, em sua grande maioria, os jovens dos setores “médios e altos”, o item “o que ensinar-aprender?” destacava as competências que esses jovens e suas famílias buscam nas escolas privadas: o domínio das competências requeridas para o vestibular, para poder aceder por mérito para áreas do ensino superior que os capacitem para profissões próprias dos setores de origem. As Diretrizes Curriculares referendavam essas demandas de capacitação para a universidade. A questão “que currículos de educação-Ensino Médio?” não se colocava com o destaque com que se coloca nas décadas recentes.

[...]

Com a chegada à educação média dos *Outros* adolescentes, jovens, adultos e de *Outros* docentes, somos obrigados a reconhecer a heterogeneidade, a pluralidade, as diferenças feitas tão desiguais em nossa sociedade. Um reconhecimento nada fácil em uma tradição curricular que se pautou pela homogeneidade. Se a diversidade, a heterogeneidade e a pluralidade de educandos e de educadores chegam às escolas, como pautar as escolas, a docência e os currículos de modo a respeitar e incorporar essas heterogeneidades e diferenças? Como garantir seu direito à igualdade e seu direito às diferenças? Elaborar currículos, tendo como referente de sentido o reconhecimento desses jovens populares, que hoje chegam à educação média, como sujeitos de direitos, torna-se mais complexo e desafiador. De forma semelhante como vem sendo desafiador o reconhecimento dos docentes como sujeitos de direito à sua diversidade (ARROYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.59-60).

Será que nossa problemática perpassa a questão curricular do ensino médio como trata Miguel Arroyo? Com certeza, sim! Mas, ela também se estende por diversos outros setores que compõem a educação pública. Existe uma estruturação desse sistema de ensino que demanda décadas, imbuído com um propósito de descredenciar a qualidade da sua educação em prol de interesses explicitamente econômicos, favorecendo largamente um segmento que sobrevive da especulação, e do fracasso do ensino público, além da exploração dessa carência pela rede de ensino privado.

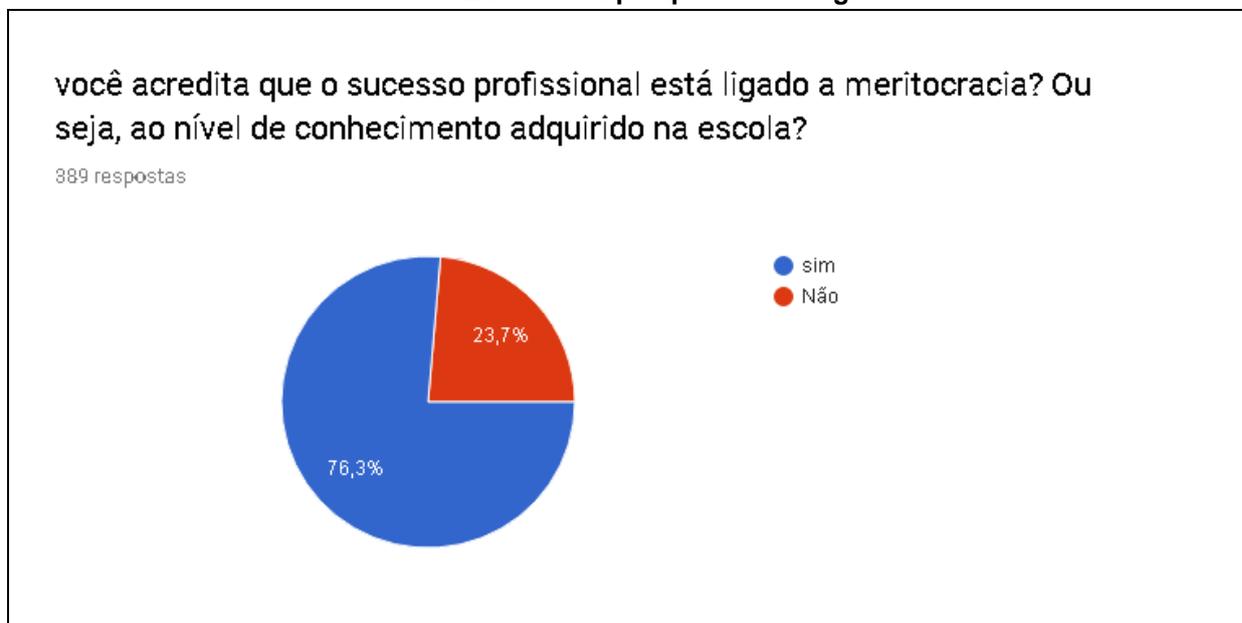
Os empresários da educação não estão preocupados com a qualidade do ensino público, pelo contrário, se houvesse preocupação seria se por acaso esse ensino público causasse uma reviravolta e se tornasse um ensino com qualidades superiores aos ofertados pelas suas empresas de ensino.

Arroyo, na citação anterior, fala de uma educação voltada para o mérito: “o domínio das competências requeridas para o vestibular, para poder aceder por mérito para áreas do ensino superior que os capacitem para profissões próprias dos setores de origem” (*idem.*, p.59-60), essa era uma proposta secular, mas que infelizmente, retornou aos tempos de hoje com uma força persuasiva, que vincula toda uma gama de consequências para justificar o fracasso desses jovens educados nas escolas públicas, principalmente quando o assunto é empreender nos cursos

superiores das universidades públicas, e acima disso, alcançar o sucesso profissional no mercado de trabalho.

No gráfico 09 verificaremos como os alunos pesquisados se comportaram a esse respeito.

Gráfico 09 – Extraído da pesquisa no Google Forms



Percebe-se, pelo percentual das afirmativas, setenta e seis, vírgula três por cento, que sem sombra de dúvidas, há o reconhecimento de que para a obtenção de uma carreira profissional de sucesso o indivíduo tem que ter mérito para tal, que mesmo existindo casos onde o sucesso se dá pela sorte ou pelo aspecto vocacional, como nos casos extraordinários, mas que depois, para que haja a manutenção desse sucesso o indivíduo tem que se especializar ainda mais naquilo que o dom lhe foi atribuído.

Para alguns dos jovens pesquisados as chances de vencer na vida sem o devido preparo intelectual fornecido pelos meios educacionais normais são irrelevantes, mas os poucos que negaram essa possibilidade, vinte e três, vírgula sete por cento para ser exato, admitem que só os saberes fornecidos pela vida já seriam suficientes para esse sucesso profissional. Muitos deles associam que o conhecimento escolar e o conhecimento paralelo a ele sejam coisas diferentes. Vejamos o que diz o aluno pesquisado na resposta R-2, da matriz seguinte, quando ele nega a condição do mérito pelos estudos adquiridos na escola: “Não, porque pra você ser um profissional de sucesso só o que foi estudado na escola não é suficiente, principalmente nos dias de hoje que pra qualquer trabalho é necessário

no mínimo um curso”. Observamos como na sua resposta existe um equívoco sobre o que é a meritocracia, assim como, os meios para a obtenção de uma carreira profissional invejável. Ele despreza o que se aprende na escola, mas admite que necessite de um curso pra se especializar no que pretende exercer com méritos. Ora, é inegável que o nível de compreensão desse aluno quanto aos meios de construção de sua vida profissional está equivocado, e quando confrontamos a sua justificativa com a resposta do aluno R-350, que admite a formação escolar como alicerce para alcançar seus objetivos ao dizer que: “Para ser um bom profissional é necessário uma boa base, pois sem uma boa base não será possível possuir êxito no ensino universitário e, conseqüentemente, na carreira profissional”. Percebemos o grau de distanciamento de um para o outro aluno, dos seus comprometimentos com os estudos e dos seus propósitos futuros a partir dele.

Nesse sentido, por essas distorções de entendimento sobre o que pode ser alcançado pela educação é que precisamos, enquanto professores, educadores ou mediadores da educação, demonstrar pelo ensino o quão importante ele é para tudo que se pretende na vida, não apenas para nos enriquecer de saberes, mas também, para nos capacitar a resistir aos abusos que por ventura caíam sobre nós, seja no âmbito da vida profissional, ou na própria vida social o conhecimento sempre será necessário ao ser humano. Infelizmente essa lógica da meritocracia não deveria existir entre nós, no entanto, quando se vive numa sociedade que prega essa demanda segregadora entre os indivíduos e as suas profissões, ou até mesmo pregando o que cada um é pelo que tem, precisamos conviver com essa política marcada pela injustiça social e lutar com suas armas, combatendo o inimigo no seu território, para depois de vencê-lo tentar mudar as regras do jogo.

A educação pública, aos poucos vem se tornando uma educação para o mercado de trabalho, o ensino técnico vem se propagando excessivamente nas escolas públicas, de forma que os jovens que ali estudam aos poucos vêm sendo transformados em uma massa para atender a essa demanda do mercado de trabalho, e infelizmente, para preencher os cargos de menor capacidade intelectual. A esse respeito, retornamos ao que diz Miguel Arroyo:

Há uma lógica nesse padrão de trabalho que cada vez mais configura o Ensino Médio: as profissões superiores, os trabalhos mais sofisticados entram em um mercado sofisticado, exigente de preparo por seu caráter escasso, impondo a lógica do mérito, da seletividade, da segregação. Do Ensino Médio é exigida essa lógica classista segregadora, meritocrática: ser para poucos ou para a preparação dos poucos com mérito e não um direito

de todo adolescente, jovem e adulto. O Ensino Médio e seus currículos têm dificuldade de se afirmar como campo de direitos, e os docentes têm dificuldade de se identificar como profissionais de direitos. Terminam incorporando essa cultura seletiva, meritocrática, segregadora inerente às relações sociais do mercado de trabalho. Até os jovens trabalhadores, populares que lutam pelo acesso e permanência no Ensino Médio, são obrigados a incorporar essa lógica do mérito ou terminarão incorporando ou reforçando a identidade social de sem-mérito, como destinatários à segregação. As camadas médias e altas incorporaram essa identidade social meritocrática do trabalho e do Ensino Médio e pagam caro por adaptar seus filhos a essas exigências. A escola pública se debate entre uma qualidade meritocrática ou pública, de direitos – espaço de garantia de direitos ou de disputa de mercado. É difícil reconhecer os jovens como sujeitos de direitos se o Ensino Médio se pensa como espaço de mercado (ARROYO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.167).

Nossa sociedade se transformou e com ela a forma de dominação do homem pelo homem como ensinou Hobbes. Mas como nos diz Arroyo, estamos pagando um preço muito alto com os nossos jovens, principalmente aqueles que se encontram nas esferas da educação pública, onde o ensino tem se mostrado cada vez mais inoperante, limitado e incapaz de sozinho promover a autonomia dessa juventude. É preciso ir mais além, é necessário agir com a educação para poder transformar pessoas que possivelmente transformarão o sistema. Porque, como sabemos a educação da forma que se encontra atendendo aos desmandos dos poderosos e dos governantes sem escrúpulos, sistematizada para cumprir apenas sua missão de formadora de mão de obra barata, não é capaz de sozinha promover a emancipação dessa juventude. Como diz Adorno:

O que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrada no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontre esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria de se pressupor – o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido (ADORNO, 2012, p.172).

Portanto, enquanto não conseguimos alterar a rota traçada pelos manipuladores do sistema somos forçados a conviver com essa política da meritocracia no ambiente educacional, conscientizando nossos jovens aprendizes, de que o sucesso acadêmico e profissional, infelizmente, nesta sociedade de capital, é prioritariamente para aqueles que constroem com solidez suas bases de conhecimento, seja na escola formal, seja no seu tempo livre se especializando ainda mais em qualquer área do saber.

O que podemos constatar como verdade, mediante a maioria das respostas apresentadas na matriz de conteúdo 06:

Matriz de conteúdo 06 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Meritocracia	Formação escolar relevante	R - 4	Tudo que você aprende na escola você usa no dia a dia e é muito importante saber lidar com as situações.
		R - 11	Não vamos a nenhum lugar sem conhecimento e se você tem ensino escolar você com certeza vai ter mais oportunidades, e logo o sucesso na vida pessoal.
		R - 37	Pois quanto mais conhecimento você tiver, mais bem preparado estará e dessa forma vai ter mais chances no seu sucesso profissional.
		R - 61	Sim, claro que se tiver um bom conhecimento adquirido na escola vai facilitar muito mais o rendimento nas empresas juntamente com seu desempenho no que está fazendo.
		R - 84	O conhecimento é uma arma poderosa que a escola passa aos alunos e que se dedicarem poderão chegar longe.
		R - 165	Todo prédio, por mais alto que seja precisou de um alicerce; colunas fortes. Da mesma forma ninguém se torna um grande profissional sem uma boa base.
		R - 219	Sem escolaridade, você não vai obter nenhum conhecimento, a escola é essencial na vida de todos.
		R - 261	Sim, porque a concorrência é muito grande, é o mais preparado é quem ganha!
		R - 333	Sem o conhecimento adquirido no colégio, não vamos a lugar nenhum. Tanto que pra tudo que a gente pensa para um melhor futuro, tem que ter estudos.
		R - 350	Para ser um bom profissional é necessário uma boa base, pois sem uma boa base não será possível possuir êxito no ensino universitário e, conseqüentemente, na carreira profissional.
	Formação escolar irrelevante	R - 2	Não, porque pra você ser um profissional de sucesso só o que foi estudado na escola não é suficiente, principalmente nos dias de hoje que pra qualquer trabalho é necessário no mínimo um curso.
		R - 18	Hoje em dia o conhecimento não está só na escola, em qualquer lugar que procurarmos vamos achar o conhecimento. Não devemos nos prender só a um local de conhecimento, mas sim abranger nosso horizonte.
		R - 31	Tem pessoas que estudam em casa, se dependesse de alguns professores nem chegariam na esquina.
		R - 50	Vemos exemplos de muitos grandes nomes que eram horríveis na escola, mas que tinha um intelecto enorme como Bill Gates, se você é inteligente o colégio não vai limitar isso.
		R - 78	Acredito que é a força de vontade de cada um.
		R - 92	Você pode não se sair muito bem na escola, mas no meio profissional sim. O que você aprende na escola é o começo do que você deve aprofundar em casa se sua vontade for ser um profissional de sucesso.
		R - 109	Porque terá assuntos que foi aprendido na escola que não usaremos para se profissionalizar. Tudo irá ser lembrado e/ou aprendido na formação daquela determinada profissão.
		R - 142	O sucesso profissional estar mais relacionado ao que o indivíduo gosta. Não do que ele é obrigado a aprender.
		R - 167	Obviamente que não, muito dos meus saberes são de

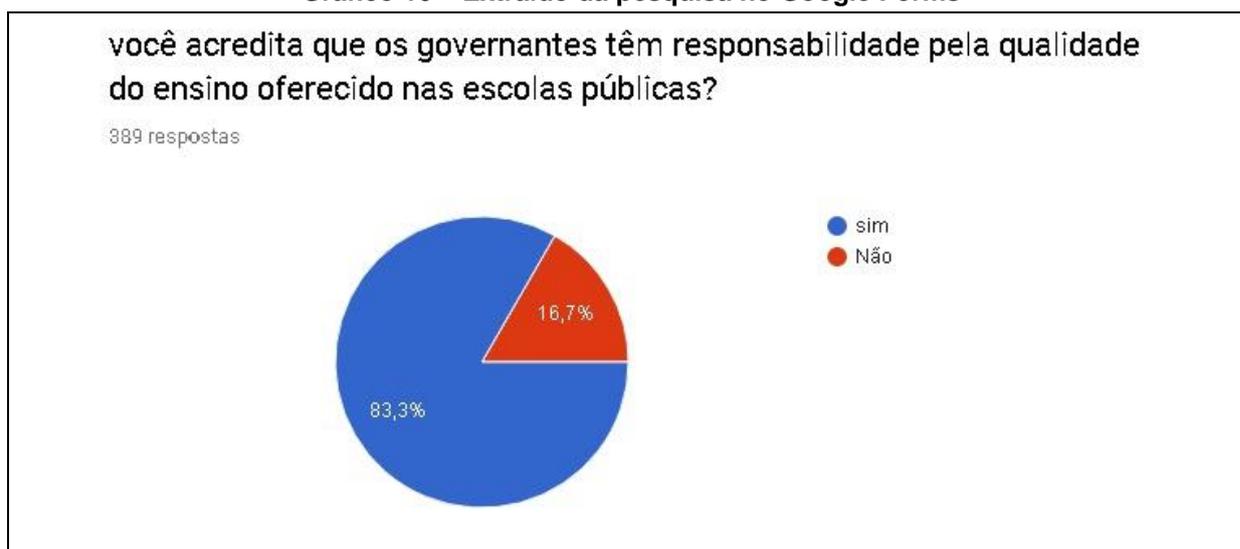
			conhecimento dos livros que comprei. Os livros da escola são outra fonte forte de conhecimento para meu crescimento, mas não posso concordar que o sucesso profissional esteja ligado ao conhecimento adquirido na escola, talvez para alguns sim, que não tenham talvez outras fontes de conhecimento, porém para mim, é parcial.
		R - 235	Não, pois é apenas uma fase de nossas vidas não dita o nosso futuro, mas o reflete, sendo assim, podemos dizer que há "algum mérito nos estudos".

É inegável portanto, que para esses alunos colaboradores desta pesquisa, que o tema meritocracia esteja presente em suas consciências, mas que embora, eles percebam que exista a necessidade de se aperfeiçoar em aprendizado desde as suas bases primárias, como é o caso da escola formal, também necessitam ainda mais de conhecimentos específicos adquiridos ao longo de suas jornadas como estudantes, para poder trilhar o caminho do sonho almejado. Contudo, quando verificamos que a dedicação deles para essa formação desejada não se configura na prática, percebemos que ainda falta muito que fazer com a educação, para poder consolidar o que eles reconhecem como mudança de seus hábitos, ou seja, deixarem de ficar no universo da teoria sobre o que representa a meritocracia, e passarem a dedicar mais do seu tempo para reforçar os conhecimentos adquiridos na escola, capacitando-se para concorrer de igual para igual com aqueles jovens oriundos das escolas particulares, que para eles, recebem uma melhor formação comparada as suas.

E quando passamos a analisar sobre essa desigualdade reconhecidamente esboçada por eles nos mais diversos pontos apresentados na pesquisa, onde o ensino da escola pública é inferiorizado com relação ao ensino das escolas particulares, verificamos que grande parte da atribuição da responsabilidade por essa disparidade entre os ensinos, na visão desses alunos, vem da responsabilidade dos governantes para fracasso da educação pública.

No gráfico 10 constatamos que para oitenta e três, vírgula três por cento dos alunos, os governantes são responsáveis pelo descaso com o ensino nas escolas públicas. São variáveis as razões que levaram a eles a esse entendimento, mas isso não impede que cheguemos a uma compreensão de até aonde vai o grau de insatisfação desses jovens, com aquilo que é feito pelos governos quando o assunto é educação.

Gráfico 10 – Extraído da pesquisa no Google Forms



O apontamento dos índices fornecidos no gráfico acima revela também, que existe um amadurecimento político latente nas suas falas, até mesmo entre aqueles que não atribuem a responsabilidade aos governos, os que somam dezesseis, vírgula sete por cento que têm em suas justificativas algo de plausível quanto ao entendimento sobre as atribuições governamentais para com o ensino público, contudo, não manifestam como sendo eles, os governantes, os principais encarregados pela baixa qualidade encontrada na educação pública.

Dito de outra maneira, o que podemos perceber sobre essa postura crítica esboçada em suas justificativas é que esses jovens reconhecem seu lugar na sociedade, mas que ainda não sabem como se postar diante dela. Percebemos nisso também, uma ótima oportunidade para que os professores estimulem essa veia participativa deles, principalmente nas questões inerentes a vida escolar, e dela, promover saltos participativos nas questões de suas comunidades, e por fim, agir diretamente com ações efetivas junto aos órgãos políticos das mais distintas instâncias governamentais. Desta forma, com essas práticas cidadãos, esses jovens estarão amadurecendo sua consciência política e reconhecendo efetivamente seus direitos. Nesse sentido, consolidam o pensamento de Dayrell e Carrano quando dizem:

A noção de participação é ampla e diversa. Há vários sentidos para a palavra participação e várias formas de realizá-la. Em um sentido mais amplo, a participação nos remete à ideia de adesão das pessoas em agrupamentos produzidos nas variadas dimensões de organização da sociedade. Em um sentido mais estrito, a noção de participação nos remete à presença ativa dos cidadãos nos processos decisórios das sociedades. E essa noção tem a ver com a participação política ou com a participação

cidadã. Os espaços e tempos da participação podem promover a educação para a vida pública, o aprendizado da cidadania e dos valores democráticos. Dito isso, afirmamos que a experiência participativa é, por sua própria natureza, uma experiência educativa e formativa.

A experiência participativa representa uma das formas de os jovens vivenciarem processos de construção de pautas, projetos e ações coletivas. Além disso, a experiência participativa também é importante por permitir aos jovens vivenciarem valores como os da solidariedade e da democracia e por permitir o aprendizado da alteridade. Isso significa, em última instância, aprender a respeitar, perceber e reconhecer o outro e suas diferenças. O exercício da participação pode ser, então, uma experiência decisiva para a vida dos jovens – um efetivo contraponto – em uma sociedade que, ao se individualizar, enfraquece ideias, valores e práticas relacionadas à dimensão coletiva da vida social (DAYRELL; CARRANO *In*: DAYRELL (org.), 2014, p.121).

A educação nos moldes que vem sendo conduzida, reduz em muito a capacidade criativa da juventude, limitando-a em ações repetitivas de conteúdos apresentados, ou direcionando-os a um conhecimento técnico rasteiro, que mal atende as reais necessidades do mercado de trabalho. Precisamos reverter tal quadro com conhecimentos que sejam capazes de transformar as capacidades já adquiridas e que transcendam as necessidades de uma formação educacional imediatista.

Essa juventude demonstra uma potencialidade, bastante observar as respostas na matriz de conteúdo 07 e vê como são precisos em suas assertivas sobre as questões pertinentes a educação que lhes é oferecida. Portanto, a conscientização de que eles também são corresponsáveis pelos descasos dos governos se ficarem inertes a esses descasos é razão suficiente para ativar a defesa dos seus ideais com a educação, e argumentos plausíveis não lhes faltam, como se vê nas justificativas apontadas na matriz abaixo:

Matriz de conteúdo 07 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Escola Pública	Governabilidade e qualidade de ensino satisfatória	R - 90	Cabe aos governantes oferecer um ambiente de ensino adequado e garantir a oportunidade de estudar para todos os cidadãos.
		R - 109	O ensino depende também dos profissionais de educação. Mas os governantes têm sim um papel importante para o ensino, eles devem pagar bem os profissionais de educação. Sempre investindo mais na educação.
		R - 110	Acredito! Mas não são só eles que podem oferecer uma boa qualidade de ensino, professores, coordenadores, diretoria, a escola em geral pode dar uma atenção maior ao aluno. Mas os governantes ajudariam muito com melhores valorizações ao professor, ao aluno, a todos que participam da escola.
		R - 157	Sim, os impostos que pagamos devem ser repassados

			para todas as instituições públicas, principalmente para as escolas que é a base para a educação.
		R - 158	Pois eles estão no poder nos representando, no mínimo deveriam oferecer uma escola de qualidade para que a sociedade fosse um meio melhor de se viver e mais justo também.
		R - 165	Pagamos tão caro nossos impostos para ter acesso a uma saúde, segurança e educação de qualidade. Sendo assim, isto se torna obrigação dos governantes, já que a nossa parte é cumprida.
		R - 202	Pois são os governantes que devem investir mais na estrutura e nos profissionais para melhorar a qualidade de ensino e valorizar mais os profissionais tão importantes para a sociedade.
		R - 344	Sim, eles são quem administram as verbas, ou seja, eles deveriam investir mais na educação, e eu não me refiro a livros didáticos ou a melhoria do lanche e sim, no aprendizado e disciplina. Crianças que venham entender desde pequenas que os estudos é a sua única porta de saída para a mudança de vida.
		R - 350	É de responsabilidade do governo o ensino da escola pública, pois é ele que determina os métodos de ensino que serão oferecidos, além da valorização do professor.
		R - 384	O meio financeiro é um importante fator para essa qualidade. Dessa forma, o dinheiro administrado por eles devem ser destinado a educação e infraestrutura de qualidades e práticas.
Escola Pública	Governabilidade e qualidade de ensino insatisfatória	R - 13	Quando eles não liberam verbas para reformas, fardamento, merenda, aparelhos eletrônicos para aulas (computadores para aula de informática, por exemplo), salas de dança ou música, artes marciais, etc. Eles acabam tirando um pouco do que poderíamos está aprendendo de colocar alguém um passo à frente. Não tem igualdade quando não há oportunidades iguais.
		R - 21	As escolas públicas são esquecidas pelo governo, isso não é nenhuma novidade para o nosso país. O que é uma pena.
		R - 49	A escola pública não recebe renda ou mensalidade dos alunos, e creio que os diretores não tiram do bolso para manter a escola, então, por isso o governo tem responsabilidade pelo ensino fornecido sim.
		R - 64	São os governantes que tem acesso ao dinheiro investido na educação e por isso eles tem a responsabilidade de administrar da melhor forma.
		R - 98	Atualmente vivemos em um período crítico, onde o nosso país está regredindo muito, os governantes não estão preocupados em oferecer a classe baixa ensino de qualidade para que os mesmo tenham conhecimentos de seus direitos, eles querem manter todos alienados, sob o controle do Estado. Assim disponibilizando um ensino de baixa qualidade e precário.
		R - 137	Porque muitos deles deixam de investir na educação para investir em outras coisas, e isso às vezes atrapalha o ensino das escolas públicas.
		R - 262	Os governantes têm total responsabilidade pela educação, uma vez que são responsáveis por oferecer a estrutura necessária para a mesma. Porém, esse não é o caso do

			Brasil.
		R - 317	Nossos governantes realmente não usam nosso dinheiro com um real empenho de ter um ensino de qualidade.
		R - 387	As escolas públicas dependem do dinheiro do governo, se há atraso não há como pagar os funcionários, merenda, e até mesmo o investimento na própria escola é comprometido, se o governo não investe não há educação de qualidade, não há alunos de qualidade.
		R - 390	Sim, com toda certeza, falta de investimento nas escolas, professores capacitados, livros de acordo com o ensino, estrutura, e entre muitas coisas.

No princípio, a ideia de ajustar ao currículo normal da escola a participação ativa nos problemas sociais dos quais estão inseridos os alunos pode até parecer tosca, mas é um começo necessário para grandes conquistas. O pensamento que se volta para o futuro arranca os entraves que nos finca no mesmo lugar, é preciso movimentar essa juventude com os propósitos conquistados por ela mesma, as limitações do ofício de professor não pode ser impedimento de alcançar tais metas com seus alunos, e só se sabe do que se é capaz quando se ousa em ações. Adorno nos fala:

Que os futuros professores tenham uma luz quanto ao que eles próprios fazem, em vez de se manterem desprovidos de conceitos em relação à sua atividade. As limitações objetivas que, bem sei, se abatem sobre muitos, não são invariáveis. A auto-reflexão e o esforço crítico são dotados por isso de uma possibilidade real, a qual seria precisamente o contrário daquela dedicação férrea pela qual a maioria se decidiu. Esta contraria a formação cultural e a filosofia, na medida em que de antemão é definida pela apropriação de algo previamente existente e válido, em que faltam o sujeito, o formando ele próprio, seu juízo, sua experiência, o substrato da liberdade (ADORNO, 2012, p. 69).

A filosofia, assim como as demais disciplinas carregam amarras que limitam os seus profissionais de serem ousados, no entanto, o conhecimento que é produzido em todas essas ciências só terá sentido se tiver ligação com aquilo que se vive na vida prática, na realidade do cotidiano, desta maneira toda e qualquer questão que envolva o indivíduo e a sociedade é tema para se desenvolver na sala de aula. A esse respeito Marcelo Perine diz:

A filosofia é uma reflexão de segundo grau, que se volta sempre de novo para a realidade, que coloca sempre de maneira nova as perguntas que podem levar à compreensão do seu sentido. Sendo a reflexão da realidade no ser humano real, a filosofia nunca é acabada e só interessa aos que aceitem começar sempre de novo o esforço de compreensão de si mesmos e da totalidade inesgotável da realidade (PERINE, 2007, p.110-111).

É voltando-se para a realidade como disse Perine, que não podemos desprezar o conhecimento crítico despertado pelos alunos a respeito das problemáticas existentes na educação pública, principalmente no tocante as responsabilidades dos governantes, mas, para além disso, a capacidade desses alunos foi mais que adiante, não apenas se mostraram eficazes no apontamento dos responsáveis como propuseram algumas sugestões para a solução dos problemas apontados. É o que podemos constatar na matriz de conteúdo 08.

Matriz de conteúdo 08 – Extraída a partir do questionário aplicado pelo Google Drive.

Tema	Unidade de Registro	Resposta	Unidade de Contexto
Escola Pública	Sugestões para que os governantes melhorem o ensino público	R - 13	Liberem a verba! Se o dinheiro é destinado à educação, deem para a educação. Coloquem aulas extras (como dança, música, artes marciais...), para que os alunos possam ver mais coisas do que só números e possam decidir melhor o que querem para o futuro. E não, não tirem os números, mas nos possibilitem aprender de outras formas. Disponibilizem cursos bons, onde possamos terminá-los com um diploma que realmente valha alguma coisa. Aulas de línguas, sim, tantos professores graduados em tantos idiomas e sem um emprego por que não estão contratando, contrate-os, e nos possibilitem aprender línguas novas para que possamos abrir nossas mentes a novas culturas e pessoas, para não nos tornarmos seres humanos ignorantes.
		R - 25	Investir na educação, em recursos didáticos de qualidade, em recursos tecnológicos para que os professores possam dar suas aulas satisfatoriamente, investir na segurança dos professores dentro de sala de aula e dos alunos, cursos profissionalizantes e etc.
		R - 64	Aumentar as verbas investidas nas escolas, como no lanche e nos salários dos professores, e dá oportunidade de cursos pros alunos.
		R - 98	Primeiramente lutar pela igualdade de classe social, que afeta diretamente nos estudantes de escola pública. Pois temos que opinar pelo estudo ou pela sobrevivência, muitas vezes temos de escolher entre estudar para ter um futuro melhor, ou ir procurar um emprego para sobreviver. E muitas vezes temos que abandonar nossos estudos para poder viver na sociedade.
		R - 120	A minha sugestão é que os governantes não se limitem às questões básicas da educação. Onde proporcione qualidade de ensino para todos, desde o filho do governador ao filho do catador de latinha. Escolas com

			apoio total do governo, voltado para a aprendizagem e educação.
		R - 169	Os governantes deveriam começar valorizando mais os profissionais que trabalham nesse ambiente, eles poderiam também estimular ainda mais os alunos com coisas mais dinâmicas, como por exemplo, o "encontro estudantil" ou a "amostra científica de Arapiraca" no qual já foi nos dois, tive até um prêmio por isso, o que me motivou ainda mais a estudar sobre exatas, mesmo que meu foco seja na área de humanas, os governantes também deveriam investir na infraestrutura, e nos livros ou em outras formas de auxílios para o aprendizado mutuo, e deixar de "criar" ou "fazer" projetos para a educação, apenas para por no papel, fingir que estão fazendo algo ou dizer que fizeram algo.
		R - 209	Melhorando o país, o governo poderia investir melhor, fazer um reforma nos métodos de ensino, projetos para ampliar o conhecimento cultural, e a certeza de que o esforço obtido na escola será recompensado.
		R - 226	Investir nos professores, no material didático, na estrutura das escolas, e nos transportes, falo também nos transportes escolares pois tem pessoas que não moram perto das escolas públicas e não tem como chegar até elas, e nesse caso, se não tem transporte, a pessoa não tem como estudar.
		R - 259	Que eles garantam escolas com infraestrutura decente, combater a repetência com mais reforço escolar, colocar professores formados na disciplina e acima de tudo priorizar a educação em todo o sistema.
		R - 263	Mais qualificação dos professores, aparelhos de informática de qualidade, projetos que influenciem os jovens para quererem mais para o seu futuro...
		R - 276	Primeiro que acabassem com esse negócio de que tem que ser passados de ano no mínimo 60% dos alunos independente se ele tiver nota ou não. E melhorar a gestão e forma diferentes para aprendizagem, os livros tem que ser obrigatório o uso em sala, as bibliotecas tem que ter fornecimento melhor de conteúdo. Os professores compromissados com os alunos, sem ser desmotivados pelo salário abaixo do que eles recebem deve ter o aumento.
		R - 295	Professores universitários, com mestrado ou doutorado, mais presentes nos colégios públicos.
		R - 344	Investir em escolas de alfabetização para que quando chegassem ao ensino fundamental já tivessem a noção de um alfabeto de leitura, ou seja, uma base, pois muitas vezes os professores imagina que eles já saibam e assim

			seguem, com isso eles só se atrasam cada vez mais gerando assim uma geração empacada e de conhecimentos limitados.
		R – 361	Plataforma digital para estudo e avaliação, mudança no método de avaliação retirando provas e acrescentando seminários, qualificação de professores, acrescentar matérias de redação e discussão sobre temas da atualidade e incentivo a arte (principalmente música e dança).
		R - 364	Oferecerem mais projetos voltados à valorização do estudante e utilizarem métodos mais tecnológicos para aumentar a curiosidade dos estudantes para coisas que vão além da escola e que possam trazer futuros benefícios para os mesmos.
		R - 377	Que fosse investido não só professores qualificados, mas também junto aos órgãos competentes investissem em projetos que estimulem os alunos a irem às escolas.
		R - 386	Diria para que eles olhassem mais pelo povo deles, o povo que os escolheu como governante, por que acreditavam neles. Pediria melhoria nas escolas, no ensino, pediria mais professores, e pediria que ao invés de se preocuparem em abrir mais e mais prisões, abrissem mais escolas, por que com educação o país vai pra frente.
		R - 390	Foquem nos alunos, foquem em como eles precisam desse estudo para que tenham pelo menos felicidade no futuro, tenha um emprego bom, uma faculdade boa. Uma coisa que eu acho um absurdo, é o aluno de escola pública ter que pagar para fazer o vestibular federal, é sem cabimento. Tenham um pouco mais de consciência sobre a condição deles, e invistam a verba que é da escola pública, na escola!

Como podemos observar a partir das sugestões apresentadas, existe sim um entendimento maduro sobre o sistema de ensino e as suas dificuldades, como também existe uma conscientização desses jovens sobre as responsabilidades de cada um dos envolvidos no sistema e as suas possíveis soluções. Assim, da mesma forma como foram capazes de expressarem suas insatisfações e descontentamentos, também foram capazes de apontar os meios de sanar essas mesmas complicações, o que nos leva a crê, que assim também deve se proceder com relação à mesma postura quanto ao comprometimento do seu aprendizado, bastando para tanto, que sejam criadas as situações de entendimento e das

implicâncias com o descaso do não comprometimento com o ensino e da sua formação educacional.

Nessa medida, educar passa a ser uma ação continuada, que não se prende a limites ou barreiras, que não se retém ao universo da escola, que vai mais, que chega a preencher os vazios do dia, que alimenta o desejo de querer saber mais, muito mais, que não faz perder tempo com distrações inoportunas, como as que aqui já foram relacionadas a exemplo dos jogos virtuais e das redes digitais, não que eles sejam excluídos por definitivo, mas que deles sejam tirados os proveitos necessários, e não que se tornem correntes para limitar a sabedoria. Educar, na medida do que pensa Renata Aspís, quando diz:

Pensamos que o justo seria educar, hoje, para que o aluno seja *outro* e não um mesmo, um mesmo que qualquer modelo, ou seja, que ele seja *ele*. O justo é educar para oferecer condições para o educando conquistar pensamento autônomo. O pensamento que conhece suas razões, que escolhe seus critérios, que é responsável, consciente de seus procedimentos e consequências e aberto a se corrigir. Pensamento criativo, capaz de rir de si mesmo, buscador de compreensão, sempre atento ao seu tamanho justo. Esse pensamento não se permite torna-se ação baseada nos critérios da indústria. Ele não se permite o preconceito, não se permite coisificar. É, de alguma forma, uma ferramenta de libertar-se, libertação no sentido nietzschiano, libertar-se da opiniões, das obrigações, da preguiça e do medo. Afirmamos que o ensino de filosofia como experiência filosófica pode desenvolver esse pensamento (ASPIS, 2004, p.309).

5 CONCLUSÃO

Ao intitularmos esta pesquisa como: “Pressupostos da indústria cultural e massificação da juventude, numa perspectiva de Adorno e Horkheimer”, nos deparamos com muitos desafios antes mesmo do tracejar da primeira linha, afinal, esse trabalho não poderia se tornar pelo título, apenas mais uma pesquisa de cunho acadêmico, nosso propósito com a filosofia é que ela não seja suporte para nefelibatas, que ao contrário, seja propositiva e desenvolva sua efetividade na prática da educação, qualquer que seja a sua instância.

Assim, delineamos nossos estudos com esse propósito definido, compor com a filosofia algo capaz de se firmar no campo da prática e da materialidade, e ainda com ela, a possibilidade de desvelamento do obscurantismo existente quanto à educação dos jovens do ensino médio das escolas públicas e sua sistematicidade vinculada ao poder hegemônico do capitalismo envolto ao segmento da educação básica, nas suas instituições e ensino. E, em torno disso, analisar uma juventude que segue amorfa sendo vítima desse sistema que perpetua a desigualdade entre as classes e que tem tido nessa educação pública deficitária as motivações de sua exploração como mão de obra barata, entregue a um mercado de trabalho que não requer formação especializada.

Assim, a filosofia segue com um papel preponderante na formação para a autonomia, para a emancipação dessa juventude da escola pública, tornando-os multiplicadores dessa mesma emancipação adquirida com a educação. Como diz RANCIÈRE: “o que pode, essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência como igual a qualquer outra e considera qualquer outra como igual à sua” (2018, p.64), essa juventude não pode se render aos ditames de uma massificação, tem que debruçar-se no seu enfrentamento, resistindo através do processo de esclarecimento fornecido pela própria educação, mesmo que deficitária. Com diz ADORNO:

A figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 2012, p.182-183).

A resistência se dá pelo conhecimento, pela formação crítica e pela liberdade de escolhas conscientes. Por isso, que nesta pesquisa nos debruçamos no quesito que envolve a indústria cultural e suas novas facetas, com seus novos meios de comunicação de massa e de entretenimento, instrumentos capazes de penetrar na vida cotidiana desses jovens e de manter sua atenção concentrada para o consumo dessas novas tecnologias, desviando suas atenções do processo formativo da educação e, conseqüentemente, da sua qualificação para a ascensão profissional, “estudos apontam que, mais do que contribuir para novas esferas de sentido político e cultural, a internet volta-se cada vez mais para o mercado e o entretenimento, respondendo principalmente à lógica das ‘preferências’ dos usuários” (PISCHETOLA, 2016, p.14), com isso, o tempo destinado ao uso dessas tecnologias e seus aplicativos para fins pouco instrutivos tem se tornado uma prática, não apenas pelos jovens, mas também por vários segmentos etários da sociedade. Contudo, nosso estudo buscou na juventude, especificamente, naquela pertencente aos anos finais do ensino médio inseridas nas escolas públicas, para delinear esse comportamento de consumo e passividade com o sistema que se alimenta dele.

É verdade, no entanto, que nossa pesquisa não pode se aprofundar ainda mais nessas veredas da indústria cultural com relação ao uso dessas novas tecnologias, nem tão pouco chegar a um consenso sobre os danos do seu uso indiscriminado, bem como de mensurar os prejuízos causados para esses jovens quanto ao tempo perdido com essas tecnologias em detrimento da sua formação acadêmica e profissional, esses são temas que completariam essa pesquisa, mas que requerem tempo e dedicação, o que não vem a ser objeto neste trabalho, mas que no momento oportuno eles serão retomados e posteriormente relatados em estudos complementares.

Entretanto, podemos concluir com os dados coletados nesta pesquisa, que o problema da educação para o esclarecimento e autonomia de uma juventude crítica passa pela conscientização do indivíduo não apenas durante o processo formativo dado pelas instituições educacionais regulares, ele continua na extensão do seu dia a dia, com o comprometimento pessoal nas condutas ativas de suas atitudes para o posicionamento frente as suas conquistas e aspirações no curso da vida.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 2012.
- ADORNO, Theodor W. **Para que, ainda, filosofia?** Título original: **Wozu noch Philosophie**. Gesammelte Schriften – Band 10 (Kulturkritik und Gesellschaft: Eingriffe, Stichworte). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996. Tradução de Newton Ramos de Oliveira e Revisão técnica de Bruno Pucci.
- ADORNO, Theodor W., Horkheimer, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução, Guido Antonio de Almeida. – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: O ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Campinas, vol. 24, n.64, p.305-320, set./dez. 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. [L'Analyse de Conremt] tradução, Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro, Lisboa/Portugal: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução: José Gradei. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Ensaio sobre o absurdo. Exilados dos livros. Le livros.link. 1942. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 2012.
- DAYRELL, Juarez. (org.); CARRANO, Paulo. (org.); MAIA, Carla Linhares, (org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014.
- FÁVERO, Osmar; *et al.* (org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd. (coleção Educação para todos; 16). 2007.
- FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. Série Pesquisa v.6, 3ª edição: Brasília-DF: Ed. Liber Livro, 2008.
- FREITAS, Verlaine. **Adorno & a arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática** [Les Technologies de l'intelligence.] tradução, Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** [Qu'est-ce que le virtuel?] tradução, Paulo Neves, São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIMA, Maria Emília Amarante Torres. **Análise do discurso e/ou análise de conteúdo**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.9, n.13, p.76-88, jun. 2003.

LIPOVESTSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Tradução Maria Lúcia Machado. – São Paulo: Companhia das letras, 2007.

MAAR, Wolfgang Leo. **Adorno, semiformação e educação**. Educ. Soc., Campinas, vol.24, n.83, p.459-476, agosto, 2003.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 4. ed. Tradução, Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PERINE, Marcelo. **Ensaio de iniciação ao filosofar**. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

PORTOCARRERO, Maria Luísa. **Hermenêutica: Questão de método ou filosofia prática?** Universidade de Coimbra, Portugal. 2007, p.181-199 *In*: FERRER, Diogo. (Coord.) **Método e métodos do pensamento filosófico**. Portugal, Imprensa da universidade de Coimbra, 2007.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução: Maria do Rosário Gregolin; Nilton Milanez; Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz. 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural**. Comunicação e teoria crítica da sociedade. 3 ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004. – coleção comunicação 19.

SILVA, Cícero Inácio da. **A geração Z**. Revista eletrônica. Disponível na Internet. http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2014/02/small_youblisher.com-183638-Revista_A3_01_45_45.pdf Acesso em 19 de jan. 2018.

SOUZA, Carlos Avelar Martins de. *et al.* **Os significados dos jogos eletrônicos para jovens de uma escola técnica de campinas –sp**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v.2, n.1, p.44-63, jan./abr. 2015.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude, pesquisa e educação**. Revista brasileira de educação, 1997.

ZUIN, Antônio. PUCCI, Bruno. LASTÓRIA, Luiz Nabuco. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (coleção 10 lições).

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA**Pesquisa mestrado profissional em filosofia - UFPE.****Vigorou para recebimento de respostas entre os meses de agosto e setembro de 2018.****Este é um convite para você preencher o formulário:**

Essa pesquisa visa à análise de hipótese levantada na dissertação do mestrado profissional de filosofia da Universidade Federal de Pernambuco: "PRESSUPOSTOS da INDÚSTRIA CULTURAL e MASSIFICAÇÃO da JUVENTUDE NUMA PERSPECTIVA de ADORNO e HORKHEIMER", elaborada pelo mestrando; José Airton Albuquerque Torres, com os alunos do ensino médio, dos turnos matutino e vespertino da Escola Estadual Moreira e Silva - CEPA - Maceió/AL, no ano de 2018.

Ressalva-se, no entanto, que essa pesquisa é para fins estatísticos e que EM NENHUM MOMENTO o nome do aluno será revelado no decorrer da dissertação, permanecendo em sigilo até ulterior autorização por parte do aluno (maior de idade) ou do seu representante legal, (caso menor de idade) apenas se necessário.

seu nome completo: ***you se identifica com qual gênero?: ***

- Masculino
- Feminino
- Outro

you é aluno de qual turma da escola Estadual Moreira e Silva? ***you sempre foi aluno de escola pública? ***

- sim
- não

se you respondeu "não" na pergunta anterior, onde mais you estudou? *

- Escola particular "paga"
- Escola particular "bolsista"
- Escola vinculada a ONG.
- Escola vinculada à religião

you já repetiu de ano escolar alguma vez? *

- sim
- não

você já frequentou algum cursinho preparatório pré-vestibular? *

- sim
- não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

A vertical rectangular text input field with a light gray background and a thin border. It contains a small upward-pointing arrow icon at the top and a small downward-pointing arrow icon at the bottom, indicating it is a scrollable text area.

você pretende continuar estudando após a conclusão do ensino médio? *

- sim
- não

você deseja se tornar estudante universitário? *

- sim
- não

se você respondeu "sim" na pergunta anterior, qual o curso universitário pretende cursar? e porquê?

A vertical rectangular text input field with a light gray background and a thin border. It contains a small upward-pointing arrow icon at the top and a small downward-pointing arrow icon at the bottom, indicating it is a scrollable text area.

você tem o hábito de estudar em casa? *

- sim
- não

se você respondeu "sim" na pergunta anterior, quantas horas por dia você reserva para estudos complementares em casa? *

- de 0 a 1 horas por dia
- de 1 a 2 horas por dia
- de 2 a 3 horas por dia
- de 3 a 4 horas por dia
- mais de 4 horas por dia

- Não tenho o hábito de estudar em casa

se você respondeu "sim" na pergunta anterior, quantos dias por semana você reserva para estudos complementares em casa? *

- de 0 a 1 dia por semana
- de 1 a 2 dias por semana
- de 2 a 3 dias por semana
- de 3 a 4 dias por semana
- mais de 4 dias por semana
- Não tenho o hábito de estudar em casa

você acredita que apenas o ensino oferecido na sua escola, seja suficiente para alcançar o ensino superior? *

- sim
- não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

***Obrigatório**

Seção 2

você faz uso da internet? *

- sim
- não

quais os locais de acesso onde você mais utilizar a internet? *

- em casa "rede wi-fi paga"
- na escola "rede wi-fi grátis"
- no celular "rede móvel"
- em lan house "rede paga"
- locais públicos "rede wi-fi grátis"
- não faço uso da internet.

você faz uso da internet para complementar os estudos regulares da escola onde você estuda? *

- sim
- não

se você respondeu "sim" para a pergunta anterior, quantas horas por dia você utiliza

seu computador ou smartphone para complementar os estudos da sua escola? *

- de 0 a 1 hora por dia
- de 1 a 2 horas por dia
- de 2 a 3 horas por dia
- de 3 a 4 horas por dia
- mais de 4 horas por dia
- Não utilizo smartphone, nem computador para completar os estudos da escola

se você respondeu "sim" para a pergunta anterior, quantos dias na semana você utiliza seu computador ou smartphone para complementar os estudos da sua escola? *

de 0 a 1 dia por semana

de 1 a 2 dias por semana

de 2 a 3 dias por semana

de 3 a 4 dias por semana

mais de 4 dias por semana

Não utilizo computador, nem smartphone para complementar os estudos da escola

você utiliza a internet para jogos virtuais? *

sim

não

se você respondeu "sim" na pergunta anterior, quais dos jogos virtuais abaixo você mais

utiliza: *

Fortnite Battle Royale

FIFA 18

PRO EVOLUTION SOCCER 2018

Grand Theft Auto V

PLAYERUNKNOWN'S BATTLEGROUNDS

Minecraft

Battlefield™ 1

Forza Horizon 3

Tom Clancy's Rainbow Six Siege

Não faço uso de jogos virtuais

se você respondeu "sim" para a pergunta anterior, quantas horas por dia você utiliza

seu computador ou smartphone para jogos virtuais? *

de 0 a 1 hora por dia

de 1 a 2 horas por dia

de 2 a 3 horas por dia

de 3 a 4 horas por dia

mais de 4 horas por dia.

Não utilizo computador, nem smartphone para jogos virtuais

se você respondeu "sim" para a pergunta anterior, quantos dias por semana você utiliza

seu computador ou smartphone para jogos virtuais? *

de 0 a 1 dia por semana

de 1 a 2 dia por semana

de 2 a 3 dia por semana

de 3 a 4 dia por semana

mais de 4 dias por semana

Não utilizo computador, nem smartphone para jogos virtuais

você faz uso das redes sociais pela internet? *

sim

não

se você respondeu "sim" na pergunta anterior, quais das redes sociais abaixo você mais

utiliza: *

Facebook

YouTube
 Whatsapp
 ;Facebook Messenger
 Instagran
 Twitter
 Outra
 Não faço uso de redes sociais

se você respondeu "sim" para a pergunta anterior, quantas horas por dia você utiliza seu computador ou smartphone para relacionamento nas redes sociais? *

de 0 a 1 hora por dia
 de 1 a 2 horas por dia
 de 2 a 3 horas por dia
 de 3 a 4 horas por dia
 mais de 4 horas por dia.
 Não utilizo computador, nem smartphone para relacionamento nas redes sociais

se você respondeu "sim" para a pergunta anterior, quantos dias por semana você utiliza seu computador ou smartphone para relacionamento nas redes sociais? *

de 0 a 1 dia por semana
 de 1 a 2 dias por semana
 de 2 a 3 dias por semana
 de 3 a 4 dias por semana
 mais de 4 dias por semana
 Não utilizo computador, nem smartphone para relacionamento nas redes sociais

você acredita que o uso indiscriminado dos jogos virtuais e redes sociais pode causar mal a saúde? *

sim
 não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

você se considera controlado (consciente), no uso dos jogos virtuais e das redes sociais? *

sim
 não
 não faço uso dos jogos virtuais e nem das redes sociais

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

você acredita que o uso dos jogos virtuais e redes sociais pode prejudicar o rendimento escolar dos alunos? *

sim

não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

A rectangular text input field with a light gray border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically, with the top one containing an upward-pointing arrow and the bottom one a downward-pointing arrow. On the bottom left, there are two small square buttons, one containing a left-pointing arrow and the other a right-pointing arrow.

***Obrigatório**

Seção 3

você acredita que existe diferença entre o ensino oferecido na escola pública e o ensino oferecido na escola particular? *

sim

Não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

A rectangular text input field with a light gray border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically, with the top one containing an upward-pointing arrow and the bottom one a downward-pointing arrow. On the bottom left, there are two small square buttons, one containing a left-pointing arrow and the other a right-pointing arrow.

você acredita que as oportunidades de empregos e de chegar à universidade são maiores para os alunos oriundos de qual escola? *

da escola pública

da escola particular

iguais para as duas escolas

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

A rectangular text input field with a light gray border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically, with the top one containing an upward-pointing arrow and the bottom one a downward-pointing arrow. On the bottom left, there are two small square buttons, one containing a left-pointing arrow and the other a right-pointing arrow.

você acredita que o sucesso profissional está ligado a meritocracia? Ou seja, ao nível de conhecimento adquirido na escola? *

sim

Não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

você acredita que os governantes têm responsabilidade pela qualidade do ensino oferecido nas escolas públicas? *

sim

Não

justifique a sua resposta para a questão anterior. *

Sua resposta

quais sugestões você daria aos governantes para a melhoria do ensino das escolas públicas? *

Sua resposta

VOLTAR

ENVIAR